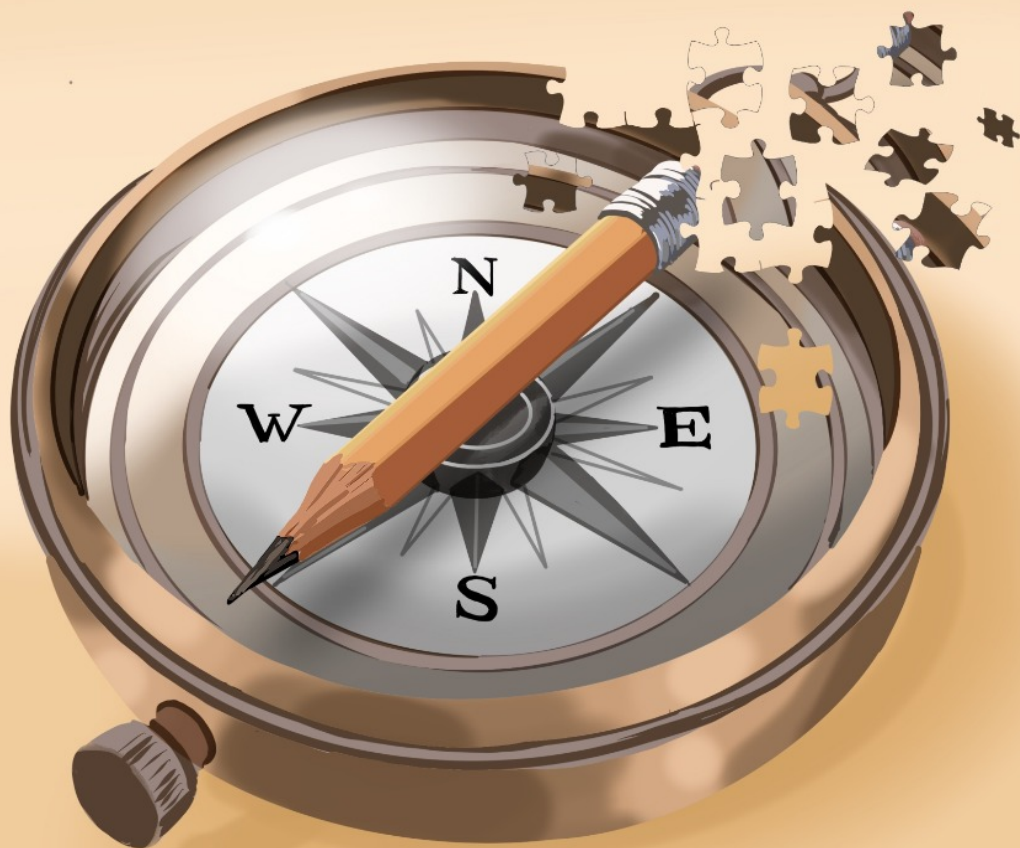


ESPAÇOS E MEMÓRIAS DAS APRENDIZAGENS



Organizadores:

Gilson Pôrto Jr.

José Lauro Martins

Audiodescrição:

Capa do Livro Espaços e memórias das aprendizagens.. Organizadores: Gilson Pôrto Jr. e José Lauro Martins. Publicado sob o selo Observatório Edições. Capa retangular vertical com fundo em cor fria, com imagem de uma bússula em construção com peças de quebra-cabeças. O ponteiro da bússula é um lápis. O título do livro está centralizado na parte superior da imagem. No rodapé a logomarca, alinhado à direita: Observatório Edições e alinhado à esquerda o nome dos organizadores Gilson Pôrto Jr. e José Lauro Martins. Fim da audiodescrição.

Gilson Pôrto Jr.
José Lauro Martins
(Org.)

ESPAÇOS E MEMÓRIAS DAS APRENDIZAGENS

Observatório Edições
2025

Diagramação/Projeto Gráfico: Gilson Pôrto Jr./ José Lauro Martins.
Arte de capa: Adriano Alves.

O padrão ortográfico e o sistema de citações e referências bibliográficas são prerrogativas de cada autor. Da mesma forma, o conteúdo de cada capítulo é de inteira e exclusiva responsabilidade de seu respectivo autor.



Todos os livros publicados pelo Selo Observatório/OPAJE estão sob os direitos da Creative Commons 4.0
https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/deed.pt_BR

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

E77

Espaços e memórias das aprendizagens / Organização: Gilson Pôrto Jr., José Lauro Martins -- Palmas, TO: Observatório Edições, 2025.
176 p.

Inclui bibliografia
ISBN 978-65-984499-7-1

1. Educação. 2. Aprendizagem. 3. Memória educacional. I. Pôrto Jr., Gilson.
II. Martins, José Lauro..

CDD 370.9
CDU 37.015.311
LCC: LA632

Marcelo Diniz – Bibliotecário – CRB 2/1533. Resolução CFB 184/2017.

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Observatório Edições e/ou do OPAJE/UFT. Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais. Todos os artigos passaram por avaliação dos pares.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS

REITOR

Prof. Dr. Luís Eduardo Bovolato

Pró-Reitor de Graduação

Prof. Dr. Eduardo Cezari

VICE-REITOR

Prof. Dr. Marcelo Leinerker
Costa

Pró-Reitor de Pesquisa e Pós-Graduação

Profa. Dra. Karileila de Andrade Klinger

Pró-Reitor de Extensão e Cultura

Profa. Dra. Maria Santana Ferreira dos Santos

**Núcleo de Pesquisa e Extensão Observatório de Pesquisas
Aplicadas ao Jornalismo e ao Ensino (OPAJE-UFT)**

Dr. Francisco Gilson Rebouças Pôrto Junior

Dr. Fernando Rodrigues Peixoto Quaresma

Dr. José Lauro Martins

Dr. Nelson Russo de Moraes

Dr. Rodrigo Barbosa e Silva

Dra. Marli Terezinha Vieira

SELO EDITORIAL Observatório/OPAJE

CONSELHO EDITORIAL

PRESIDENTE

Prof. Dr. José Lauro Martins

Membros:

Prof. Dr. Nelson Russo de Moraes

Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (UNESP),
Brasil

Prof. Dr. Rodrigo Barbosa e Silva

Universidade do Tocantins (UNITINS), Brasil

Profa. Dra. Maria Luiza Cardinale Baptista

Universidade de Caxias do Sul; Universidade Federal do
Amazonas, Brasil

Profa. Dra. Thais de Mendonça Jorge

Universidade de Brasília (UnB), Brasil

Prof. Dr. Fagno da Silva Soares

Clio & MNEMÓSINE Centro de Estudos e Pesquisa em História
Oral e Memória – Instituto Federal do Maranhão (IFMA), Brasil

Prof. Dr. Luiz Francisco Munaro

Universidade Federal de Roraima (UFRR), Brasil

Prof. Dr. José Manuel Pelóez

Universidade do Minho, Portugal

Prof. Dr. Geraldo da Silva Gomes

Universidade Estadual do Tocantins, Brasil

Como Referenciar ABNT NBR 6023/2018

Documento no todo

PÔRTO JR, Gilson; MARTINS, José Lauro (org.). **Espaços e memórias das aprendizagens**. Palmas, TO: Observatório Edições, 2025. 176 p. ISBN 978-65-984499-7-1.

Nos Capítulos

SOBRENOME, Nome; SOBRENOME, Nome. Título do capítulo. //:
PÔRTO JR, Gilson; MARTINS, José Lauro (org.). **Espaços e memórias das aprendizagens**. Palmas, TO: Observatório Edições, 2025.

SUMÁRIO

PREFÁCIO / 11

Geolange Carvalho Ferreira

Capítulo 1 – MINHA EXPERIÊNCIA COM AVALIAÇÃO: Seminário, provas e projeto / 15

Marli da Silva Pimentel

Capítulo 2 – A JORNADA DA AVALIAÇÃO: Experiências e aprendizado / 19

Wyttória Régia Neves da Conceição Duarte

Capítulo 3 – MEMÓRIAS QUE MINHA MENTE ESCOLHEU / 23

Amanda Carvalho Nogueira

Capítulo 4 – UMA JORNADA DE REFLEXÃO ENTRE A INOVAÇÃO DE ALUNO E PROFESSOR / 29

Douglas Alves da Silva Santos

Capítulo 5 – ENTRE A TEORIA E A PRÁTICA: Reflexões sobre avaliação e ensino na minha trajetória / 33

João Paulo Borges de Moraes

Capítulo 6 – PROVAÇÃO: Um memorial sobre métodos avaliativos na formação acadêmica / 37

Antonio Gibran de Almeida Cardoso

Capítulo 7 – ALÉM DA SALA DE AULA: Práticas avaliativas na formação em Enfermagem / 47

Claudia Aparecida Godoy Rocha

Capítulo 8 – DO OLHAR CRÍTICO AO CRESCIMENTO: Minha experiência com avaliações / 53

Cleber Queiroz Leite

Capítulo 9 – MEMORIAL AUTOBIOGRÁFICO / 59

Amanda Cristina Gonçalves Dias

Capítulo 10 – CONSTRUINDO COM CRÍTICAS: Uma história de resiliência / 65

Clay Marinângelo Miranda Rios

Capítulo 11 – UMA REFLEXÃO SOBRE A JORNADA E AVALIAÇÃO / 73

Délcio Aparecido Durso

Capítulo 12 – DO TRAUMA À TRANSFORMAÇÃO: A influência das avaliações em minha trajetória educacional / 77

Diêgo Monteiro de Queiroz

Capítulo 13 – MINHA JORNADA COM A AVALIAÇÃO: Da experiência discente à prática docente / 83

Dayana Sales Rodrigues

Capítulo 14 – SUPERANDO OBSTÁCULOS: Minha jornada da alfabetização ao mestrado / 91

João Pedro Sousa Lima

Capítulo 15 – RELATOS DE MINHA VIDA DE ESTUDANTE A PROFESSOR / 99

Jorge Cardoso Dias

Capítulo 16 – A JORNADA ENTRE MINHA VIDA PROFISSIONAL E A CONQUISTA NO MESTRADO / 105

Josimar Macedo Leal

Capítulo 17 – EXPERIÊNCIA DE AVALIAÇÃO ESCOLAR: Um breve relato autobiográfico / 111

Jucimar Souza Ribeiro

Capítulo 18 – CAMINHOS DA APRENDIZAGEM: Reflexões sobre avaliação e formação docente / 117

Juliana Girardello Kern

Capítulo 19 – REFLEXÕES SOBRE A AVALIAÇÃO DA APRENDIZAGEM / 123

Kátia Gonçalves Dias

Capítulo 20 – RETROSPECTIVA E REFLEXÃO: Minha jornada com a avaliação / 131

Klauren Mendonça Rezende Arantes

Capítulo 21 – UMA HISTÓRIA DE SUPERAÇÃO COM PROCESSOS AVALIATIVOS / 137

Maria Dilce Wania Rodrigues de Almeida do Nascimento

Capítulo 22 – VIVÊNCIAS NA EDUCAÇÃO: Uma Jornada de Aprendizado e Transformação / 143

Marilene da Silva Moura

Capítulo 23 – MINHAS HISTÓRIAS, MINHAS MEMÓRIAS: Algumas aprendizagens / 149

Nailson Pereira Ribeiro

Capítulo 24 – DA REPROVAÇÃO À TRANSFORMAÇÃO: Minha trajetória de aprendizagem e reflexões sobre a avaliação escolar / 155

Luciene Ferreira da Cunha

Capítulo 25 – ENTRE DESAFIOS E CONQUISTAS: Uma jornada de transformação pela educação / 161

Bianca Jenifer de Sá da Silva

SOBRE OS ORGANIZADORES E OS AUTORES / 167

Geolange Carvalho Ferreira

Receber o convite para escrever este prefácio foi uma grata surpresa. Em meio a tantas responsabilidades que se dividem entre a vida acadêmica e profissional, surgem oportunidades que nos desafiam a olhar além do nosso fazer diário, a refletir e contribuir para debates urgentes. Aceitar esse convite, é, sobretudo, permitir ser movido pela certeza de que esta obra trata de um tema inadiável.

Em memórias não muito distantes, preservei aquelas mais interessantes que me moviam pelo ímpeto da curiosidade. Fazia minhas leituras de mundo e me questionava sobre várias situações, as quais faziam parte do meu cotidiano, sobretudo, no ambiente mais fértil das minhas memórias visitadas estava a escola - um lugar que cresci invisível, tímida e cheia de medos - um lugar, em que o ensinar era mais importante do que aprender a se comunicar ou mesmo perguntar, sem contar que o sofrimento de aprender algo na escola era muitas vezes desassociado da vida cotidiana, tornando o conhecimento algo distante da realidade.

Lembro perfeitamente que meu pai me respondia muitas vezes quando me via em situações de dúvidas sobre assuntos do dia a dia que nem parecia que eu estava em uma escola. Para o meu pai, estar na escola implicaria diretamente em “saber tudo e saber resolver tudo...” e essa cobrança silenciosa se transformou em um fardo que carreguei por muito tempo.

A escola, para mim, era um espaço onde o medo de errar e a timidez em perguntar me aprisionavam em um ciclo de insegurança, enquanto a comunicação – essa ponte essencial entre o aprender e

a vida – parecia um detalhe sem valor no contexto escolar. Com o tempo, compreendi que aprender não é apenas decorar conteúdos ou responder corretamente às perguntas do professor. Aprender é também interpretar, expressar, debater, duvidar e construir novos sentidos a partir das experiências vividas. Mas quantas vezes foram silenciadas pelo receio de não corresponder às expectativas? Quantos estudantes cresceram sob a sombra da desinformação, acreditando que aprender era um ato solitário, sem diálogo com o mundo?

A partir dessas inquietações, fui conduzida à escolha da Pedagogia, uma profissão que me permitiria explorar novas formas de ensinar — formas impulsionadas pelo prazer da descoberta e pela criatividade no ato de aprender. Ao longo dessa jornada, mergulhei na filosofia do conhecimento e do pensamento, compreendendo que o mundo das ideias é, como já apontava Platão, um reflexo de realidades mais profundas, muitas vezes paradoxais e envoltas em um emaranhado de complexidades.

Aristóteles, por sua vez, ampliou essa visão ao defender que o saber não se restringe à contemplação, mas se manifesta na prática, na experiência e na busca constante pela compreensão. Essas perspectivas ampliaram meu olhar sobre a educação, levando-me a questionar modelos rígidos de ensino e a valorizar a comunicação como ferramenta essencial para transformar o aprendizado em uma experiência significativa. Afinal, aprender não é apenas absorver conteúdos, mas desenvolver a capacidade de interpretar, questionar e dialogar com o mundo ao nosso redor.

Nesse contexto, em tempos de excesso de informações e disputas narrativas, promover discussões acerca da relação entre ensino, comunicação e desinformação não se trata apenas de uma exigência da academia, mas de um compromisso com a responsabilidade de consciência social. A forma como aprendemos

e compartilhamos conhecimento impacta diretamente nossa compreensão da realidade, tornando essencial uma educação que prepare sujeitos críticos, capazes de navegar entre verdades fragmentadas e discursos muitas vezes manipulados.

Ao folhear as páginas deste livro, que se apresenta como um registro vivo de memórias inquietantes, observa-se que o passado e presente se entrelaçam no imaginário de um futuro que, paradoxalmente, parece sempre tardar a chegar às escolas. O leitor que se aventura por essas reflexões perceberá que não se trata apenas de um conjunto de textos sobre ensino, comunicação e desinformação. A obra impõe um chamado à reflexão crítica sobre os caminhos da informação e os desafios impostos por práticas chanceladas de conteúdos que moldam e muitas vezes distorce a nossa percepção da realidade.

Se nunca foi tão fácil acessar informações, também nunca foi tão difícil discernir entre o que é verdade e o que é fake news. Nesse sentido, esta obra emerge como uma necessidade urgente, sobretudo para aqueles que atuam na linha de frente da educação. Os textos aqui reunidos não apenas expõem as memórias internalizadas, mas é um convite à reflexão sobre como o ensino pode (e deve) estar articulado com a comunicação para o enfrentamento à desinformação.

Entre inquietações e proposições, não podemos nos posicionar de forma neutra diante desse fenômeno, nós, educadores e pesquisadores temos a responsabilidade de formar sujeitos que vislumbram a realidade em toda a sua complexidade. Quanto mais vemos o que está veiculado, mas é necessário ver também o que escapa à razão. Essa reflexão remete à ideia de que, em uma era de excesso de informações, a visibilidade não garante a compreensão plena da realidade. Seguindo o pensamento de Pennycook, a circulação do conhecimento é influenciada por contextos

socioculturais, exigindo um olhar crítico e uma postura cautelosa sobre o que é legitimado como verdade. Já Derrida aponta para a desconstrução como ferramenta para revelar o que escapa à razão. No mesmo sentido, sua abordagem dialoga com a necessidade de repensar o ensino e a comunicação em meio a discursos fragmentados e bilaterais. Se a escola de hoje precisa se reinventar, que seja a partir da construção de uma consciência crítica, capaz de resistir à manipulação e transformar informação em conhecimento.

Como disse Jacques Derrida (1930 – 2004) “Nada existe nada fora do texto”, e interpretar o mundo exige desconstruí-lo constantemente. Se dedicarmos nossa vida inteira a esclarecê-lo, certamente não será um tempo desperdiçado, ao contrário, o conhecimento do mundo deve ser um conhecimento inquietante, pois apenas assim podemos avançar para além da simplificação e do reducionismo.

Que estas reflexões sirvam como convite para pensar criticamente sobre ensino, comunicação e desinformação, reconhecendo que compreender o presente exige múltiplos olhares e leituras inacabadas, pois, como sugere a própria pós-modernidade, o conhecimento não se dá em verdades absolutas, mas em construções que se seguem em um constante ir e vir.

MINHA EXPERIÊNCIA COM AVALIAÇÃO

Seminário, provas e projetos

Marli da Silva Pimentel

Desde os primeiros anos na escola, a palavra "avaliação" esteve presente de maneira marcante em minha trajetória educacional. Para mim, a avaliação sempre representou uma balança, onde minhas conquistas e minhas falhas eram constantemente pesadas. Foi apenas ao longo do tempo, quando comecei a estudar mais profundamente sobre educação, que compreendi que a avaliação é muito mais do que um simples instrumento de mensuração de resultados: é, como disse Paulo Freire, "um ato de amor e coragem, que se traduz em um diálogo crítico e libertador".

Nos anos iniciais, as provas eram o principal método de avaliação. Recordo-me da ansiedade que sentia antes de cada exame, como se aquele momento definisse não apenas meu desempenho acadêmico, mas também meu valor como pessoa. Essa sensação era intensificada durante os anos do ensino médio, quando a avaliação por meio de seminários passou a ser uma constante. Cada aluno era obrigado a apresentar, sob pena de não obter nota caso não o fizesse. Lembro-me de um episódio específico em que,

apesar de ter me esforçado muito para preparar o conteúdo, sentia um peso esmagador ao falar em público. Meu coração disparava e a voz, por vezes, falhava. Esse tipo de avaliação, embora tivesse como objetivo estimular habilidades como comunicação e organização, acabou sendo para mim uma fonte de grande desconforto e insegurança.

Ao refletir sobre essa experiência, percebo que, apesar da intenção pedagógica, faltava um suporte emocional aos alunos para enfrentar esse desafio. Como aponta Luckesi (1998), a avaliação deve ser “um ato amoroso de cuidado com o outro, auxiliando-o a crescer em sua capacidade de aprender”. Naquele momento, no entanto, a avaliação era punitiva, pois os alunos que não conseguiam superar suas dificuldades ficavam marcados não apenas com uma nota baixa, mas também com a sensação de fracasso diante dos colegas.

Felizmente, minha percepção de avaliação foi transformada durante em uma das minhas pós-graduações, onde tive experiências verdadeiramente enriquecedoras. Nesse contexto, a avaliação deixou de ser vista como uma cobrança ou julgamento e passou a ser um momento de diálogo e aprendizado mútuo. Os seminários ainda estavam presentes, mas o foco não era apenas na exposição do conteúdo, mas na troca de ideias e reflexões coletivas. Os professores criavam um ambiente acolhedor, permitindo que cada aluno se expressasse no seu tempo, e valorizavam o esforço e o progresso individual. Essa abordagem me fez lembrar a afirmação de Dewey (1938) de que o aprendizado deve ser uma experiência contínua e significativa, com uma conexão entre a teoria e a prática.

Além disso, na pós-graduação, fui introduzido a métodos avaliativos como portfólios reflexivos e projetos interdisciplinares. Essas práticas me fizeram perceber que a avaliação não precisa ser apenas um fim, mas também um meio para estimular a construção do conhecimento.

Um dos momentos mais marcantes ocorreu em uma disciplina que utilizava o feedback como ferramenta central de

avaliação. Lembro-me de receber comentários construtivos sobre um trabalho em que explorei novas ideias, mesmo cometendo erros. Essa abordagem valorizava o processo e não apenas o produto final, mostrando que os equívocos eram oportunidades para o crescimento. Foi ali que compreendi, na prática, o que Freire enfatiza: "o erro não é o oposto do acerto, mas um momento do acerto".

Hoje, ao olhar para trás, vejo como minha compreensão da avaliação evoluiu ao longo do tempo. Das experiências desafiadoras com os seminários obrigatórios às abordagens mais humanizadas da pós-graduação, aprendi que o modo como somos avaliados influencia diretamente nossa relação com o aprendizado. Avaliações punitivas geram medo e resistência, enquanto práticas construtivas inspiram curiosidade e autonomia. Essa trajetória me ensinou que a avaliação deve ser um processo que estimula o desenvolvimento integral do indivíduo, respeitando seus tempos, desafios e conquistas. Afinal, como bem afirmou Freire, "ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua própria produção ou a sua construção".

Referências

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. 51. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

LUCKESI, Cipriano Carlos. **Avaliação da aprendizagem escolar**: estudos e proposições. 18. ed. São Paulo: Cortez, 1998

A JORNADA DA AVALIAÇÃO

Experiências e aprendizado

Wyttória Régia Neves da Conceição Duarte

A avaliação é um processo dinâmico e coletivo e, consequentemente, fruto do compartilhamento entre os sujeitos -- o ato de aprender não opera por transmissão da informação, mas pelo encontro permanente dos homens (educadores e educandos), mediatizados pelos diversos saberes de cada um.

– Paulo Freire.

Ao longo da minha vida, os processos de avaliação sempre estiveram presentes, marcando diferentes etapas e experiências. Quando olho para trás, percebo que essas avaliações não foram apenas momentos de verificação ou comparação, mas sim momentos de reflexão e aprendizado profundo, que me ajudaram a entender melhor quem sou e o que quero me tornar.

Desde a infância, quando a escola começou a exigir que eu fizesse provas e tarefas, as avaliações eram vistas como um reflexo do meu desempenho. Eu me lembrava da ansiedade que surgia antes de uma prova, a pressão para obter boas notas e a sensação de orgulho ou frustração ao ver os resultados. Naquela época, a avaliação parecia ser algo externo a mim, algo que os outros faziam para me medir.

Desse modo, durante toda minha formação até a graduação passei por processos de avaliações somativas, em que meu conhecimento era avaliado por nota, me lembro de sempre tentar ajudar meus colegas de alguma forma. Mas me lembro mais ainda, como me angustiava esse processo de avaliação, mesmo sabendo do conteúdo o nervosismo e a ansiedade tomavam conta de mim.

Acredito que há acontecimentos que me marcaram bastante nesses processos de avaliação: os vestibulares me frustravam muito, comecei a fazer eles no último ano do fundamental, as cobranças comigo mesma era o que mais me marcavam e a decepção com as reprovações. Ali era como se todos os meus esforços e o conhecimento que eu tinha não valesse de nada. Já tive muitas crises de ansiedade por essa avaliação competitiva.

Na graduação não foi diferente, a academia sempre exigia os melhores, com melhores notas, com mais projetos, com mais produções. Eu sofri intensamente não com as avaliações, mas como elas me faziam sentir, uma autocobrança interminável. Vial (2012) fala que a avaliação somativa considera os critérios de sucesso referenciados à norma (seja relativa a um dado grupo, seja relativa à aprendizagem desejada), desaparecendo o indivíduo enquanto pessoa.

Quando entrei na pós-graduação de um programa de residência me deparei pela primeira vez com uma avaliação que não era focada em notas, mas em competências. Tão acostumada com o ensino tradicional eu odiava as aulas com dinâmicas de metodologias ativas. Eu era o sujeito principal daquele aprendizado. Foi quando eu tive contato com as autoavaliações, para mim não havia lógica eu me autoavaliar. É muito difícil na minha visão identificarmos os nossos próprios erros. Uma vez falei para minha preceptora "é claro que eu não vou me dar uma avaliação ruim, dependendo disso para me formar". Eu estava totalmente fechada à ideia da avaliação tradicional que se importava com números e aprovações. De acordo com Fernandes (2009), a avaliação formativa

está fundamentada em uma cultura avaliativa que tem como objetivo principal a melhoria das aprendizagens, ajudando os(as) estudantes a superar suas dificuldades, com a compreensão de que todos(as) têm a capacidade de aprender. Se acreditarmos que a habilidade para aprender depende apenas da “aptidão” para adquirir certos conhecimentos ou de uma “vocação”, o conceito de avaliação formativa perde seu propósito.

Por fim, agora estou na outra posição como preceptora, eu entendi o sentido das autoavaliações e como a avaliação formativa contribui para o aprendizado. Esse ano foi a primeira vez que eu precisei avaliar alguém e me senti feliz em conseguir com avaliação dar um feedback construtivo. Romão (2005) descreve a avaliação como um processo contínuo que ocorre junto ao processo de aprendizagem, tendo um impacto significativo sobre o conteúdo que os professores ensinam, o que os alunos estudam e os conhecimentos que efetivamente adquirem.

Entendo agora que o processo de avaliação é algo contínuo. Ele não ocorre apenas em momentos específicos ou em datas marcadas, mas ao longo de toda a trajetória do ensino. O mais importante, aprendi que a avaliação deve ser feita de maneira compassiva. Não se trata de punir pelos erros, mas de entender o que posso aprender com eles. A autocompaixão foi um dos maiores presentes que recebi nesse processo, permitindo-me ser gentil comigo mesma e perceber que a avaliação não precisa ser um critério rígido de sucesso ou fracasso, mas uma ferramenta de crescimento constante.

Hoje compreendo que a avaliação não se limita apenas ao ambiente de ensino. Ela está em todos os lugares: nas relações, no trabalho. Cada decisão, cada passo, é uma avaliação de mim mesma, uma oportunidade de perceber minhas forças e fragilidades. Com isso, aprendi que a avaliação não deve ser apenas um momento de julgamento, mas também uma ferramenta para o autoconhecimento e aprendizado. A avaliação se tornou parte do meu dia a dia, mas

de uma maneira diferente. Não é mais algo que me causa medo ou ansiedade, mas um processo que eu entendo como necessário para construção de conhecimento.

Referências

FERNANDES, Domingos. **Avaliar para aprender**: fundamentos, práticas e políticas. São Paulo: Editora da UNESP, 2009.

ROMÃO, José Eustáquio. **Avaliação Dialógica desafios e perspectivas**. São Paulo: Editora Cortez: 6 ed., 2005.

VIAL, M. **Se repérer dans les modèles de l'évaluation**. Bruxelles: De Boeck, 2012.

MEMÓRIAS QUE MINHA MENTE ESCOLHEU

Amanda Carvalho Nogueira

*A memória apresenta às vezes um fenômeno curioso;
conserva por muito tempo oculta e sopitada uma impressão
de que não temos a menor consciência.
De repente, porém, uma circunstância qualquer
evoca essa reminiscência apagada;
e ela ressurge com vigor e fidelidade.
– José de Alencar*

Quando penso sobre a minha trajetória educacional sinto como algo distante, mas ao mesmo tempo próximo de mim. Distante, porque muitas memórias da minha infância foram apagadas. Gosto de pensar nisso como algo positivo, pois foi uma forma que meu cérebro encontrou de me proteger. Em contrapartida, recordo pouco de como eu era, das minhas vivências e sentimentos, seja na educação ou em qualquer outro aspecto da minha vida. Próximo, porque, apesar das lacunas na memória, algumas lembranças ainda permanecem, mesmo que lá no fundo da mente, trazendo-me a agradável sensação de que vivi experiências extraordinárias no meu processo educacional.

Até os meus 10 anos, minha família mudava frequentemente, o que fazia com que, a cada ano, eu estivesse em uma escola

diferente. Foi na quinta série que, pela primeira vez, encontrei uma escola onde desenvolvi um forte sentimento de pertencimento. Desde muito cedo, eu sempre adorei ir à escola — era aquela criança que se empolgava para assistir às aulas — e a experiência escolar sempre me trouxe boas sensações. No entanto, quando falo sobre esse sentimento de pertencimento, refiro-me à primeira vez em que soube que não precisaria partir tão cedo.

Nesta escola, lembro dois professores que me marcaram bastante, minha professora de Língua Portuguesa e meu professor de Inglês. Nas horas vagas, conversávamos sobre Machado de Assis, foi quando minha paixão pela leitura aflorou. A professora me presenteou com três livros do autor, “Ressurreição”, “A Mão e a Luva” e “Helena”, já o professor com “Quincas Borba”, guardo todos com carinho até hoje. Não sei se eles têm noção do impacto que causaram com esses gestos, mas minha mente escolheu essas gentilezas como memórias para manter aqui comigo.

Cursei todo o meu ensino básico em escolas públicas, ensino tradicional, com aulas no quadro ou projetor, cadeiras enfileiradas e avaliação por provas. Apesar da ansiedade que a semana de provas me causava, eu não tinha grandes críticas ao método tradicional. Na época, era a única forma de aprender que eu conhecia. Eu era um modelo clássico de “bom aluno”, então o sistema ao qual eu estava inserida me recompensava por seguir o fluxo esperado dos alunos. Meu contato com outros modelos de ensino só veio na graduação, que foi o início de uma nova jornada educacional na minha vida.

Minha graduação foi parte em metodologia tradicional e parte em metodologias ativas, contudo, sempre com provas ao final do bimestre, mesmo que valendo uma pontuação baixa. Foi meu primeiro contato com formas diferentes de ensinar e aprender e foi o período que retomei meu sonho pela docência. Quando criança, quando me perguntavam o que eu queria ser quando crescesse eu prontamente respondia “professora!”, a resposta foi mudando à medida que fui crescendo, mas nunca deixei minha paixão por

lecionar para trás. E foi durante a graduação que, mesmo prestando um curso na área da saúde, eu tive certeza que queria a docência. Como ossos do ofício, também me apaixonei por pesquisa.

Quando ingressei no mestrado foi um momento muito especial na minha vida, pois todos os meus interesses na graduação me levavam a isso. O mestrado me ensinou, em especial, a como ser mais humana ao lecionar. Nesse período, tive minha primeira turma e tive a honra de ser guiada pelo meu orientador do mestrado, que me deu uma dica que foi essencial nesse processo. Dentre vários conselhos valiosos ele me falou "Amanda, sala de aula é laboratório, teste tudo que dê para testar". Isso me deu liberdade para estudar e aplicar métodos que eu nunca tinha tido contato. Nem tudo funcionou, confesso, mas faz parte do processo. Deu bastante trabalho, mas aprendi muito, a cada aula era um novo aprendizado.

No mesmo período, estava realizando uma pós-graduação em docência, que foi um divisor de águas na minha vida. Este curso teve um formato totalmente diferente dos demais cursos que já tinha realizado até então. Ausente de provas e questionários tradicionais, o foco era centrado no aprendizado do aluno. Em muitos momentos, o aprendizado partia da observação crítica e pensamento reflexivo dos alunos. Foi o primeiro curso em que não recebi uma nota quantitativa para passar. Senti que minha avaliação foi de acordo com a minha evolução, à medida que interagia e demonstrava o meu desenvolvimento. Guardo com muito carinho os ensinamentos e suporte que tive durante esse período.

Essas vivências contribuíram profundamente para minha visão pedagógica, ampliando não apenas minha compreensão teórica e prática da docência, mas também meu compromisso com um ensino mais humano e centrado no aluno. Leite e Kager (2009) destacam a importância da afetividade no processo de avaliação:

Sendo uma importante dimensão da mediação pedagógica do professor, as práticas de avaliação

envolvem, sensivelmente, a dimensão afetiva, não se restringindo apenas aos aspectos cognitivos. Desta forma, devem ser planejadas e desenvolvidas como um instrumento sempre a favor do aluno e do seu processo de apropriação do conhecimento (Leite; Kager, 2009).

Essas memórias e aprendizados continuam a nortear minha jornada, pois essas experiências formaram quem eu sou hoje e ajudaram a moldar o meu perfil como acadêmica e profissional.

Em alguns momentos, eu me pego refletindo sobre a possibilidade de que, no futuro, eu possa esquecer muitos dos detalhes que atualmente são tão significativos para mim. Talvez, daqui a alguns anos, não me lembre mais do elogio encorajador de um aluno ou do alívio sentido ao compreender finalmente um conteúdo complexo. Esses momentos, que hoje guardo com tanto carinho, podem se esvaír com o tempo, algo que infelizmente não posso evitar.

Apesar dessa inevitabilidade, mantenho uma perspectiva otimista. Sei que, mesmo que minhas memórias desbotem com o passar dos anos, as experiências vividas contribuirão de forma indelével para a pessoa que continuarei a me tornar. Cada desafio superado, cada pequeno triunfo e até mesmo as dificuldades enfrentadas, estão entrelaçados na essência de quem sou. É reconfortante saber que, independentemente de lembrar claramente ou não, todas essas vivências continuarão a influenciar positivamente minha trajetória, mantendo-se vivas de alguma maneira na Amanda do amanhã.

Referências

ALENCAR, José de. **A pata da gazela**. São Paulo: Ática, 15ª ed., 1998.

LEITE, Sérgio Antônio da Silva; Kager, Samantha. **Efeitos aversivos das práticas de avaliação da aprendizagem escolar**. Ensaio: Avaliação e Políticas Públicas em Educação, v. 17, n. 62, 2009.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

HOFFMANN, J. **Avaliar para promover**: as setas do caminho. Porto Alegre: Mediação, 2010.

UMA JORNADA DE REFLEXÃO ENTRE A INOVAÇÃO DE ALUNO E PROFESSOR

Douglas Alves da Silva Santos

Todo processo de avaliação sempre esteve presente em minha vida de modo frequente, durante minha trajetória de aprendizagem, completando um papel essencial no meu entendimento sobre o aprendizado e desenvolvimento pessoal, trazendo consigo uma auto avaliação de minhas habilidades reais. Nos meus primeiros anos de vida escolar, cada atividade, teste funcionava como um apontador do que eu estava absorvendo ou, pelo menos, era essa a minha percepção.

O valor do “parabéns” parecia ser a reflexão mais próxima da minha evolução diária, e a vontade de melhorar se transformava em uma fonte de motivação e estresse ao mesmo tempo. O formato da sala de aula, com mesas em filas, o silêncio rigoroso durante as avaliações, a sensação de estar sendo observado com o, olhar dos educadores, transformava um ambiente de avaliação em ambiente de questionamento, pela importância que aqueles momentos era valioso para finalização aquela etapa, assim instituídos pelas mecanismos educacionais disponíveis naquele momento. Segundo Zabalza (2004), organizar uma sala de aula no formato tradicional de

arquivos, com foco no professor como figura central, tende a restringir a interação entre os alunos. Essa configuração desestimula práticas colaborativas e dificulta que os estudantes assumam um papel mais ativo no próprio processo de aprendizagem.

Com o passar do tempo, comecei a duvidar e questionar quais são os princípios e objetivos reais das avaliações rígidas e do quanto elas realmente avaliavam meu aprendizado. Além disso, a atitude de alguns educadores era rigorosa durante as provas, com pensamentos quase sempre negativos sobre nós. Lembro-me de como eles andavam a sala em silêncio, observando qualquer sinal que indicasse uma tentativa de troca entre os alunos. Esse comportamento a cada novo ambiente ficou característico em processos avaliativos, embora “justificável” em algumas situações, confirmava a sensação de cobrança exagerada e talvez desnecessária, com isso cria a ideia de que cometer falhas era algo a ser evitado a todo custo.

Talvez a carência de um diálogo mais franco sobre o processo avaliativo, e em alguns casos a comparação avaliativa me levava a acreditar que o foco principal era ser melhor que alguém é o “decoreba”, era mais importante em vez do aprendizado significativo. Mas como poderia medir? Por que medir? Conforme Pimenta (2002), ao ingressar em um departamento, o professor encontra cursos já estruturados, com disciplinas e ementas previamente definidas. Nesse contexto, ele planeja suas aulas de forma individual e solitária, assumindo toda a responsabilidade pelo ensino. No entanto, não recebe orientações sobre planejamento, metodologias ou avaliações e, muitas vezes, nem sequer precisa elaborar relatórios sobre suas práticas.

Finalizei minha graduação, fiz especialização e o me tornar um docente, acredito que minha visão sobre esse processo foi influenciada. Talvez pelo ambiente, modelos de trabalhos institucionais, decisões antidemocráticas, e, outros fatores que me retomou para as avaliações tradicionais e sem muita escolha. Nesse

processo de retornar à minha vida de ensino, entendi que a avaliação não deve ser resumida em um único instrumento de medição/ comparação/ confirmação. Porém para mudar essas perspectivas, talvez seja necessário fomentar a reflexão dos educadores, instituições e principalmente criar ambientes favoráveis ao autoconhecimento dos alunos.

Segundo Perrenoud (2002), desde a formação inicial, é essencial criar espaços que promovam a análise da prática docente, permitindo a troca de experiências e reflexões sobre como se pensar, decidir, comunicar e reagir em sala de aula. Além disso, é necessário oferecer ambientes onde o profissional possa trabalhar suas emoções e medos, sendo incentivado a desenvolver sua identidade. Ao ingressar em um Universidade Pública, no programa de pós-graduação, no início gerou aquela angústia, como será o processo de avaliação? todo processo de avaliação seguirá o rito “comum”? Infelizmente em algumas dessas avaliações esse processo seguiu ao método tradicional, a inerência pela presença física com chamadas, contagem de presença pela participação e ou tempo nas salas digitais. Trouxeram a reflexão, realmente esse sistema de avaliação está modernizando ou seguindo sua linha temporal tradicionalista? Por que falar tanto em avaliação e seguir os mesmos métodos?

Nos dias atuais é fácil falar de tecnologias, o acesso a ela está cada vez mais presente na sociedade, porém, nem mesmo com as novas tecnologias, esse processo avaliativo está mudando. O teste continua ser uma afronta ao emocional. É necessário nos “abalar” para nos medir? São perguntas ainda sem resposta, talvez pela regionalidade ou mesmo pela inerência de modernização. O legado que fica é a necessidade de ampliação desse debate, talvez não só pela via profissional mas também com a inclusão dos doentes avaliados.

Referências

PIMENTA, S. **Docência no ensino superior**. São Paulo: Cortez, 2002.

PERRENOUD, Philippe. **A prática reflexiva no ofício de professor:** profissionalização e razão pedagógica. Porto Alegre: Artmed, 2002.

ZABALZA, Miguel. **O ensino universitário:** seus cenários e seus protagonistas. Porto Alegre: Artes Médicas, 2004.

ENTRE A TEORIA E A PRÁTICA

Reflexões sobre avaliação e ensino na minha trajetória

João Paulo Borges de Moraes

Cresci em Bom Jesus do Itabapoana, uma pequena cidade no interior do Rio de Janeiro, onde desde cedo percebi que meu futuro dependeria das escolhas que eu fizesse. A paixão pela medicina surgiu ainda na infância e se tornou o norte que guiou minha trajetória. Parafraseando Saviani (2007), a educação tem o poder de ressignificar a realidade e oferecer novos horizontes, assim, enxerguei nos estudos a possibilidade de transformar minha história. Contudo, essa jornada foi profundamente marcada pelas experiências com a avaliação escolar, que desde os primeiros anos escolares parecia carregar um peso quase desproporcional, muitas vezes funcionando mais como um julgamento do que como uma ferramenta de crescimento.

Aos 14 anos, deixei a casa de meus pais em busca de oportunidades, enfrentando desafios que me moldaram precocemente. Aos 18, ser aceito na faculdade de medicina foi um marco que recompensou anos de esforço e persistência. Durante a

graduação, a ortopedia me atraiu pela possibilidade de devolver funcionalidade e qualidade de vida aos pacientes, e foi nesse contexto que o rigor acadêmico das avaliações me trouxe reflexões. Muitas vezes, questionei se as provas tradicionais realmente mediam minha capacidade ou se eram apenas classificatórias, reforçando o que Hoffmann (2010) critica ao afirmar que "a avaliação tradicional tem sido um instrumento de exclusão, mais preocupado em classificar do que em promover o crescimento".

Ao longo da graduação, a experiência como monitor revelou outra face da educação: a possibilidade de ensinar e aprender simultaneamente. Como Dewey (1959) afirma, "a educação é um processo de vida e não uma preparação para uma vida futura", e foi ao compartilhar conhecimento com meus colegas que compreendi a profundidade desse processo. Essa vivência também me despertou para os dilemas éticos no ambiente acadêmico, especialmente a pressão excessiva por notas, que levava alguns alunos a recorrer a práticas inadequadas. "A avaliação deve servir à melhoria, não ao controle" (Stufflebeam, 1993) e essa realidade reforçou minha crença de que a avaliação deve ser mais do que um momento de julgamento; deve ser uma oportunidade de aprendizado e reflexão. Quando iniciei minha trajetória docente na Universidade Federal do Tocantins (UFT), em 2010, trouxe comigo essas vivências. Busquei aplicar uma abordagem que unisse a prática médica e o ensino crítico, valorizando a avaliação como um processo vivo, que identifica lacunas e celebra avanços, como sugere Vygotsky (2007): "o aprendizado ocorre nas interações, por meio de trocas significativas". Nas minhas práticas pedagógicas, a avaliação não é um fim, mas uma etapa do desenvolvimento contínuo, uma ferramenta que, bem utilizada, ilumina caminhos e potencializa o aprendizado.

Como docente, compreendi que o processo avaliativo precisa refletir a complexidade da formação, equilibrando o rigor necessário com a valorização do percurso individual. Inspirado por Freire (1996),

que nos lembra que "ensinar exige respeitar a autonomia do ser do educando", busco construir um ambiente de aprendizado colaborativo, no qual a avaliação dialogue com a prática e promova um aprendizado significativo. Nesse processo, vejo a avaliação não apenas como um instrumento acadêmico, mas como um ato de cuidado, uma forma de apoiar os alunos na construção de suas jornadas profissionais e humanas.

Essa caminhada, entrelaçada pelas experiências como estudante e professor, reafirma minha crença de que ensinar e avaliar são processos inseparáveis e em constante evolução. Cada aula e cada prova tornam-se momentos de aprendizado mútuo, refletindo a ideia de Schön (2000) de que "o professor-reflexivo é aquele que se aprimora a partir de sua prática". Assim, sigo acreditando que o aprendizado vai além das notas e das salas de aula, inspirando nos alunos o compromisso ético e humano com a profissão e com aqueles que um dia estarão sob seus cuidados.

Referências

DEWEY, J. **Democracia e educação**. Introdução à filosofia da educação. Tradução de Godofredo Rangel e Anísio Teixeira. São Paulo: Nacional, 1959a.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

HOFFMANN, J. **Avaliar para promover**: as setas do caminho. Porto Alegre: Mediação, 2010.

SAVIANI, D. **História das ideias pedagógicas no Brasil**. Campinas: Autores Associados, 2007.

SCHÖN, D. **Educando o profissional reflexivo**: um novo design para o ensino e a aprendizagem. Porto Alegre, Artmed, 2000.

Stufflebeam, D. L. The CIPP Model for Program Evaluation. In: MADAUS, F.G. et al. (Ed.) **Evaluating Models** - viewpoints on Educational and Human Services Evaluation. Boston. Kluwer-Nijhoff Publishing. 1993.

VYGOTSKY, L. S. **A formação social da mente**: o desenvolvimento social da mente. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

O que lembro dos métodos avaliativos na minha formação acadêmica

Antonio Gibran de Almeida Cardoso

Introdução

Este memorial é uma proposta de reflexão e autoconhecimento sobre os processos de avaliação que experienciei ao longo da minha jornada acadêmica, esse também é um componente avaliativo para a disciplina de Avaliação dos Processos de Aprendizagem do Programa de Pós-Graduação em Ensino em Ciências e Saúde (PPGECS) da Universidade Federal do Tocantins (UFT).

A revisitação dessas experiências proporciona uma visão holística sobre a relação dos processos de avaliação com a construção do 'eu' (self) aluno e que se reflete no professor que sou. Essa proposta explora demasiadas vivências, boas e ruins, que transformaram e transformam o individual, sendo caracterizada como um verdadeiro processo de resignificação. Essa prática é um diálogo com o tempo e tem a capacidade identificar eventos causadores de tensão e compreender suas implicações (Giddens, 1991).

O termo “Provação” no título foi usado como a representação da primeira percepção que tive ao receber a proposta de reportar sobre os processos de avaliação ao longo da vida, nessa esfera faço uma metáfora da “prova” (instrumento avaliativo) com a “provação” (trabalho árduo), retratando as dificuldades emocionais que as avaliações podem causar. Para esse compartilhamento me satisfaço de uma organização narrativa que perpassa as fases da educação formal, desde educação infantil ao ensino superior, abrindo eventualmente espaços de relato sobre avaliações fora da instância formal.

Educação infantil (2005 – 2007)

O ensino básico é marcado em minhas memórias pela presença de três escolas, uma em Uberlândia (MG) e as demais em Imperatriz (MA), e é marcante a presença do lúdico no ensino e nas avaliações, nessa dimensão visualizo as atividades de colorir, de verbalização das letras e suas configurações silábicas, mas uma avaliação desafiadora era escrever no caderno de caligrafia, me recordo de passar horas, ainda que fosse poucos minutos pareciam horas, repetindo letras e frases em espaços limitado. Nesse contexto a avaliação se dava por eu tentar ser o melhor aluno para mostrar para meu pai, cresci com uma mentalidade mimada, e a aprovação do meu pai era essencial para mim, ele sempre foi e é muito presente.

A prática de escrever em caderno de caligrafia gerou em mim uma aversão a cadernos com linhas e a escrita em letra cursiva, desde o final de meu ensino médio sempre quando tenho oportunidade escrevo em folhas sem pauta e em letra de forma, não tendo a dificuldade de escrever alinhado e justificado.

A segunda forma de “provação” era ter que cortar figuras com a tesoura sobre uma linha tracejada, nesse sentido, para além da minha falta de habilidade de motora, percebia que a cobrança

severa em relação a algo, que na minha percepção na época, não agregava muito.

As avaliações não formais nesse período foram mais significativas, lembro-me de identificar animais em vários livros do meu pai, de maneira recreativa, e essa prática serviu para ampliar meu repertório de espécimes e se refletiu muito bem ao longo da vida, onde já não tinha dificuldade em diferenciar animais. Complementando essa avaliação, quando meu pai e eu assistíamos documentários de vida animal ele sempre perguntava para mim que bicho era aquele, o que ele estava fazendo.

Ao visualizar esse contexto percebo que condiz com a teoria da avaliação cognitiva (Ryan, 2017), onde eventos que afetam negativamente, como as avaliações com caderno de caligrafia, tem potencial para diminuir as motivações intrínsecas, a desmotivação me levou a abandonar as folhas com pauta, enquanto que eventos que apoiam a percepção autônoma, como a participação de meu pai na minha formação, fortaleceu as minhas motivações por ampliar meu repertório de conhecimento.

Ensino fundamental (2008 – 2015)

Meu contexto de ensino fundamental é marcado por uma diferença de classe social, eu estudava em duas escolas, privada e pública. O nível da primeira era inferior às outras escolas particulares, e nela meus colegas de turma tinham condições financeiras maiores que as minhas, inclusive a transição de uma escola privada para pública se deu por uma dificuldade financeira. Os autores Bourdieu e Passeron (1970) já investigavam a relação do capital econômico e cultural, e nesse contexto a diferença das escolas podem além de impactar no desempenho, também afetam as oportunidades.

Na instituição privada tive a oportunidade de ter maior atenção por parte dos professores, apesar disso, ainda tive problemas com formas de avaliações. A que mais se destaca na minha mente foi uma de matéria de produção textual, cujo a

avaliação era completar uma narrativa proposta e finalizar o parágrafo. À primeira vista parece simples, mas ao visualizar a prova observei que numa mesma questão tinha uma frase inicial para desenvolver o parágrafo ao longo de 5 ou 6 linhas, e em seguida saltava-se um espaço entre as linhas e havia uma segunda frase, com um contexto totalmente diferente para uma segunda produção independente da primeira, mas na minha cabeça essa segunda era dependente da primeira, logo eu pensava numa forma de conectar o texto do primeiro parágrafo com o segundo, resultando em texto terminando em conectivos, tentando conectar diretamente com o que era proposto na segunda linha.

Ao longo de um ano minhas notas de produção textual estavam diminuindo e meu pai foi chamado para observar o corrido, e a memória que tenho é de visualizar a professora riscando a caneta a parte final do texto, colocando um ponto final no meio da produção e repetindo o texto finalizando dizendo: - Até aqui está bom. Nesse momento eu perguntei: - Mas, não tem que combinar com o que está aqui (apontando para a segunda frase da folha). E ela respondeu que não, nesse momento que entendi o que deveria ser feito e que era algo que eu já sabia fazer, mas não havia entendido o comando. Esse momento me causou muita revolta, uma "provação", pois na minha visão as pessoas me achavam incapaz, sendo que eu tinha a capacidade.

Um dos pontos importantes nesse contexto de avaliação do ensino fundamental foi justamente quando ensinaram a decorar a tabuada, apesar de não ser uma forma muito adequada de ensinar para mim foi ótima, a proposta era decorar a tabuada a partir de músicas infantis, cujas as letras eram formada pelas operações da multiplicação. Mas houve uma forma de aprendizado que fiz de maneira informal, que foi associar que fazer uma multiplicação era o mesmo que somar um mesmo número em X vezes conforme a proposta. Certamente minha professora deve ter ensinado, mas foi fazendo em casa que eu aprendi e minhas avaliações eram tomadas

por somas independentes, ou seja, mesmo que eu soube-se de cabeça o valor da multiplicação, fazia questão de fazer as somas a parte para verificar a resposta era realmente correta, esse método de “tirar a prova real”, me acompanha até hoje, pois muitas vezes não confio na minha intuição e verifico se estou correto, mas agora com cálculos mais avançados.

Um outro momento marcante no meu processo de avaliação foi no período de transição do ensino privado para o público, nesse momento as escolas que estavam à minha disposição eram municipais, que eu não julgava serem adequadas, e uma estadual militarizada. Me empolguei com a proposta, fiz o seletivo e fui aprovado de segunda chamada.

Na instância pública o nível era maior, os professores eram bem mais qualificados e já tinham mais experiência em sala de aula, como consequência do novo contexto tive a diminuição nas minhas notas, nenhuma nota com potencial de reprovação, a não ser na disciplina de filosofia, em que, além do contexto de mudança, não tive afinidade com a professora e pela primeira vez na vida fui avaliado com nota 5. Essa foi minha primeira nota baixa em um semestre o que me deixou assustado e assim percebi o quanto aquela nova escola poderia ser desafiadora, outra “provação”

Em meio à nova realidade, tal como nos efeitos de uma nova metodologia de ensino e em meio às dificuldades sociais, me foi cobrado uma resiliência acadêmica (Radhamani e Kalaivani, 2021) que a capacidade enfrentamento, superação e recuperação de contexto que ameaçam a jornada acadêmica e esse momento foi fundamental para levar essa resiliência para outras dimensões da vida e tomada de decisão futuras.

Ensino médio (2016 – 2018)

Meu ensino médio é marcado por boas lembranças, foi nessa época em que tive o melhor ano letivo experienciado até a pós-graduação, o meu terceiro ano do ensino médio (2018). Esse espaço

de tempo de três anos foi marcante no meu processo de ressignificação, lá aprendi quem eu era e minha contribuição em grupos sociais.

Nessa esfera vivenciei avaliações tradicionais, marcadas por provas bimestral objetivas e abertas, além da presença dos simulados, formas de avaliação que o sistema se satisfaz visando o tão temido Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM). Entretanto, nessa época me disponibilizei a participar de atividades extracurriculares na escola que complementavam meu processo de avaliação, como feira científicas e eventos culturais de música e dança.

A grande reflexão que faço é alinhar meu contexto às palavras de Luckesi (2014) que o contexto escolar mais se importava em fazer verificação do que realmente avaliação, a distinção dos termos se reflete nos efeitos que geram no aluno. Na avaliação coloca o aluno em dinâmica de ação, abrindo possibilidades, entretanto na verificação a nota é dada e todo processo do aluno se resume a um número, a ação “congela” o aluno.

Outra característica desse período foi a incorporação de várias “estratégias de avaliação”, monitoramento e métodos “disciplinadores”, com finalidade corretiva. Aqui me refiro principalmente ao ensalamento, onde os alunos eram redistribuídos nas salas em contexto de provas bimestral ou simulados, por vezes até na própria sala de aula. O monitoramento se dava em sala de aula pelas câmeras e nos corredores havendo um monitor, nesse mesmo sistema não tivemos o uso do crachá, uma forma de controlar o número de pessoas que saíam da sala, bem como a caderneta, um espécie de agenda que depositávamos em caixas na entrada da escola e recebíamos assinada no final do turno, para evitar que alunos chegassem atrasados ou saíssem antes do horário. Essa última também foi método corretivo, pois quando houvesse advertência elas deviam ser assinadas pelos responsáveis, em caso mais severos a caderneta era confiscada e o indivíduo haveria de

comparecer com o responsável caso quisesse entrar na escola, tivemos em outros momentos a cópia a mão do hino diário, caso o aluno atrasasse, nesse contexto cantávamos todos os dias um hino diferente estando durante a ordem unida, o que era próprio do colégio militar e posteriormente foi adaptado nas demais escolas da região como momento cívico, outra medida corretiva era fazer ordem unida no sol em horários vagos, caso houve comportamentos indisciplinar.

Essas características não são próprias do contexto de avaliação, e de maneira particular elas não me atingiam tanto, uma vez que eu não tenho problema com questões disciplinares, mas elas influenciavam diretamente nos dias de provas, pois tornavam o dia de prova mais estressante, cobrando dos alunos um maior planejamento para chegar na sala de prova com o mínimo de conflitos e assim executá-la da melhor forma. Esses elementos disciplinadores são condizentes aos conceitos de Michel Foucault (1987) que investiga como essas práticas ambientadas no contexto escolar terminam por afetar a aprendizagem.

Apesar do militarismo não ser bem visto em relação a outros contextos de ensino e aprendizagem, o mesmo foi fundamental para minha carreira acadêmica, lembro-me de dois amigos que vinham de contexto de vulnerabilidade social, igualmente a mim, e que foi dentro do colégio militar que fomos direcionados às nossas carreiras. Foi lá que me foi apresentada a oportunidade que viria a ser meu primeiro emprego, para um dos meus amigos houve uma mudança de mentalidade quanto a seu futuro profissional e o segundo vinha de outro município estudar no militar e foi nesse contexto que ele ganhou bolsa no curso preparatório e conseguiu passar para medicina, dentre outros tantos que se formaram comigo que tiveram sucesso em suas carreiras.

Ensino superior (2019 – 2022)

A graduação é nesse contexto de repartição dos ensinamentos o meu período favorito, pois as aspirações do meu ensino médio tomaram rumo frente a esses quatro anos. Cursei Bacharelado em Educação Física, no início quase que por obrigação do contexto, pois queria trabalhar e estudar, mas estive em ótimas mãos (meus professores) e em pouco meses me visualizei na área. Nesse momento observei formas distintas de avaliação, ainda se tinha o sistema convencional dado pelas provas objetivas e/ou abertas, mas diferente dos outros ensinamentos, mesmo que o aluno respondesse assertivamente toda a prova a nota seria 6, logo só iria passar aqueles que produzissem algo ao longo do semestre.

O ensino superior foi onde pela primeira vez meu critério de avaliação se dava por meio do produto, sobre o que eu construía, isso gerou vídeos, ações com a comunidade, visitas técnicas e desenvolvimento de projetos para validar meu processo. Foi durante esse tempo que tivemos que passar pela pandemia da COVID-19, em que experimentamos a avaliação remota, em que simplificava o processo de realização de prova, pois tínhamos um prazo de 24 para postar a prova no sistema, podíamos responder a prova ao longo de um dia, mas eu sempre respondia o mais rápido o possível e foi o momento que tive minha primeira e única recuperação em disciplina, e a recuperação pesava muito mais no meu contexto, pois eu era bolsista PROUNI 100%, e não podia ficar de recuperação ou ter índice abaixo de 80%.

Na faculdade, diferente de muitas pessoas, não tive tanta dificuldade e em poucos momentos eu quase “perdi a cabeça”, pois o meu perfil disciplinado e meu interesse me levaram a participar de um grupo de estudos, então grupo de pesquisa, e se tornou uma rede apoio muito forte em minhas atividades. Logo o TCC que talvez seja a forma de avaliação mais temida do ensino superior, não teve tanto impacto, pois meu trabalho já estava muito bem encaminhado antes da disciplina referida iniciar.

Docência

Finalizando meu memorial, me dedico a explanar acerca das minhas práticas como professor universitário. Na instituição que trabalho não tenho o privilégio de poder optar pelas avaliações que julgo estar mais adequada a realidade das turmas, pois é exigido as provas nos seu formato convencional com questões objetivas e descritivas, mas me satisfaço de avaliações secundárias ao longo do semestre, pois não acredito que uma única prova tenha potencial de avaliar todo período do aluno, pensando nisso, procuro fugir das provas convencionais e fomentar momentos de intervenção, análise de caso e participação nas atividades semestrais, para essas estabeleço maior peso que a prova convencional.

As minhas vivências com avaliações no ensino infantil e fundamental me fizeram ter mais atenciosidade para com os alunos, entendendo que há limitações e contextos que exigem um formato diferente de avaliação e assim procuro aumentar as propostas avaliativas para verificar as mais eficazes e assim adequar o nível da turma. Do ensino médio pude absorver a disciplina, em ter comprometimento com os alunos, devolver da melhor forma o conteúdo e sinalizar os caminhos adequados para seu desenvolvimento, além oportunizar aqueles que realmente querem se tornar ótimos profissionais. Para auxiliá-los ao máximo a cumprir esse último objetivo, procuro extrair do contexto da minha graduação os pontos positivos e negativos e devolver para eles as melhores literaturas, práticas e repertório para sua atuação profissional.

Referências

BOURDIEU, Pierre; PASSERON, Jean-Claude. **A reprodução:** elementos para uma teoria do sistema de ensino. Editora Francisco Alves, 1970.

GIDDENS, Anthony. **Modernity and self-identity**. In: Social Theory Re-Wired. Routledge, 1991.

LUCKESI, Cipriano Carlos. **Avaliação da aprendizagem escolar: estudos e proposições**. Editora Cortez, 2014.

MICHEL, Foucault. **Vigiar e punir: nascimento da prisão**. Tradução de Raquel Ramalhete, v. 42, 1987.

RADHAMANI, K.; KALAIVANI, D. **Academic resilience among students: A review of literature**. International Journal of Research and Review, v. 8, n. 6, p. 360-369, 2021.

RYAN, Richard M. **Self-determination theory: Basic psychological needs in motivation, development, and wellness**. Guilford Press, 2017.

ALÉM DA SALA DE AULA

Práticas avaliativas na formação em enfermagem

Claudia Aparecida Godoy Rocha

*Ensinar não é transferir conhecimento,
mas criar as possibilidades
para a sua própria produção ou a sua construção.*
– Paulo Freire

Minha trajetória começou no interior de Mato Grosso, em uma família humilde que enfrentou grandes dificuldades financeiras para manter os estudos. Durante minha infância, estudei em uma escola rural de pau-a-pique, onde uma única professora ensinava todas as séries em uma sala improvisada. Esse ambiente simples foi o início da minha jornada educacional, e mesmo em meio às limitações, aprendi a valorizar a educação como um instrumento de transformação. Em 1992, mudei para a capital, Cuiabá, onde enfrentei novos desafios educacionais. Iniciei a quinta série em uma escola municipal que apresentava um padrão de avaliação mais estruturado e exigente em comparação ao ambiente rural onde estudei anteriormente. Mais tarde, concluí o ensino médio em uma escola estadual renomada, reconhecida pela qualidade de ensino e pelo rigor em suas avaliações. Anos depois, realizei o sonho de cursar a graduação em Enfermagem, consolidando minha paixão pelo cuidado com as pessoas e o aprendizado contínuo.

Ao longo dessa trajetória, vivenciei diferentes formas de avaliação – desde as tradicionais, que medem resultados, até práticas mais reflexivas e formativas, que enriquecem o processo de ensino e aprendizagem. Essas experiências foram cruciais para moldar minha visão sobre a importância da avaliação não apenas como uma ferramenta de mensuração, mas como um processo dinâmico de crescimento e desenvolvimento pessoal e profissional.

Avaliação na preceptoria em enfermagem

A metodologia aplicada nesta experiência de preceptoria estendeu-se ao longo de um período de 15 meses, entre dezembro de 2021 e fevereiro de 2023, durante o qual atuei com estudantes de Enfermagem da Universidade do Estado do Pará (UEPA), no Campus VII, em Conceição do Araguaia, Pará, Brasil. Este campus serviu como base para práticas clínicas e atividades de campo realizadas em Unidades de Saúde locais e hospitais de referência, permitindo a aplicação prática dos conhecimentos teóricos e uma formação integral dos alunos, com foco em saúde pública e humanização do atendimento. Nesse contexto, o preceptor desempenha um papel central como facilitador e mediador do aprendizado, incentivando os discentes a problematizarem situações reais e a refletirem sobre soluções para os desafios encontrados. Essa abordagem promove a troca de saberes e fortalece a aprendizagem colaborativa (Lima; Rozendo, 2015).

O processo avaliativo foi elemento-chave dessa jornada, integrando-se às práticas diárias e contribuindo para o desenvolvimento técnico, ético e comunicacional dos estudantes. A avaliação formativa foi adotada como metodologia principal, oferecendo feedback contínuo e personalizado que auxilia os alunos a identificarem suas conquistas e áreas de melhoria. A rotina avaliativa incluiu observações, reflexões em grupo e análises individuais de desempenho, priorizando a autonomia e a confiança direta dos futuros profissionais. Esses momentos de avaliação não se

limitaram à mensuração do desempenho, mas se configuraram como uma ferramenta pedagógica fundamental para orientar o aprendizado, crescimento e aperfeiçoamento constante, consolidando o papel transformador da preceptoria na formação em Enfermagem.

Adicionalmente, utilizei prontuários eletrônicos e revisão de casos clínicos para analisar o desempenho dos alunos em situações reais de atendimento. Esse acompanhamento permitiu identificar e adaptar as atividades conforme as necessidades que surgiam no campo, assegurando que a formação acompanhasse as demandas reais da prática clínica. Para os estudantes, essa avaliação contínua promovia uma prática reflexiva, ajudando-os a consolidar habilidades críticas, como empatia e resiliência, além da competência técnica.

A ética foi um pilar de todas as práticas realizadas, observando rigorosamente os protocolos de saúde e as normas profissionais. Cada atividade foi conduzida com o intuito de promover uma formação respeitosa e benéfica para os alunos e para a comunidade, de modo a garantir um impacto positivo, tanto na formação dos estudantes quanto na saúde da população atendida. Mais do que transmitir conhecimentos técnicos, meu compromisso como preceptora foi avaliar continuamente o desenvolvimento dos alunos, promovendo uma formação que vai além do aspecto técnico e alcança o entendimento ético e humano do cuidar. Ferreira, Dantas e Valente (2018) destacam que o papel do preceptor é essencial para efetivar a aprendizagem teórico-prática dos estudantes. Ele atua como um elo entre teoria e prática, facilitando o desenvolvimento de competências que englobam conhecimento, ação e aspectos emocionais.

O processo avaliativo foi uma constante em minha prática. Cada atividade prática supervisionada tornava-se uma oportunidade para avaliar e desenvolver habilidades dos alunos em diferentes níveis de complexidade, desde a execução técnica até a capacidade

de reflexão crítica sobre o cuidado em saúde. Através de avaliações formativas, pude identificar e reforçar os pontos fortes dos estudantes, como a empatia e a dedicação ao paciente, atributos que considero essenciais na prática de saúde. Segundo Pereira et al., (2021), a avaliação formativa é essencial para transformar o processo de ensino-aprendizagem em um espaço de diálogo e reflexão contínua, onde o estudante é incentivado a participar ativamente da construção de seu conhecimento. Esse tipo de avaliação contribui para o desenvolvimento de competências críticas e humanísticas, ao permitir que o aluno receba feedback ao longo do processo e tenha oportunidades para aprimorar suas práticas.

Entretanto, o processo avaliativo também revelou desafios. Alguns estudantes demonstravam insegurança e dificuldades em aplicar o conhecimento teórico à prática clínica, o que me levou a adotar uma postura de apoio e incentivo. Busquei criar um ambiente de avaliação que fosse ao mesmo tempo acolhedor e desafiador, utilizando feedbacks construtivos para guiá-los em seu crescimento. Esses momentos eram fundamentais para fortalecer o vínculo entre teoria e prática, e para que cada aluno pudesse se desenvolver em seu próprio ritmo.

Realizados feedbacks regulares e detalhados durante as práticas, esses feedbacks permitiram que os estudantes compreendessem suas áreas de melhoria e também valorizassem seus avanços. Foi gratificante ver como essa prática incentiva os alunos a se tornarem protagonistas do próprio aprendizado, cultivando uma autonomia reflexiva que, segundo Paulo Freire, é fundamental para a construção de um conhecimento realmente significativo. Silva e Carvalho (2021) ressaltam o papel indispensável do feedback docente como ferramenta para a aprendizagem, destacando que práticas de feedback aumentam sua valorização pelos estudantes e destacam para um melhor desempenho acadêmico. O feedback é mais útil quando apresentado como uma crítica construtiva, específica e direcionada, distanciando-se de

classificações simples, pois promove o engajamento e o aperfeiçoamento contínuo dos alunos.

Além disso, o processo avaliativo expôs a necessidade de desenvolver nos alunos uma postura resiliente e proativa frente às adversidades da profissão. Durante os atendimentos na comunidade, observei como a interação direta com os pacientes era uma excelente ferramenta para avaliar as habilidades de comunicação e empatia dos estudantes, essenciais para um cuidado humanizado e integral. Esses momentos, muitas vezes desafiadores, permitiram que eles reconhecessem a importância da escuta ativa e da sensibilidade ao sofrimento do outro.

Concluir este ciclo de preceptoria é, para mim, a reafirmação do papel da avaliação como um recurso transformador, que vai além da mera verificação de competências técnicas. O processo avaliativo, ao longo desses meses, se mostrou essencial para preparar futuros profissionais que não apenas dominam as técnicas de cuidado, mas que compreendem a saúde como um compromisso ético e social. Escrever um memorial autobiográfico sobre minhas experiências com avaliação foi um convite para reflexão sobre o que eu valorizo e como essas percepções têm moldado minhas práticas. Foi também um ato de coragem, pois me passou a olhar para dentro, refletir sobre minhas falhas e celebrar minhas conquistas. Mais do que um registro do passado, esse exercício se tornou um compromisso com o presente e uma promessa de contribuir para um futuro mais inclusivo, crítico e transformador. Afinal, acredito que a educação – e a avaliação – são pontos essenciais para a emancipação humana.

Refletir sobre minha atuação na preceptoria reforçou minha certeza no potencial transformador da avaliação, que vai muito além da mensuração de competências. Ela é um instrumento que inspira o desenvolvimento crítico, ético e técnico dos futuros profissionais de saúde, semeando valores que florescerão em resultados positivos na saúde e na sociedade. Este ciclo reafirma minha crença no papel

essencial da avaliação como agente de mudança e crescimento contínuo.

Referências

FERREIRA, F.C.; DANTAS, F.C.; VALENTE, G.S. **Nurses' knowledge and competencies for preceptorship in the basic health unit.** Rev Bras Enferm. 2018;71(4):1564-71.

LIMA, P.A.B.; ROZENDO, C.A. **Challenges and opportunities in the Pró-PET-Health preceptorship.** Interface (Botucatu). 2015;19 Supl 1:779-91.

PEREIRA, A.L.P., et al. **Análise do processo ensino-aprendizagem pela ótica de preceptores de graduação no âmbito da Atenção Primária à Saúde.** Saúde em Redes. 2021; v. 7, n.3.

SILVA, J.C.R.; CARVALHO, C.F. **Percepções de estudantes do ensino superior sobre o feedback docente e desempenho acadêmico.** Revista Brasileira de Educação, 2021, v. 26 e260081.

DO OLHAR CRÍTICO AO CRESCIMENTO

Minha experiência com avaliações

Cleber Queiroz Leite

Tudo na vida tem um propósito e tudo tem um tempo certo para acontecer. E não adianta apressar o passo nem inquietar o coração. Só chega no tempo certo e só acontece quando tem de ser. É assim o agir de Deus.
– Yla Fernandes

Ao longo desses anos de vida acadêmica, tive a oportunidade de vivenciar diversos métodos avaliativos, sejam eles elaborados pelos professores ou até mesmo aqueles que fazem parte das normas institucionais. Desta forma, o memorial aqui apresentado faz um recorte retrospectivo sobre a minha trajetória educacional durante a graduação, destacando algumas experiências com métodos avaliativos ao longo desse percurso acadêmico. Sendo assim, o objetivo do presente relato foi fornecer uma visão abrangente sobre como os métodos avaliativos impactaram na minha formação, descrevendo efeitos positivos, bem como desafios enfrentados para superar os negativos.

Convido você a embarcar nessa leitura comigo e entender: se ainda aquilo que almeja ainda não chegou, é porque não é o tempo

certo. Tudo tem o tempo certo para acontecer e tudo acontece no seu devido tempo.

Trajetória com métodos de avaliação

No ano de 2009, entrei para o curso de Biomedicina e, nele, tive diversos momentos com métodos avaliativos jamais vivenciados anteriormente. Até porque sempre fui aluno da rede pública de ensino e, dependendo de qual escola você estuda, às vezes o professor que é formado em letras e ministra a disciplina de Português, é o mesmo que ministra Biologia, e assim por diante. As dificuldades vivenciadas na rede pública não são as mesmas da rede privada.

A minha primeira dificuldade enfrentada no nível superior foi o método avaliativo da disciplina de anatomia. Apesar de alguns amigos da turma virem de escolas particulares e já terem tido contato com essa abordagem devido à presença de laboratório escola, eu não tinha.

A avaliação prática da disciplina de Anatomia partia da elaboração do professor da disciplina, no qual ele colocava massa de modelar em diferentes regiões anatômicas e nós como alunos tínhamos que responder o que se era perguntado em 10 minutos. Vale lembrar que eram 10 peças anatômicas diferentes, e o aluno rodava entre as bancadas a cada 1 minuto. Sendo assim, era notório o desespero que essa avaliação causava, principalmente quando comparada à prova teórica. Na avaliação teórica, tínhamos 2 horas para responder 15 questões, sendo 13 objetivas e 2 discursivas. Nesse formato, o rendimento era consideravelmente melhor.

Segundo Zanon e Freitas (2007), o termo avaliação vai muito mais além do que aplicar provas, o mesmo trata-se de métodos para analisar e coletar evidências que proporcionem um melhor aprendizado para os alunos. Esse método funciona como uma ferramenta na qual avalia a eficácia das ações dos professores,

proporciona metas prioritárias na educação e determina o grau em que os alunos são envolvidos para atingi-los.

Em contrapartida, Romão (2005) relata que a avaliação é um processo linear e está paralelo ao processo de aprendizagem, exercendo uma forte influência sobre o que os professores ensinam, o que os alunos estudam e o que eles realmente aprendem.

Existiram diversas avaliações práticas no curso de biomedicina com minutos cronometrados, sendo que, naquele momento, o foco deveria ser aprender. Porém, o fato de erro resultava na perda de nota. E convenhamos, como se acerta algo que ainda está em processo de aprendizagem? Ser penalizado por algo que se veio aprender seria a maneira correta?

Eis que entra a avaliação formativa. Segundo Haydt (2007), esse processo de avaliação permite detectar os pontos frágeis de cada aluno através de feedbacks. Sendo assim, o aluno reconhece seus erros e acertos e encontra estímulos para um estudo sistemático. Quando aplicado corretamente, esse processo de avaliação proporciona uma maior qualidade no ensino e assegura que a maioria dos alunos consiga atingir o objetivo esperado. Afinal, esse método tem como propósito ajudar o aluno a melhorar o seu desempenho. Contudo, o que se observava era que, se o aluno errasse e fosse mal na prova prática, era porque ele não estava estudando suficientemente para conseguir obter uma boa nota. Porém, em nenhum momento se pensou, por exemplo: será que o tempo para a resolução das questões era suficiente? Será que os alunos tinham treinamento qualificado anterior para conseguir executar o que se era pedido? Realizar testes bioquímicos em 20 minutos, em um laboratório com 15 pessoas e apenas dois aparelhos para leitura, era tempo suficiente?

Apesar das diversas dificuldades enfrentadas com as provas práticas no curso de biomedicina, consegui me formar. Logo em seguida, entrei no curso de Farmácia, e nele todo aquele sofrimento com provas práticas que existia no curso de biomedicina, não

cheguei a passar novamente. No entanto, aconteceu uma situação que marcou a minha vida.

Sempre fui um aluno que nunca precisou de recuperação. No curso de farmácia, na minha defesa de Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), acabei sendo reprovado. O meu orientador tinha desentendimentos internos com outros membros que foram selecionados pela faculdade para compor a minha banca, e isso acabou respingando em mim. Como pode um aluno cuja menor nota era 8 pontos ser reprovado por brigas internas entre professores? Quais os critérios avaliativos para isso? Me reprovar não estaria prejudicando a reputação do professor, e sim prejudicando apenas a mim.

E isso aconteceu, me tornei o primeiro aluno entre 14 turmas de farmácia que já tinham passado pelo TCC, a ser reprovado. Não bastava ser o primeiro aluno reprovado do curso, eu era conhecido pelo bom desempenho acadêmico e a minha reprovação gerou repercussão não só entre amigos de turmas anteriores, mas também repercussão a nível institucional na qual posteriormente ao acontecimento, modificaram as normas avaliativas.

Fui humilhado pela banca, a ponto de rirem até de uma figura que coloquei, alegando que não era uma imagem de açaí. Será que eu não saberia pesquisar uma figura de açaí? Pois bem, reprovei. Guardei todas as críticas e avaliações que fizeram, troquei de orientador, esperei novamente seis meses para o dia da defesa. E dessa vez, passei. Porém, aquele método avaliativo pelo qual eu passei jamais saiu da minha memória. Em momento algum os professores se quer pensaram nos problemas mentais que eles poderiam me causar, que poderiam gerar desde depressão até pensamentos suicidas.

Após essa situação, eu me formei e, por consequência do destino, acabei indo trabalhar na farmácia da mãe de uma das avaliadoras do meu trabalho de conclusão de curso. Depois de me conhecer melhor, ela pediu desculpas pelas falas que, segundo ela,

não eram dirigidas a mim. O intuito era prejudicar o professor orientador. Contudo, quando perceberam, estavam reprovando a mim, e não ao orientador. Naquele momento, já não havia como voltar atrás.

Depois de dois anos trabalhando em farmácia, passei no vestibular de Medicina. Larguei o trabalho e fui me dedicar ao que eu sempre quis, ser médico. Me formei, e hoje, sou médico na Atenção Primária de saúde e médico docente pertencente ao grupo Afya.

Para finalizar, todas as experiências que vivi durante a vida acadêmica com métodos avaliativos, embora eu discorde de muitos, pois a maioria não avaliava o conhecimento de forma eficaz, foram essenciais para me tornar o profissional que sou hoje e principalmente me fazer um médico docente com uma visão ampla das diversas possibilidades de acontecimentos no que se refere a métodos avaliativos no ensino.

Referências

HAYDT, R. C. **Avaliação do processo Ensino-Aprendizagem**. São Paulo: Editora Ática: 6a ed., 2007.

ROMÃO, José Eustáquio. **Avaliação Dialógica desafios e perspectivas**. São Paulo: Editora Cortez: 6 ed., 2005.

ZANON, Dulcimieri. Aparecida Volante.; FREITAS, Denise. **A aula de ciências nas séries iniciais do ensino fundamental: ações que favorecem a sua aprendizagem**. Ciências & Cognição, v.10, p.93-103, 2007.

MEMORIAL AUTOBIOGRÁFICO

Amanda Cristina Gonçalves Dias

Nunca fui fã de provas e simulados, pois isso me deixava com dor de barriga e vontade de chorar. Em nenhum momento fui esperta o bastante para conseguir colar do colega do lado e sempre tive dificuldades em fazer amizades para que me “passassem” cola. Foi uma época solitária e desafiadora.

Meu ensino fundamental foi marcado pela mudança da minha família do Rio de Janeiro para o Tocantins, em uma cidade que se chama Paraíso. Naquela época, não via nada de paradisíaco nessa cidade. Anos mais tarde, fui descobrir que se chamava Paraíso por causa de uma serra que as pessoas insistem em subir. A vista até que é bonita, mas não é assim que eu imaginava o Paraíso.

O Paraíso, aos 10 anos, era um lugar com muitas nuvens fofas e com cheiro de algodão-doce sendo feito. Não teria provas da escola, e eu poderia passar o dia inteiro lendo só por diversão. Como eu tinha vindo do Rio de Janeiro, as outras crianças que estudavam comigo caçoavam bastante do meu sotaque puxando o “xis”. Comecei a ficar com vergonha de falar em público, até que a professora fez uma pergunta para mim e não consegui falar por timidez. Ela falou para a sala inteira ouvir que naquela escola, ela não

tinha medo de reprovar ninguém por insubordinação. A partir desse dia, foi aí que não consegui falar mesmo. O resultado: minha primeira nota vermelha.

Comecei a ficar com medo de ir para escola. Pense comigo, eu só queria me adaptar, mas isso estava sendo bem difícil. As crianças e os adultos podem ser bem cruéis às vezes. Comecei a me esconder na biblioteca, e lá descobri um outro universo. Silencioso, com cheiro de coisa antiga e livros. Ter encontrado esse lugar foi o Paraíso. Depois que encontrei meu lugar seguro, me virei para conseguir recuperar a nota vermelha, tomei coragem para falar com a professora em particular e expliquei porque não conseguia falar em público. Conversei com meus pais e falei que odiava Paraíso do Tocantins, especialmente porque eles falavam “banhar” ao invés de “tomar banho”. Chorei no processo? Sim. Mas para alguém aos 10 anos, sinto que fui bastante resiliente e paciente.

Meu medo de provas e avaliações foi, ao longo dos anos, moldado pelas práticas que observei e vivenciei na escola. Quando leio o que Luckesi (2005) escreve sobre o ato de avaliar como algo que se projeta ser mais investigativo e menos punitivo, noto que a minha dor ao enfrentar provas tenham vindo do insight de que aquele lugar não iria promover o meu crescimento, mas iria me julgar em todas as oportunidades que seriam possíveis. Luckesi (2005) ainda afirma que avaliar é a ação de apurar a qualidade do desempenho dos educandos tendo por fundamento os dados que são relevantes, porém, na prática, meu desempenho estava sendo mais importante do que minha capacidade de adaptação aos novos padrões impostos.

De certo modo, a biblioteca se tornou meu refúgio, onde eu não era reduzida a um número e era o local onde eu podia aprender pelo simples prazer de aprender. Essa situação tange com o modelo avaliativo inclusivo defendido por Fidalgo (2006). Esse modelo é baseado no uso da linguagem para não reforçar exclusões. Na biblioteca, consegui vivenciar a autonomia e a captar conteúdos no

meu ritmo de aprendizado, o que contrasta com as práticas avaliativas que experienciei na sala de aula. Isso apenas confirma que os métodos de avaliação podem ser transformadoras, proporcionando o crescimento do aluno.

O que vivi foi o oposto. No meu contato com a professora, senti que ela usou sua linguagem para reforçar meu isolamento. Sua frase sobre minha reprovação por insubordinação ecoa até hoje em minhas crenças e comportamentos, como um lembrete que o espaço acadêmico nem sempre será acolhedor para as pessoas que possuem um modo diferente de se expressar.

Ao longo dos anos, conforme fui amadurecendo, aprendi a lidar um pouco melhor com avaliações nas salas de aula, por causa de terapia e muitos exercícios de relaxamento. De acordo com Demo (1987) as práticas avaliativas devem ser diferentes ao simples método de quantificação, buscando captar aspectos amplos do sujeito, como a sua autonomia e desenvolvimento. Porém, sinto que na escola, tanto no fundamental, quanto no ensino médio, as provas foram marcadas por atravessamentos de exclusão, que serviam para me apontar meus erros e o valor da nota como definidor de quem eu sou ou era.

No ensino médio, as coisas pioraram um pouco, pois apareceram sintomas de ansiedade, gastrite e insônia, o que me levou a me isolar mais. Foi um período difícil, onde o peso das avaliações parecia maior do que minhas capacidades cognitivas. Porém, tudo mudou quando ingressei na universidade. Lá, fui acolhida pelos professores, que pela primeira vez, enxergaram meu potencial, sem reforçar minhas fragilidades, mas me indicando onde eu poderia melhorar. Conheci os benefícios de uma avaliação respeitosa, tive minha autonomia estimulada e reconheci minhas singularidades. Esse contraste conseguiu me mostrar como a educação pode ser transformadora quando pautada no cuidado e na inclusão, e me inspira no tipo de docente que desejo ser.

As reflexões trazidas por Luckesi (2005), dialogam com minha intenção de desenvolver um espaço de aprendizado que evidencie as particularidades dos estudantes. Essa perspectiva se organiza com os modelos avaliativos de Fidalgo (2006), que defende a utilização da linguagem como uma ferramenta de inclusão, sendo algo que planejo inserir por meio de diálogos abertos. Além disso, a abordagem qualitativa de Demo (1987), que ressalta a autonomia do sujeito, reforça o propósito de priorizar práticas que ultrapassem os resultados numéricos, incentivando o modo de aprendizagem significativo. O objetivo principal é promover o desenvolvimento e as habilidades de maneira que cada aluno se sinta valorizado em sua trajetória pessoal.

Sinto que meu caminho na educação apenas começou. Em determinados períodos foi marcado por desafios e moldou uma compreensão sobre como a educação pode transformar uma pessoa quando se utiliza estratégias de acolhimento e respeito. Hoje, como mestrande, essas lembranças me ajudam a pensar no tipo de professora que gostaria de ser. Penso que, assim como Luckesi (2005) afirma, a avaliação deve ser um ato amoroso, um instrumento para estimular as potências e não para calar vozes. Carrego comigo o compromisso de propiciar uma sala de aula onde o desenvolvimento acadêmico não seja apenas o fator de interesse, mas também a individualidade dos alunos.

Referências

DEMO, Pedro. **Avaliação qualitativa**: um ensaio introdutório. São Paulo: Cortez, 1987.

FIDALGO, Sueli Salles. **A avaliação na escola**: um histórico de exclusão social-escolar ou uma proposta sociocultural para a inclusão? Revista Brasileira de Linguística Aplicada , v. 2, pág. 15-40, 2006.

LUCKESI, Cipriano Carlos. **Avaliação da Aprendizagem Escolar:** estudos e proposições. São Paulo: Cortez, 2005.

CONSTRUINDO COM CRÍTICAS

Uma história de resiliência

Clay Marinângelo Miranda Rios

A função da educação é ensinar a pensar intensamente e a pensar criticamente. Inteligência mais caráter – esse é o objetivo da verdadeira educação.
– Martin Luther King Jr.

Todas as experiências agregam valores ao nosso processo de ensino aprendizagem, dessa forma os conhecimentos detidos no ambiente escolar vão auxiliar a nossa capacidade crítico-reflexiva bem como em nossas vivências e emoções ao longo da vida.

Neste capítulo procurarei relatar experiências vivenciadas durante a minha trajetória como discente em uma rede pública de ensino e fazendo um comparativo para os dias atuais em que a sociedade se encontra em um cenário digital, imprevisível e complexo e atualmente mestrando em uma faculdade Pública Federal no Estado do Tocantins.

Nos anos 90, o sistema educacional brasileiro começou a passar por mudanças significativas que refletiam uma preocupação com a democratização do ensino e a necessidade de aprimorar as práticas avaliativas. Nesse período, as avaliações eram majoritariamente padronizadas e voltadas para a memorização e a

reprodução do conhecimento (Luckesi, 2005). Influenciadas por modelos tradicionais, essas práticas focam mais na medição de desempenho acadêmico do que na promoção do aprendizado contínuo, alinhadas com o contexto de uma educação marcada pelo pouco foco no desenvolvimento de habilidades críticas e reflexivas (Garcia; Algebaile; Morais, 2023).

A prática de leitura em voz alta, por exemplo, era comum nas salas de aula e servia para avaliar a fluência e a compreensão textual, também para incentivar a atenção e a participação entre os alunos. De acordo com Witter; Zabala; Arnau, 2011, fica claro que focar apenas no conteúdo das disciplinas não é suficiente para que o aluno desenvolva competências. Essa metodologia, ainda que simples, promovia habilidades fundamentais como a concentração, a escuta ativa e a capacidade de adaptação, competências que atualmente se reconhecem como parte essencial do desenvolvimento integral do aluno.

Nas minhas memórias escolares, recordo-me do 5º ano do ensino fundamental quando uma professora de língua portuguesa em todas as segundas e sextas-feiras, fazia um tipo especial de avaliação. Ela selecionava um texto para a turma e todos precisavam fazer o acompanhamento da leitura, ela chamava o primeiro aluno para começar a ler, e, em algum momento, sem aviso prévio, chamava o próximo, que deveria dar continuidade sem perder a entonação, a pontuação correta e sequência na leitura. E assim todos os alunos da turma eram avaliados semanalmente.

Atualmente, essa prática ainda seria muito valiosa para incentivar a fluência na leitura e a atenção aos detalhes textuais. A leitura em voz alta e em conjunto promove a interpretação adequada, estimula a concentração e a capacidade de adaptação dos estudantes. Com os avanços nas metodologias de ensino e a inclusão de novas tecnologias, essa prática pode ser aprimorada, integrando ferramentas digitais que ampliam o envolvimento dos alunos e reforçam o desenvolvimento de suas habilidades leitoras.

Nos dias de hoje, a avaliação educacional formativa evoluiu para incluir metodologias mais diversificadas, buscando formas de observar o processo de aprendizagem, oportunizando que elaborem suas próprias respostas como forma de divulgação de como e o que aprenderam (Fernandes, 2008). Com o suporte das tecnologias educacionais, as práticas avaliativas dos anos 90, como a leitura em voz alta, vêm sendo reinterpretadas e adaptadas, utilizando plataformas digitais que permitem um feedback mais imediato e dinâmico, além de engajarem os estudantes de maneira mais ativa no processo de avaliação e aprendizado (Santos *et al.*, 2021). Esses novos enfoques refletem uma educação que valoriza o desenvolvimento de habilidades mais complexas, respondendo aos desafios de uma sociedade em constante transformação.

Durante o ensino fundamental, vivenciei experiências educacionais marcantes que contribuíram para meu aprendizado e formação. Uma dessas experiências foi com o professor de química e física, que se destacava pelo estilo singular de ensino e sua dedicação ao ministrar os conteúdos. Ele abordava as matérias de maneira que despertava a curiosidade de todos os alunos e criava uma atmosfera de respeito pelo conhecimento, algo que marcou toda a comunidade escolar e a cidade, inspirava as turmas a se interessarem por temas e de forma mais aprofundada das disciplinas.

Esse professor tinha um método que, embora simples, era impressionantemente eficaz, indo para a sala de aula apenas com um apagador e giz. Todo o seu conteúdo estava previamente organizado e planejado, conduzia a aula com base em um conhecimento extenso e bem estruturado das disciplinas. A cada aula, ele desdobrava conceitos complexos com clareza e domínio, usando apenas o quadro como recurso para explicar temas que poderiam parecer difíceis, mas que se tornavam acessíveis pela sua didática.

Esse processo acontecia com todas as suas turmas e em séries diferentes por muitos anos, o professor que possuía um saber tão profundo e uma metodologia tão direta marcou minha trajetória escolar. Com estilo próprio e poucos recursos, ele mostrava que o conhecimento e a paixão pelo que se ensina são ferramentas poderosas para uma educação de qualidade. Ele exemplificou como uma sólida formação e a confiança no próprio saber, inspirando alunos e transformar aulas em experiências de aprendizado memoráveis, durante todas as aulas os estudantes eram avaliados em participação ativa, tendo momento de escutas e discussões a respeito dos temas propostos.

As suas principais avaliações tinham um formato descritivo, o que exigia de nós uma compreensão aprofundada dos conteúdos, já que eram focadas no desenvolvimento dos temas estudados e não contavam com questões de múltipla escolha ou avaliações orais. A falta de acesso às tecnologias e a limitação dos livros disponíveis na biblioteca que precisavam ser reservados por hora dificultavam o estudo autônomo. Todos os conteúdos eram escritos no quadro, e o aprendizado dependia exclusivamente das aulas presenciais. Uma das maiores dificuldades era a barreira dos conceitos pré-estabelecidos a falta de apoio externo como estrutura familiar a necessidade de trabalhar para ajudar no sustento, o que impactava o rendimento de muitos alunos.

Algo que marcou profundamente essa época foi a força de vontade dos colegas que se ajudavam mutuamente para tentar superar os desafios. No entanto, era triste ver que, mesmo com tanto potencial, muitos ficaram pelo caminho, prejudicados pela falta de recursos e apoio.

Na minha graduação em Educação Física fui surpreendido com a avaliação final com um portfólio, fazendo com que assumisse a responsabilidade pela minha própria trajetória de formação, uma vez que as tomadas de decisões sobre “o que fazer” para superar dificuldades na concretização dos objetivos.

A proposta de avaliação por meio de portfólio baseia-se na intenção de implementar uma abordagem que acompanhe e respeite o caráter contínuo e progressivo do processo de aprendizagem. Ao adotar o portfólio como ferramenta avaliativa, valoriza-se a possibilidade de registrar e refletir sobre as etapas de desenvolvimento, permitindo uma visão ampla e detalhada do percurso do estudante (Vieira, 2002).

Essa metodologia privilegia o acompanhamento individualizado, promovendo a análise dos avanços e das dificuldades ao longo do tempo. Com isso, a avaliação torna-se um processo dinâmico, que evidencia a evolução do aluno e contribui para uma compreensão mais aprofundada de sua trajetória de aprendizado.

Na Pós-graduação atualmente as avaliações são baseadas em metodologias que possam contribuir na compreensão e análise reflexiva crítica na parte docente. O termo avaliação tem sido cada vez mais problematizado, principalmente no sentido de superar modelos tradicionais que focam apenas na verificação de conteúdos como sempre aconteceu.

Desempenhando um papel crucial ao promover a geração e disseminação de saberes atualizados, beneficiando tanto a comunidade acadêmica quanto a profissional, isso reforça a necessidade de avaliar e investigar continuamente a qualidade desses sistemas, garantindo que eles atendam aos objetivos de contribuir para o avanço do conhecimento e o desenvolvimento socioeconômico (Vanzella; Pantoja, 2023).

A Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) é uma fundação ligada ao Ministério da Educação do Brasil, responsável por promover a expansão e o fortalecimento da pós-graduação *stricto sensu* em todas as regiões do país.

Em 2019, foi proposto um novo modelo de Ficha para Avaliação de Programas *Stricto Sensu*, com ênfase em três quesitos principais: Programa, Formação e Impacto na Sociedade. Essa

reformulação destacou a importância de elementos como o planejamento estratégico, os processos e procedimentos de autoavaliação com foco na devolução do conhecimento à sociedade (Capes, 2020).

Ademais, é notório que no cenário atual, a educação enfrenta inúmeros desafios resultantes das constantes transformações do mundo contemporâneo. Com o passar dos anos, as práticas avaliativas têm experimentado mudanças significativas ao longo do tempo, para que desempenhem efetivamente seu papel de gerar e disseminar conhecimento, é essencial que seus impactos alcancem a sociedade de maneira eficaz.

Essas práticas precisam estar alinhadas às transformações sociais e educacionais, garantindo que a avaliação não seja apenas um fim em si mesma, mas um processo dinâmico que contribua para o desenvolvimento e a inovação em diversos contextos.

Sendo crucial valorizar as particularidades de cada período histórico, compreendendo que cada mudança reflete novas demandas e desafios da sociedade. Ao integrar perspectivas contemporâneas e históricas, as práticas avaliativas podem oferecer contribuições mais significativas, adaptando-se às necessidades de diferentes grupos e promovendo uma visão mais inclusiva e transformadora da avaliação.

Referências

CAPES. Coordenação de aperfeiçoamento de pessoal de nível superior. **Avaliação do sistema nacional de Pós-graduação**. 2020. Disponível em: <<https://www.gov.br/capes/pt-br/acesso-a-informacao/acoes-e-programas/avaliacao/sistema-nacional-de-pos-graduacao-snpq/permanencia/avaliacoes-anteriores/avaliacao-trienal-2004-1/caracterizacao-do-sistema-de-avaliacao-da-pos-graduacao>>. Acesso em: 16 nov. 2024.

FERNANDES, D. **Para uma teoria da avaliação no domínio das aprendizagens.** Estudos em Avaliação Educacional, [s. l.], v. 19, n. 41, p. 347–372, 2008. Disponível em: <<https://publicacoes.fcc.org.br/eae/article/view/2065>>. Acesso em: 1 nov. 2024.

GARCIA, L. T. D. S.; ALGEBAIL, E. B.; MORAIS, A. S. **As Políticas de Avaliação e a Qualidade Educacional no Brasil sob a perspectiva de Luiz Carlos de Freitas.** Cadernos CEDES, [s. l.], v. 43, n. 121, p. 44–54, 2023. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-32622023000300044&tlng=pt>. Acesso em: 1 nov. 2024.

LUCKESI, C. C. **Avaliação Da Aprendizagem Escolar:** Estudos E Proposições. 12a ed. São Paulo: Cortez Editora, 2005.

SANTOS, R. B. Dos; NOGUEIRA, M. de A.; CARVALHO, D. de N. R. De et al. **Reflective portfolio as an instrument of evaluation and self-evaluation in the teaching-learning process:** Experience of the stricto sensu, graduate program of the master's degree in nursing at Pará State University and Federal University of Amazonas. Research, Society and Development, [s. l.], v. 10, n. 4, p. e4610413295, 2021. Disponível em: <<https://rsdjournal.org/index.php/rsd/article/view/13295>>. Acesso em: 17 nov. 2024.

VANZELLA, S.; PANTOJA, M. J. **Avaliação de mestrado:** um estudo com egressos do programa de pós-graduação em Agronegócios da Universidade de Brasília. Revista Temas em Educação, [s. l.], v. 32, n. 1, 2023. Disponível em: <<https://periodicos.ufpb.br/index.php/rteo/article/view/65301>>. Acesso em: 16 nov. 2024.

VIEIRA, V. M. de O. **Portfólio:** uma proposta de avaliação como reconstrução do processo de aprendizagem. Psicologia Escolar e Educacional, [s. l.], v. 6, n. 2, p. 149–153, 2002. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_abstract&pid=S14

13-85572002000200005&lng=pt&nrm=iso&tlng=pt>. Acesso em: 2 nov. 2024.

WITTER, G. P. ZABALA, Antoni; ARNAU, Laia. **Como aprender e ensinar competências**. Praxis Educativa, [s. l.], v. 6, n. 1, p. 133–134, 2011. Disponível em:

<<http://www.revistas2.uepg.br/index.php/praxiseducativa/article/view/1821/2006>>. Acesso em: 1 nov. 2024.

UMA REFLEXÃO SOBRE A JORNADA E AVALIAÇÃO

Délcio Aparecido Durso

Nasci em uma pequena cidade de Minas Gerais, numa época em que estudar significava muito mais do que aprender conteúdos: era resistir, superar e acreditar. Minha história com a educação começou em uma escola rural, daquelas em que uma única professora conduzia todas as turmas em uma mesma sala. Não havia prédio próprio; estudávamos em um espaço improvisado, que parecia mais a sala de uma casa adaptada com cadeiras enfileiradas e um quadro simples na parede.

Lembro-me nitidamente daquela sala: os sons misturados de diferentes idades, a professora indo de um canto a outro, dividindo sua atenção entre alfabetizar os pequenos e ajudar os maiores. Era uma rotina cheia de desafios, mas também de aprendizados. Foi ali que compreendi o valor da coletividade e da resiliência. Mesmo sobrecarregada, a professora demonstrava um compromisso genuíno com nossa formação, algo que até hoje admiro profundamente. No entanto, havia um contraste que me marcou: enquanto ela nos ensinava com tanto cuidado, as avaliações pareciam frias e distantes, incapazes de refletir o que realmente vivíamos. Como já dizia Luckesi (1995), "a avaliação tradicional

costuma funcionar como instrumento de controle e exclusão, deixando de lado a promoção do aprendizado”.

Com o fim da quarta série, veio o maior desafio da minha infância: caminhar diariamente nove quilômetros, ida e volta, até a escola na cidade vizinha de Ubari. Era cansativo, mas aqueles momentos de silêncio no caminho tornaram-se oportunidades para refletir sobre meus sonhos. E eu tinha muitos.

Na escola de Ubari, encontrei algo novo: estrutura, mais professores e recursos que até então eu desconhecia. Com cada professor, vivi experiências diferentes. Alguns inspiravam, enquanto outros mantinham uma postura rígida, quase autoritária, típica de uma época em que o professor era visto como uma figura inalcançável. Essa relação de hierarquia me fez pensar sobre o que é, de fato, educar. Charlot (2000) traduz bem essa reflexão: “A educação é uma relação viva, permeada por trocas entre o saber, o professor e o aluno.”

No ensino médio, já em Ubá, minha paixão pelas ciências biológicas cresceu, mas com ela também vieram os conflitos. Sempre fui curioso e questionador, e isso nem sempre era bem recebido. Em especial, lembro-me de uma professora de biologia extremamente competente, mas de perfil rígido. Ela esperava respeito absoluto e submissão dos alunos. Minhas perguntas, embora movidas por interesse, muitas vezes eram vistas como afrontas. Apesar de tirar boas notas, sentia que o desejo de dialogar e aprofundar os assuntos era desencorajado. Essa experiência moldou minha visão sobre o ensino: percebi que a sala de aula deve ser um espaço de trocas, não de imposições. Freire (1996) já dizia: “Ensinar não é transferir conhecimento, mas criar possibilidades para a sua construção.”

Na universidade, essa ideia se consolidou. Estudar Ciências Biológicas na Universidade Federal de Viçosa (UFV) foi um marco na minha trajetória. Lá, conheci professores que realmente valorizavam o pensamento crítico e incentivavam o diálogo. Embora as avaliações fossem rigorosas, senti que ali elas tinham um propósito

diferente: ajudar no nosso crescimento, e não apenas nos classificar. Passei a enxergar a avaliação como um processo contínuo, algo que Hoffmann (2006) define como “uma prática mediadora que auxilia no desenvolvimento do educando, em vez de simplesmente classificá-lo.”

Hoje, ao olhar para minha trajetória, percebo como cada experiência, dos passos rumo a Ubari às discussões na universidade, moldou a minha prática docente. Tento ser o professor que eu gostaria de ter tido: aquele que respeita, que escuta e que transforma a avaliação em uma ferramenta de aprendizagem, não em um peso ou em uma punição. Freire (1996) sintetiza bem o que tento aplicar: “Não há ensino sem pesquisa e pesquisa sem ensino. Esses quefazer se encontram no ato de produzir conhecimento.”

Ao longo dessa jornada, aprendi que educar vai muito além de ensinar conteúdos ou aplicar avaliações; é sobre acolher, ouvir e construir junto. As experiências que vivi, os desafios que enfrentei e os professores que marcaram minha trajetória me mostraram que a verdadeira educação é um ato de esperança e transformação. Hoje, ao olhar para meus alunos, vejo não apenas futuros profissionais, mas indivíduos em formação, e procuro ser para eles o que tantos professores foram para mim: um farol em meio às incertezas, alguém que acredita e incentiva.

Referências

- CHARLOT, B. **Da relação sobre o saber**: elementos para uma teoria. Trad. Bruno Magne. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 2000.
- Freire, P. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. 25. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- HOFFMANN, J. **Avaliação mediadora**: uma prática em construção da pré escola à universidade. 26ªed. Porto Alegre: Mediação, 2006.
- LUCKESI, C. C. **Avaliação da aprendizagem escolar**: estudos e proposições. São Paulo: Cortez, 1995.

DO TRAUMA À TRANSFORMAÇÃO

A influência das avaliações em minha trajetória educacional

Diêgo Monteiro de Queiroz

*Crescer não é apenas acumular experiências e anos de vida,
mas se abrir com humildade ao aprendizado e
busca de conhecimento. Quem assume uma posição
de liderança no grito não dura nem desempenha.*
– Abílio Diniz

Desde a infância, sempre fui um bom aluno, ainda que pouco participativo. Fazia as atividades propostas, mantinha uma proximidade com os professores e adorava oferecer meu lanche a eles. Curiosamente, até hoje, no mestrado, mantenho essa prática, levando uma garrafa de café para as aulas, buscando tornar o ambiente mais acolhedor.

Minha pouca participação tem a ver com minha gagueira, que surgiu após um grande susto, que segundo meus pais, tirou minha respiração e, quando voltei a falar, estava gaguejando. Isso afetou minha comunicação, e mesmo quando tentava participar nas aulas, levantava o dedo pedindo a oportunidade, mas ao tentar falar, nada saía. Por dentro, as palavras fluíam, mas a boca não acompanhava.

Então meu escape, era recorrer aos estudos para aprender, ou tirar dúvidas, individualmente, na mesa do professor quando este, abria espaço.

A revista científica Brain publicou, recentemente, um estudo multidisciplinar detalhando como se origina a gagueira, que é um distúrbio que causa a fala repetida ou arrastada de palavras e está presente em cerca de 1% da população brasileira. De acordo com a publicação, tanto a gagueira de desenvolvimento (que surge na infância) como a adquirida (causada por acidente vascular ou problemas neurológicos) estão ligadas a condições neurológicas, e isso trouxe implicações enquanto estudante.

Em algum momento do Ensino Fundamental (EF) II, penso que no 7º Ano, vivenciei uma experiência desagradável. Uma professora de Ciências, em uma avaliação, acusou-me de colar e fez um grande alvoroço na sala, trocou meu lugar e me colocou ao seu lado. A vergonha foi imensa. Já me sentia inseguro em função da gagueira, pois toda vez que eu tentava uma comunicação em sala, sempre a frase era finalizada com a ajuda de algum colega, e agora estava me expondo diante da turma.

Sei que os colegas tinham boa intenção em ajudar na comunicação, mas para mim, receber essa ajuda era vergonhoso. Me remetia a um sentimento de incompetência. A pessoa que gagueja tem uma experiência ao gaguejar. Tem emoções, reações e pode ter medo, já que vive numa sociedade muitas vezes discriminatória e que não aceita a forma dela falar, afirma (Mendes, 2024).

Essa situação gerou um bloqueio em aprender o componente curricular de Ciências, no EF II e de Biologia no Ensino Médio (EM). Sempre associei essa dificuldade a gagueira, pelo fato de ter nomes difíceis nesses conteúdos e eu com limitações na fala. Portanto, ao participar das discussões de várias nas aulas da pós-graduação sobre processos avaliativos e as relações entre professor e aluno, percebi que o episódio com a professora impactou minha relação com esses componentes curriculares.

Nas aulas seguintes a esse episódio, a professora passou a olhar muito para mim, explicava novos conteúdos e com o olhar fixado a mim. Isso me deixava apreensivo em suas aulas. Hoje, como professor, reflito sobre se essa atitude representava um exercício de poder, conforme Foucault (1987) sugere, onde o controle e a disciplina são utilizados para moldar comportamentos.

O reflexo de tudo isso que me aconteceu, apresenta dois lados. O negativo, foi a dificuldade em aprender, assimilar o conteúdo no decorrer de todo o período escolar, apesar de estudar para as provas, na hora da avaliação, esquecia muito do que tinha estudado. E por outro lado, essa experiência negativa moldou minha postura enquanto docente. Ao perceber que um aluno está “colando”, opto por uma abordagem mais discreta, evitando constrangimentos. Em algumas situações, nem mesmo os colegas próximos percebem a intervenção. Valorizar uma postura respeitosa e cuidadosa no momento da avaliação é essencial, uma vez que vivenciei na pele o impacto de uma abordagem mais punitiva e autoritária.

Preso por atitude assim, pois percebo o trauma e o bloqueio que me causou durante o período escolar, até a faculdade. Pois nunca quis entrar num curso voltado à saúde porque iria estudar biologia, que sempre foi uma barreira no meu aprendizado. No entanto, durante todo o período escolar, o processo avaliativo se organizou no modelo tradicional, com uma ou duas provas bimestrais, algumas vezes, trabalhos escritos para entregar e, assim, era a rotina, ter que estudar para tirar boas notas. Pois sempre havia o aluno destaque, e esse era aquele com maiores notas.

Contudo, uma experiência diferente me marcou, que era a avaliação promovida pela professora de Literatura durante a segunda série do EM, ela nos desafiava a encenar peças teatrais que narravam as histórias dos livros propostos. Essa prática permitiu explorar outras habilidades como o trabalho em equipe, a expressão oral e a interpretação. Isso foi significativo, pois apesar dos anos

passado, até hoje sei contar as histórias dos livros, nas quais participei das peças teatrais.

Há 15 anos leciono o componente curricular de Matemática para o EF II e EM. Apesar de o sistema ainda não me permitir lançar mão da avaliação tradicional, que tem prestado basicamente em classificar e rotular os alunos (Luckesi, 1999; Hoffmann, 2003; Demo, 2008; Haydt, 2008), utilizo outros métodos avaliativos, das quais cito - em plataformas de ambiente virtual de aprendizagem (AVA), atividades em grupo e a avaliação da produção acadêmica, que ao final, o aluno precisa me apresentar um relatório daquilo que aprendeu ao longo do bimestre.

Avaliar, conforme defendem Luckesi (1999) e Hoffmann (2003), não deve ser um ato de proteção ou controle, mas de promoção da aprendizagem. Por isso, nos dias de “prova”, busco manter uma postura mais passiva em sala, evitando intimidar os alunos com a minha presença, mas sempre atento à sala.

Apesar das discussões sobre inovação na educação, a configuração das salas de aula, em sua maioria, permanece a mesma: carteiras enfileiradas, com o professor à frente centralizando o conhecimento. Esse modelo, que remonta há décadas, ainda não reflete as tão discutidas mudanças educacionais, especialmente no que diz respeito a práticas mais inclusivas e participativas.

O processo de avaliação escolar, segundo Hoffman (2008), deve ser contínuo, reflexivo e formativo, buscando acompanhar o desenvolvimento dos alunos e proporcionar momentos de revisão e ajuste nas práticas pedagógicas. É com esse pensamento que utilizo a avaliação da produção acadêmica, onde consigo acompanhar o relato de cada aluno ao longo do bimestre e com isso, (re)planejar as próximas aulas.

A autora critica o uso das avaliações tradicionais como provas e testes que, muitas vezes, têm apenas a capacidade de memorização, em vez de promoverem uma compreensão profunda do conteúdo. Isso é especialmente importante no ensino de

Matemática, onde a avaliação não deve apenas verificar o acerto ou erro das respostas, mas também entender o raciocínio e as estratégias utilizadas pelos alunos para resolver problemas.

A exemplo, eu quando estou corrigindo as provas, muitas vezes, considero uma questão meio certa, porque avalio o processo de construção do cálculo e não somente o resultado final. Luckesi (1999) partilha dessa visão, ao defender que a avaliação deve ser um processo para “diagnosticar” e “auxiliar” a aprendizagem, e não um mecanismo de controle ou exclusão. Ele afirma que as provas, quando utilizadas como um fim em si mesmas, desvirtuam o real papel da educação, que é o de formar sujeitos críticos e reflexivos. No caso da Matemática, a ênfase excessiva em tentativas tradicionais pode inibir a capacidade dos alunos de explorar o pensamento lógico de forma criativa. É pensando nisso, que também considero o raciocínio lógico desenvolvido na prova, e não somente a demonstração dos cálculos por meio de fórmulas. Demo (1994) reforça essa crítica ao afirmar que o ensino precisa valorizar a pesquisa, a construção do conhecimento pelo aluno, e não apenas a transmissão de conteúdos a serem memorizados para uma avaliação final. Nesse sentido, a avaliação deveria ser como um instrumento de feedback, permitindo ao aluno e ao professor identificar pontos de melhoria e construção de novos saberes.

Entretanto, os baixos índices de desempenho em Matemática em avaliações externas, como a Prova Brasil e o Sistema de Avaliação da Educação Básica (SAEB), evidenciam a necessidade de repensar o modelo avaliativo. Muitas vezes, o ensino da Matemática é tratado de forma mecânica e descontextualizada, o que contribui para a falta de engajamento dos alunos. Haydt (2008) sugere que uma avaliação formativa poderia ajudar a reverter esse cenário, permitindo que os alunos enxerguem a Matemática como uma ferramenta para resolver problemas do cotidiano, ao invés de uma mera repetição de fórmulas e algoritmos.

No entanto, o ingresso às universidades ainda se dá, em sua maioria, por meio de provas tradicionais, como vestibulares e o Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM), o que mantém uma tensão entre as práticas pedagógicas mais reflexivas nas escolas e o sistema de avaliação padronizado para o ensino superior. Esse desafio de alinhamento de métodos avaliativos mais inclusivos com os critérios externos exige uma reavaliação contínua do papel da avaliação na educação, particularmente, na educação básica.

Referências

- DEMO, Pedro. **Educação e qualidade**. Campinas: Papirus, 1994.
- DEMO, Pedro. **Avaliação qualitativa**: polêmicas do nosso tempo. Campinas, SP: Autores Associados, 9. ed, 2008.
- FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir**: nascimento da prisão. Petrópolis, 20ª ed. Vozes, 1987.
- HAYDT, Regina Cazaux. **Avaliação do processo de Ensino-Aprendizagem**. 6. ed. São Paulo: Editora Ática, 2008.
- HOFFMANN, Jussara Maria Lerch. **Avaliação Mediadora**: uma prática em construção da pré-escola à Universidade. 27. ed. Porto Alegre: Editora Mediação, 2003.
- HOFFMANN, Jussara Maria Lerch. **Avaliação**: mito & desafio - uma perspectiva construtivista. Educação e Realidade, Porto Alegre, 39. ed. 2008.
- LUCKESI, Cipriano Carlos. **Avaliação da aprendizagem**: estudos e proposições. São Paulo: Cortez, 1999.
- MENDES, Livia Godoy Amstalden. **Fonoaudióloga e Especialista em fluência detalha estudo sobre origem da gagueira**. Abra Gagueira. 26 de junho de 2024. Disponível em: <https://www.abragagueira.org.br/2024/06/26/fonoaudiologa-e-especialista-em-fluencia-detalha-estudo-sobre-origem-da-gagueira/>. Acesso em: 08 de nov. 2024.

MINHA JORNADA COM A AVALIAÇÃO

Da experiência discente à prática docente

Dayana Sales Rodrigues

A avaliação sempre esteve presente em minha trajetória educacional, desde os primeiros anos como estudante até minha atual atuação como professora. Ao longo desse percurso, vivenciei diferentes formas de avaliação, que ora foram percebidas como ferramentas de aprendizado, ora como instrumentos de pressão e ansiedade. Hoje, ao refletir sobre essas experiências, percebo como minha compreensão da avaliação se transformou, passando de uma visão estritamente classificatória para um entendimento mais amplo, que considera a avaliação como um processo contínuo e formativo.

Neste memorial, proponho uma releitura das minhas vivências com avaliação, traçando um paralelo entre meu olhar enquanto aluna e minha prática como professora. Pretendo analisar como minha experiência enquanto avaliada influenciou minha concepção e práticas avaliativas no ensino. Além disso, busco estabelecer conexões com teorias educacionais, especialmente com os princípios da aprendizagem transformadora, que propõem uma

avaliação crítica e reflexiva como parte fundamental do processo formativo.

Esse percurso reflexivo visa não apenas compreender como minha trajetória pessoal moldou minha prática docente, mas também identificar desafios e possibilidades para aprimorar minha atuação como educadora, promovendo uma avaliação mais justa, inclusiva e significativa para os meus alunos.

TRAJETÓRIA COM MÉTODOS DE AVALIAÇÃO

Minha jornada educacional teve início em 1997, quando, aos cinco anos de idade, ingressei no pré-escolar de uma escola particular de educação infantil. Naquele momento, minha compreensão sobre avaliação era inexistente, e a aprendizagem se dava de maneira lúdica, permeada por desenhos, brincadeiras e contação de histórias. As primeiras formas de avaliação que experimentei não estavam associadas a provas ou notas, mas sim ao olhar atento das professoras, que registravam meu desenvolvimento por meio de observações, relatórios e atividades recreativas.

Com o passar dos anos, a avaliação começou a assumir um caráter mais formal, acompanhando minha progressão escolar. No ensino fundamental, as provas e os exercícios escritos passaram a fazer parte da rotina, trazendo consigo a descoberta do significado de ser avaliada e a ansiedade que, muitas vezes, esse processo gerava.

Em 1999, aos sete anos de idade, ingressei na Escola Fundação Bradesco, uma instituição de ensino gratuita que se tornaria um marco na minha trajetória educacional. A mudança para essa nova escola trouxe não apenas um ambiente diferente, mas também novos desafios e descobertas, especialmente no que se referia à avaliação escolar. Diferente da educação infantil, onde o aprendizado era mais lúdico e a avaliação acontecia de maneira informal, no ensino fundamental comecei a vivenciar processos

avaliativos mais estruturados, como provas escritas, trabalhos e redações.

Lembro-me do impacto das primeiras avaliações formais, que passaram a ser um reflexo do meu desempenho acadêmico e um critério para medir meu aprendizado. O boletim escolar, com notas e conceitos, tornou-se uma representação do meu progresso, trazendo consigo sentimentos de satisfação quando os resultados eram positivos e frustração diante das dificuldades. Essa nova realidade me fez compreender que a avaliação não era apenas um instrumento de análise dos professores, mas também algo que influenciava diretamente minha motivação e meu envolvimento com os estudos.

Ali tínhamos normas e regras de convivência, rotinas a seguir, como por exemplo, cantar o hino nacional no pátio da escola às segundas-feiras. Lembro claramente do concurso capa de caderno, onde nós alunos produzíamos desenhos livres, aos quais eram submetidos a avaliações de bancas, e os melhores eram enviados para a matriz da escola em Osasco-SP, para produção das capas de cadernos em homenagem aos alunos.

Outro evento avaliativo, que os alunos tinham prestígio em participar eram as feiras de ciências, aberto a comunidade escolar externa, onde produzíamos o aprendizado ao longo das aulas teórico-práticas, com experiências, shows, apresentações, dentre outros.

Essa experiência no ensino fundamental começou a moldar minha percepção sobre a avaliação, pois, ao mesmo tempo em que reconhecia sua importância para acompanhar o aprendizado, também percebia a pressão que ela poderia exercer sobre nós alunos. Essa dualidade entre aprendizado e cobrança foi um dos primeiros questionamentos que carreguei e que, anos depois, influenciaria minha prática docente.

Em 2007, dei início a uma nova etapa da minha jornada educacional ao ingressar no Ensino Médio na mesma escola onde

havia estudado desde a infância. A continuidade nesse ambiente me proporcionou segurança, mas também trouxe desafios acadêmicos mais complexos, especialmente no que se referia à avaliação. As provas tornaram-se mais exigentes, os conteúdos mais densos e a preparação para o futuro acadêmico começou a ganhar maior importância.

No final de 2008, ao concluir o 2º ano do Ensino Médio, minha trajetória sofreu uma grande mudança: meus pais decidiram pela transferência de escola e de cidade, e me mudei para Palmas-TO para cursar o 3º ano do Ensino Médio no Colégio Objetivo. Essa transição representou uma reconfiguração não apenas no ambiente escolar, mas também na forma como vivenciei a avaliação. A adaptação a um novo método de ensino e a um contexto diferente exigiu de mim uma nova postura diante das avaliações, que passaram a ser ainda mais voltadas para a preparação para os vestibulares.

Os simulados eram constantes, e a cobrança dia após dia só aumentava, o clima de competição entre os colegas eram nítidos, pois somente os melhores se destacavam, uma forma de avaliação que só somava pontos, nada além disso.

No entanto, essa mudança também trouxe uma limitação significativa: na época, apenas alunos de escolas públicas podiam utilizar a nota do ENEM como forma de ingresso no ensino superior. Estar matriculada em uma instituição particular me tirou essa possibilidade, alterando o curso das minhas opções acadêmicas e reforçando a percepção de que a avaliação, além de medir conhecimentos, pode ser um fator determinante para oportunidades futuras. Esse episódio foi um dos primeiros momentos em que senti o peso da avaliação não apenas como um critério de desempenho individual, mas também como um elemento de desigualdade no acesso à educação superior.

Ao concluir o Ensino Médio, ingressei no curso de Enfermagem na ULBRA, em Palmas, dando início a uma nova etapa

da minha formação. Os quatro primeiros anos da graduação foram intensos, marcados por disciplinas teóricas com conteúdos densos e estágios exigentes que demandavam não apenas conhecimento técnico, mas também habilidades práticas e emocionais. A avaliação nesse contexto assumiu um papel ainda mais rigoroso, pois não se tratava apenas de provas escritas, mas também de desempenho em atividades práticas, apresentações e avaliações clínicas, nas quais a exigência dos professores era elevada.

Apesar dos desafios, meu empenho e dedicação me permitiram não apenas acompanhar o ritmo do curso, mas também me destacar, conquistando a oportunidade de atuar como monitora em duas disciplinas fundamentais: Semiologia/Semiotécnica e Farmacologia. Essa experiência foi transformadora, pois, além de aprofundar meu conhecimento nessas áreas, me proporcionou um contato mais próximo com a docência e com a avaliação sob uma nova perspectiva – a do professor. Como monitora, pude perceber que avaliar não era apenas medir o conhecimento dos colegas, mas também auxiliá-los no processo de aprendizagem, identificando dificuldades e promovendo estratégias para superá-las.

Essa vivência me fez enxergar a avaliação para além do caráter classificatório, compreendendo-a como um processo que pode ser tanto desafiador quanto enriquecedor. Foi nesse período que comecei a refletir sobre a importância de uma avaliação que não apenas cobre resultados, mas também promova crescimento e aprendizado significativo, uma visão que mais tarde influenciaria minha prática docente.

Ao concluir a graduação, senti a necessidade de continuar me aprimorando, buscando não apenas mais conhecimento, mas também uma nova forma de olhar e pensar a Enfermagem. No mesmo ano da minha formatura, iniciei minha primeira pós-graduação lato sensu, com o objetivo de me qualificar e expandir minha atuação profissional. Dois anos depois, iniciei minha segunda pós-graduação lato sensu, agora em uma área que definiria minha

trajetória profissional: Pediatria e Neonatologia Intensiva. Esse novo nível de ensino trouxe desafios distintos daqueles vividos na graduação, tanto pela autonomia exigida quanto pelo formato das avaliações, que passaram a ser ainda mais direcionadas à prática clínica, exigindo não apenas domínio teórico, mas também a capacidade de aplicar esse conhecimento de forma crítica e eficaz no ambiente hospitalar.

Nesse período, minha compreensão sobre avaliação se transformou novamente. Se antes a avaliação acadêmica estava mais centrada na assimilação de conteúdos e no desempenho individual, agora ela se tornava uma ferramenta para validar competências e habilidades essenciais para a atuação profissional. Mais do que medir conhecimentos, os processos avaliativos passaram a refletir a capacidade de tomada de decisão, de raciocínio clínico e de resolução de problemas reais, preparando-me para os desafios do dia-a-dia.

Atualmente, como docente do ensino superior no curso de Enfermagem em uma instituição pública, minha abordagem avaliativa reflete toda a minha trajetória acadêmica e profissional. Minhas experiências como aluna, tanto na graduação quanto nas especializações, me fizeram perceber que a avaliação vai muito além de um instrumento classificatório – ela pode (e deve) ser um processo formativo, capaz de estimular o pensamento crítico, a autonomia e o aprendizado significativo dos alunos.

Com essa perspectiva, busco aplicar avaliações de forma menos somativa e mais dinâmica e livre, utilizando estratégias que favoreçam a construção do conhecimento de maneira participativa. Em vez de focar exclusivamente em provas tradicionais, adoto metodologias que incentivam a reflexão, a problematização e a aplicação prática dos conteúdos. Estudos de caso, discussões dirigidas, metodologias ativas e autoavaliações são algumas das ferramentas que utilizo para tornar a avaliação mais coerente com a realidade da Enfermagem e mais alinhada à formação de

profissionais críticos e preparados para os desafios da assistência em saúde.

Essa mudança na forma de avaliar não foi apenas uma escolha metodológica, mas um reflexo da minha própria vivência enquanto aluna e profissional. Hoje, compreendo a avaliação como um processo contínuo, que deve ser conduzido de maneira dialógica e construtiva, contribuindo para que o estudante não apenas demonstre conhecimento, mas aprenda ao longo do processo. Esse olhar transformador sobre a avaliação é um dos pilares da minha prática docente, e acredito que ele faz toda a diferença na formação de futuros enfermeiros.

Referências

HAYDT, R. C. **Avaliação do processo Ensino-Aprendizagem**. São Paulo: Editora Ática: 6a ed., 2007.

ROMÃO, José Eustáquio. **Avaliação Dialógica desafios e perspectivas**. São Paulo: Editora Cortez: 6 ed., 2005.

SUPERANDO OBSTÁCULOS

Minha jornada da alfabetização ao mestrado

João Pedro Sousa Lima

*É tão claro agora / Eu queria poder dizer / Pra aquela
criança / Que ainda não vê / É tão claro agora / Eu sei que
vai doer / Mas isso é necessário / Pra quem você vai ser.
– JÃO*

Este memorial visa descrever detalhadamente minha trajetória acadêmica, desde o início da minha jornada como estudante até o momento atual, em que sou aluno do curso de Mestrado em Ensino em Ciências e Saúde na Universidade Federal do Tocantins.

Nasci em 1995 e minhas primeiras memórias remontam aos meus 4 anos de idade, em 1999, no antigo jardim de infância da Escola Girassol, no bairro Centro, em Presidente Dutra - MA. Permaneci nessa instituição até 1999. Ao concluir esta etapa, ingressei na antiga 1ª série na Unidade Escolar Dr. Murilo Braga, localizada no mesmo bairro e cidade. cursando da 1ª à 5ª série, fui reprovado na 1ª série em português por dificuldades de alfabetização. No ano seguinte, refiz a 1ª série, permanecendo na mesma escola e sendo aprovado, embora ainda com muita dificuldade na leitura. Em 2008, fui transferido para o Centro de Ensino Padre Anchieta, também no bairro Centro, em Presidente

Dutra, onde cursei a 6ª série entre 2008 e 2010. No ano de 2012 para concluir a 7ª e 8ª séries do Ensino Fundamental, ingressei no Colégio Municipal de Presidente Dutra - Anexo Tereza de Oliveira, onde finalizei essa etapa na modalidade de Educação de Jovens e Adultos, correspondente à 4ª etapa do ensino fundamental.

Nos primeiros dias de aula, senti uma diferença tremenda em comparação às minhas experiências anteriores como aluno. Agora, estudando no turno da noite, conviver com realidades diferentes foi, sem dúvida, um choque cultural e educacional. Culturalmente, passei a conviver com pessoas que trabalhavam durante todo o dia e estudavam à noite, além de pertencerem às comunidades carentes da região. Até então, minha família me deu todo o suporte, sempre estudei em escolas públicas da cidade.

A partir de 2012, surgiram programas que ajudavam estudantes atrasados na escola a concluir o ensino médio se obtivessem uma boa nota no ENEM. Esses programas eram conhecidos como Exame Nacional para Certificação de Competências de Jovens e Adultos (Encceja) ou o próprio ENEM. Após conseguir uma boa pontuação no ENEM, obtive o certificado de conclusão do ensino médio.

Para Libâneo (1994), a prática educativa é um fenômeno social e universal, uma atividade humana necessária à existência de todas as sociedades. Segundo o autor, em sentido amplo, "a educação compreende processos formativos que ocorrem no meio social", ou seja, a prática educativa existe em uma grande variedade de instituições e atividades sociais decorrentes das formas de convivência humana.

Passada essa etapa, iniciei minha caminhada em busca do ingresso na universidade. Logo após concluir o ensino médio, tentei o vestibular da FACEMA em Caxias -MA, para a carreira de Fisioterapia e consegui ingressar no curso. No entanto, ao iniciar o curso, veio a decepção, pois tive grande dificuldade nas disciplinas básicas como bioquímica e anatomia. No primeiro período, reprovei

na maior parte das disciplinas. Assim que comecei, pensei que minha dificuldade no ensino fundamental estaria presente na minha vida acadêmica. Fiquei decepcionado, pois não consegui me desenvolver nas disciplinas e tinha medo de apresentar seminários. Evitava cada apresentação exigida pelos professores. Acabei trancando a matrícula.

De acordo com Romão (2005), a avaliação segue uma trajetória linear e está intimamente ligada ao processo de aprendizagem. Este vínculo influencia significativamente o conteúdo ensinado pelos professores, as matérias estudadas pelos alunos e o aprendizado efetivo que resulta dessa interação. A primeira dificuldade que enfrentei no ensino superior foi o método avaliativo das disciplinas com seminários. Desde a minha trajetória no ensino fundamental, minha dificuldade com a leitura, devido ao bullying que sofria ao ler na frente da classe, criou um bloqueio em mim em relação a falar em público. Sempre evitava as apresentações. Porém, na faculdade, isso não poderia ser evitado.

Houve várias avaliações práticas no curso de fisioterapia, com seminários em cada módulo da disciplina. Naquele momento, o objetivo principal deveria ser o aprendizado. Contudo, não realizar a apresentação resultava em perda de nota. E sejamos sinceros, como é possível fazer uma excelente apresentação sobre algo que ainda está em fase de aprendizagem? Ser penalizado por algo que se está justamente aprendendo é realmente a abordagem mais adequada?

É aqui que entra a avaliação formativa. Conforme Haydt (2007), esse método de avaliação permite identificar as áreas de dificuldade de cada aluno por meio de feedbacks. Desta maneira, o aluno reconhece seus erros e acertos, encontrando motivação para um estudo mais estruturado. Quando aplicada de maneira correta, essa prática de avaliação eleva a qualidade do ensino e garante que a maioria dos alunos atinjam os objetivos desejados. Em resumo, o

propósito desse método é auxiliar o aluno a aprimorar seu desempenho.

Entretanto, o que se notava era que, se o aluno cometesse erros e tivesse um desempenho ruim nas apresentações, a culpa era atribuída à falta de estudo adequado para obter uma boa nota. No entanto, ninguém considerava, por exemplo: o tempo destinado às apresentações era suficiente? Os alunos receberam treinamento qualificado prévio para executar o que lhes era exigido? Apresentar em 20 minutos, em uma sala de aula com 60 pessoas, era realmente tempo suficiente?

Em 2016, prestei o exame vestibular na Faculdade Santo Agostinho em Teresina - PI e consegui iniciar meus estudos no curso de Psicologia. Estava tudo caminhando bem. De fato, foi um período bom, mas não tão longo quanto eu previa. As dificuldades começaram novamente. Sabia que era minha última oportunidade, minha família já estava cansada e achava que eu não queria nada com a vida. Mal sabiam eles das minhas dificuldades no processo de aprendizagem.

Apesar dos inúmeros desafios enfrentados nas apresentações de seminários durante o curso de psicologia, consegui me formar. Porém, houve um evento que mudou minha trajetória. Decidi enfrentar os obstáculos de frente. Parei de evitar as apresentações e passei noites ensaiando. No terceiro período, as apresentações deixaram de ser um problema; eu havia alcançado um significativo desenvolvimento nas minhas habilidades de apresentação.

Dessa forma, consegui concluir minha primeira graduação no final do ano de 2020. Sobre o curso, de uma forma geral, penso que os conhecimentos obtidos ficaram muito no mundo das ideias e da teoria. Como estudante de Psicologia, percebi que precisava ir além da sala de aula, participando de programas de iniciação científica, apresentando trabalhos em eventos, participando de grupos de

estudo e/ou pesquisa, e estágios extracurriculares, entre outras atividades.

Concluí a graduação e me tornei psicólogo, ingressando como psicólogo clínico na minha cidade natal. Logo senti os primeiros obstáculos ao enviar currículos e fazer entrevistas: a falta de experiência e um currículo um tanto quanto “cru”. Parei para pensar e refletir, achando que seria muito difícil conseguir uma oportunidade dessa forma, pois as experiências que tinha como estagiário não pareciam tão viáveis. Então, comecei a atender em clínicas, sendo remunerado por produção, ou seja, recebendo uma porcentagem pelos atendimentos que realizava.

Após algumas tentativas, consegui uma vaga de psicólogo na empresa Central Med. em Parauapebas - PA, que prestava serviços para a VALE. Fui chamado pelo LinkedIn no meio do ano de 2021. A partir daí, as coisas começaram a fluir. Fiquei nessa empresa por um período de 3 meses. No ano de 2022, fui chamado para trabalhar como psicólogo social no CRAS, contratado pela Prefeitura Municipal de Parauapebas - PA, onde estou até o presente momento. É importante lembrar que, no 8º período do curso de bacharelado em Psicologia, ingressei em uma Pós-Graduação Lato Sensu em Suicidologia na Faculdade Elesbão Veloso, em Teresina - PI, no semestre de 2019.2, concluída em 2020.2.

O ano de 2023 me trouxe uma surpresa agradável. Estava trabalhando como professor universitário na Faculdade Vale dos Carajás em Parauapebas PA, ministrando as disciplinas de Psicodiagnóstico, Psicologia Organizacional do Trabalho e Psicologia da Saúde. Para minha surpresa, superei minha dificuldade em apresentar seminários, e agora sou um professor confiante e realizado.

Em 2022, apenas para registrar, comecei duas novas Pós-Graduações Lato Sensu na modalidade EaD pela FACUVALE: uma em Psicologia Hospitalar e outra em Saúde Mental e Psiquiatria, concluí ambas com êxito. Ainda restavam pelo menos duas etapas:

o Mestrado e o Doutorado. Começando pelo Mestrado. Em 2023, participei do processo seletivo para o programa de Pós-Graduação em nível de Mestrado do PPGECS na Universidade Federal do Tocantins, em Palmas - TO. Após ser aprovado, comecei os estudos em agosto. Atualmente, estou no percurso deste Mestrado, que tem previsão de conclusão para 2025.

Atualmente, além de integrar o corpo docente do PPGECS, atuo, desde janeiro de 2023, como professor das disciplinas Psicologia da Saúde II e Psicodiagnóstico na Faculdade Vale dos Carajás (FVC) em Parauapebas – PA, além de estar como coordenador de estágio no curso de bacharelado em Psicologia como psicólogo, sou servidor público e atuo como Psicólogo Hospitalar na Americas Health e sou Fundador e Presidente do Instituto Florescer: Vidas em Rede, uma organização sem fins lucrativos. Posso dizer que venci, sou um grande vencedor, me sinto um líder. E segundo Chiavenato (2008), os líderes são importantes, pois a eficácia de uma organização depende da condução de equipes. Trabalhar com pessoas é um desafio diário e constante, havendo necessidade de gerentes, coordenadores, supervisores, diretores e todo colaborador desenvolverem o comportamento de líder eficaz, pois agregarão ao perfil humano e profissional diversas habilidades necessárias para o desenvolvimento de atividades diárias que demandam resultados urgentes e diferenciados. Ser líder requer desafios e, em contrapartida, capacitação continuada de formação humana e técnica; essas orientações de treinamento e desenvolvimento humano são fundamentais para o aprimoramento do exercício de liderança e do desenvolvimento de equipes em organizações eficazes.

É fato que minha trajetória acadêmica, marcada por superar obstáculos, pode parecer um tanto insana e fora do comum, mas é a história de um estudante persistente que está constantemente em busca de ampliar, superar suas dificuldades e qualificar seus conhecimentos. Admito que muitas informações podem ter sido

omitidas por descuido ou esquecimento, mas o que está exposto até aqui é um retrato fiel daquela criança que muitos professores e familiares achavam que jamais chegaria onde estou hoje.

Referências

CHIAVENATO, Idalberto. **Empreendedorismo**: dando asas ao espírito empreendedor: empreendedorismo e viabilidade de novas empresas. 2.ed. rev. e atualizada. São Paulo: Saraiva 2008.

LIBÂNEO, J. C. **Didática**. São Paulo: Cortez, 1994.

HAYDT, R. C. **Avaliação do processo Ensino-Aprendizagem**. São Paulo: Editora Ática: 6a ed., 2007.

ROMÃO, José Eustáquio. **Avaliação Dialógica desafios e perspectivas**. São Paulo: Editora Cortez: 6 ed., 2005.

ZANON, Dulcimieri. Aparecida Volante.; FREITAS, Denise. **A aula de ciências nas séries iniciais do ensino fundamental**: ações que favorecem a sua aprendizagem. Ciências & Cognição, v.10, p.93-103, 2007.

RELATOS DE MINHA VIDA DE ESTUDANTE A PROFESSOR

Jorge Cardoso Dias

Ao longo da minha trajetória educacional, tive o privilégio de viver em diversos contextos escolares que, de maneira singular, moldaram minha percepção sobre o processo de ensino-aprendizagem. Comecei minha jornada escolar no Colégio Simões Filho, em Salvador, onde o ensino primário foi a porta de entrada para um mundo novo. Lembro-me da disposição das salas de aula, organizadas de forma tradicional, com carteiras alinhadas em filas e a figura do professor à frente da turma, conduzindo o conhecimento. Naquele tempo, a postura dos professores era autoritária, mas ao mesmo tempo, digna de respeito. O ambiente era mais rígido, com um foco claro na disciplina, e as avaliações aconteciam de forma frequente, cobrando o cumprimento das tarefas.

Essa configuração, bastante comum na época, refletia a visão de educação como um ato de "depositar" conhecimento, conceito que Paulo Freire criticava fortemente. Paulo Freire em sua obra *Pedagogia do Oprimido*(2005) afirma que "o educador é o que ensina, mas é também o que aprende". Ele questiona a prática de

uma educação que se limita a um "deixar-se ser ensinado" e enfatiza a importância da troca e do diálogo. Esse modelo, por mais eficiente que fosse para alguns, não favorecia o desenvolvimento crítico ou a autonomia do aluno. A avaliação, nesse contexto, era muitas vezes um reflexo daquilo que se "depositava" no aluno, sem a preocupação de entender o processo de aprendizagem por trás da resposta dada. Minha transição para o ensino fundamental e, posteriormente, o ginásio no Colégio Oscar Marinho Falcão, em Itabuna, foi marcada por mudanças no ambiente e nas relações entre alunos e professores. A sala de aula se tornou mais dinâmica, com discussões e questionamentos, e eu, como estudante, passei a perceber uma postura mais atenta dos professores às dificuldades individuais de cada um. Contudo, uma constante nas duas fases foi a sensação de que as avaliações eram, muitas vezes, uma ferramenta punitiva, ao invés de um meio para compreender e auxiliar o aluno em seu processo de aprendizagem. Nesse período, a ideia de "aprovação" parecia estar mais atrelada ao desempenho nas provas do que ao desenvolvimento real do conhecimento.

Paulo Freire (1997) em *Pedagogia da Esperança*, diz que "não há saber mais ou saber menos: há saberes diferentes". Essa perspectiva fez com que, ao longo de minha vida acadêmica, eu comesse a questionar a eficácia do sistema de avaliação tradicional, que se baseia em provas objetivas e notas, sem considerar as múltiplas formas de conhecimento que o aluno pode ter. A prática de "colar", bastante comum no ensino médio, era um reflexo claro desta avaliação reducionista, que não valoriza o esforço de aprendizagem real, mas apenas o resultado imediato. A pressão para obter boas notas, muitas vezes, levava os estudantes a buscar atalhos, em vez de investir no processo de aprendizado genuíno.

Ao ingressar na Universidade Federal do Tocantins, para me formar em Jornalismo, pude vivenciar um ensino superior que, embora ainda muito centrado no conteúdo e em provas, trouxe consigo uma visão mais crítica e reflexiva sobre o processo

educacional. As avaliações passaram a ter um caráter mais formativo, o que possibilitava maior diálogo entre aluno e professor. Eu, agora como futuro profissional, passei a enxergar a avaliação não apenas como um meio de mensurar o desempenho, mas também como uma ferramenta de construção de conhecimento.

Freire (2005) nos ensina que a educação deve ser uma prática de liberdade, onde o aluno e o professor se engajam em uma "prática de leitura do mundo". O ato de avaliar, nesse sentido, vai muito além da simples pontuação em uma prova. Ele envolve a compreensão das realidades que moldam o aluno e o processo de ensino, permitindo uma avaliação que não seja punitiva, mas uma oportunidade para ambos — educador e educando — aprenderem e crescerem juntos.

Essa experiência acadêmica me levou a questionar a natureza das avaliações ao longo da minha trajetória. Acredito que o processo de avaliação não deve se restringir ao exame final, mas deve ser um reflexo contínuo da jornada de aprendizagem do estudante. Como aluno, eu sentia que muitas vezes os resultados das avaliações eram mais uma forma de controle do que uma verdadeira medida do que realmente aprendi. Hoje, como professor, procuro trazer para minhas práticas uma visão mais holística da avaliação, que leve em conta não só os resultados formais, mas também o processo de aprendizagem em si.

Além disso, como educador, percebo que a postura do professor e a disposição da sala de aula têm um papel fundamental no desenvolvimento dos estudantes. Em minha experiência, a formação de um ambiente propício ao aprendizado exige mais do que apenas conteúdo técnico. Deve-se criar um espaço de diálogo, onde os alunos se sintam seguros para expressar dúvidas, questionar e se engajar de maneira crítica. O professor não deve ser um transmissor unilateral de conhecimento, mas um facilitador que compreenda as dificuldades e os desafios individuais de cada aluno.

Paulo Freire (2005) descreve a educação como um "ato de conhecer e não de repetição". Essa visão, que põe o aluno como sujeito ativo no processo de aprendizagem, reflete a necessidade de um ensino que favoreça a autonomia do estudante. Quando aplico essa perspectiva em minhas aulas, busco promover um ambiente onde o aluno não seja apenas um receptor de informações, mas um participante crítico do processo educacional. A avaliação, portanto, se torna uma ferramenta que vai além da simples mensuração de conteúdo. Ela deve avaliar o percurso, o engajamento e o desenvolvimento do aluno ao longo do tempo.

Por fim, reflito sobre como as avaliações influenciam diretamente o comportamento dos estudantes. No ensino médio, eu vivenciei a busca incessante pela "nota boa" como um fim em si mesmo, o que muitas vezes gerava uma relação de superficialidade com o aprendizado. No entanto, com o tempo, aprendi que a verdadeira avaliação é aquela que permite ao aluno crescer, refletir sobre suas práticas e buscar alternativas para melhorar continuamente. Hoje, como educador, tento inculcar nos meus alunos a ideia de que a avaliação é, acima de tudo, uma oportunidade de autoavaliação, um momento para refletir sobre suas fortalezas e pontos a desenvolver.

Em suma, ao olhar para minha trajetória como aluno e agora como professor, posso perceber como as avaliações, as posturas dos professores e até mesmo a estrutura das salas de aula desempenham papéis fundamentais no desenvolvimento do indivíduo. O que se espera de um bom educador não é apenas o domínio do conteúdo, mas a capacidade de perceber e fomentar as múltiplas dimensões da aprendizagem.

Referências

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 42. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Esperança**: um reencontro com a pedagogia do oprimido. 23. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.

A JORNADA ENTRE MINHA VIDA PROFISSIONAL E A CONQUISTA NO MESTRADO

Josimar Macedo Leal

Enfatizo que apresento neste memorial não somente as experiências profissionais relacionadas com o Programa de mestrado pretendido, mas também aquelas que me ensinaram a entender as avaliações nas escolas que passei ao longo da vida. A primeira experiência que obtive foi em uma escola privada na educação infantil, essa avaliação foi utilizada por toda minha educação básica foi um componente crucial na minha educação, utilizada para medir o aprendizado ao final de um período, pois remonta a práticas antigas de mensuração do conhecimento.

Com o passar do tempo percebi que a vantagem desse método de avaliação somativa é garantir que os alunos incluam testes, projetos e apresentações. Cada um desses métodos visa não apenas avaliar o conhecimento, mas também promover o desenvolvimento de habilidades críticas nos alunos, como o pensamento crítico e a resolução de problemas. Além disso, a avaliação somativa teve um impacto significativo na minha educação básica influenciando currículos e práticas pedagógicas. Ela me

ajudou a identificar áreas de melhoria e garantiu preparos para desafios, moldando trajetórias acadêmicas.

Apesar de seus benefícios, a avaliação somativa enfrenta desafios, como a pressão sobre os alunos e a possibilidade de avaliação injusta. É essencial que educadores reflitam sobre como essas avaliações podem ser mais eficazes e justas. Vejo em suma, a avaliação somativa é fundamental para a educação moderna. Compreender sua evolução e impactos permite que educadores aprimorem suas práticas, garantindo que a avaliação contribua de forma positiva para o aprendizado.

Avaliar não é julgar, mas acompanhar um percurso de vida da criança, durante o qual ocorrem mudanças em múltiplas dimensões, com intenção de favorecer o máximo possível seu desenvolvimento (Hoffmann, 2012, p. 13).

A segunda experiência aconteceu após aprovação no vestibular no curso de Gestão em Recursos Humanos em uma Universidade Privada, com isso foi fundamental perceber a avaliação diagnóstica nessa Instituição, esse processo permitiu identificar minhas necessidades e dificuldades na vida acadêmica. Com o tempo, essa metodologia de avaliação diagnóstica evoluiu significativamente. Inicialmente, focadas em testes padronizados, hoje incluem abordagens mais holísticas e formativas. Isso permitiu uma compreensão mais profunda do meu desempenho e das minhas dificuldades.

Essa avaliação foi crucial para personalizar meu ensino promovendo um ambiente de aprendizagem mais eficaz e inclusivo tanto na minha educação básica como na superior. Sei que apesar de seus benefícios, a avaliação diagnóstica enfrenta desafios. A resistência à mudança, a falta de formação adequada e a escassez de recursos são obstáculos que precisam ser superados para que essa prática seja mais amplamente adotada é uma ferramenta essencial na educação moderna. Sua história e evolução mostram como é importante adaptar métodos de ensino às necessidades.

Posteriormente, fui aprovado no vestibular para Licenciatura em Educação Física em 2014. Inicialmente, fiz meu estágio do curso na Escola Municipal de Palmas-TO, atuando com políticas públicas relacionadas à gestão, formação e qualificação dos filhos de trabalhadores e trabalhadoras da agricultura familiar e da regulação na área da saúde e acesso à informação da condição física dos alunos. Na experiência obtida na escola supracitada, atuei no estágio de um ano da assessoria da referida escola, oportunidade onde pude aumentar meu envolvimento com atividade física com a prevenção e controle de doenças dos alunos com doenças relacionadas a substâncias vinda do cultivo de hortaliças cultivadas com agrotóxicos no meio familiar. Adicionalmente, participei das atividades relacionadas ao Plano Plurianual (PPA) e outras atividades de planejamento governamental, como por exemplo, o acompanhamento do comportamento mental e físico das crianças e adolescentes. Participei, também, do Grupo de Trabalho destinado ao Monitoramento e Avaliação de Políticas de Saúde, elaborando notas técnicas para aprovação dos estudos feitos pela Universidade Privada, onde, por termo de cooperação, fiquei encarregado de realizar os estudos propostos pelo Grupo de Trabalho.

Na experiência obtida na escola supracitada, atuei no estágio de um ano da assessoria da referida escola, oportunidade onde pude aumentar meu envolvimento com atividade física com a prevenção e controle de doenças dos alunos com doenças relacionadas a substâncias vinda do cultivo de hortaliças cultivadas com agrotóxicos no meio familiar. Adicionalmente, participei das atividades relacionadas ao Plano Plurianual (PPA) e outras atividades de planejamento governamental, como por exemplo, o acompanhamento do comportamento mental e físico das crianças e adolescentes. Participei, também, do Grupo de Trabalho destinado ao Monitoramento e Avaliação de Políticas de Saúde, elaborando notas técnicas para aprovação dos estudos feitos pela Universidade

Privada, onde, por termo de cooperação, fiquei encarregado de realizar os estudos propostos pelo Grupo de Trabalho.

Pensar a educação na contemporaneidade é desafiador, pois envolve a construção de um pensamento complexo, aberto e livre, relacionado a uma capacidade de contextualização e integração de múltiplos saberes dentro de um universo de constantes mudanças e fluidez (BAUMAN, 2001).

Por fim, estou atualmente requisitado em uma Secretaria Pública de Pós-graduação – cuja atribuição é do apoio tanto aos mestrados e doutorados bem como elaborar, monitorar e avaliar a situação concorrencial de setores de patrimonial interesse da direção, além de outras atribuições. E foi com muita alegria que conseguir entrar no Programa de Mestrado em Ensino em Ciências e Saúde oferece em uma linha de pesquisa (Ensino em saúde coletiva: populações vulneráveis e ambientes saudáveis) de interesse que apresentam relação direta com o projeto que desenvolvo de conhecimentos adquiridos e que serão adquiridos em disciplinas dessas áreas, em conjunto com aquelas disciplinas obrigatórias do Programa, permitirão que eu desenvolva, além de uma formação sólida em teoria de ciência e saúde, uma base de conhecimentos igualmente sólida em técnica de análise de dados, que serão de suma importância no meu trabalho social tanto para Instituição que trabalho como para a sociedade do Tocantins e do Brasil.

Sinto-me apto a enfrentar esse desafio de cursar o Programa de Mestrado em Ensino em Ciências e Saúde - PPGECS e não tenho dúvidas de que os conhecimentos adquiridos em minha experiência de vida e no âmbito do programa serão de grande valia para a realização da pesquisa proposta e para o meu crescimento profissional.

Baseado nos pontos descritos ao longo dessa jornada e tendo em vista minha atuação profissional, planejo realizar meu projeto de pesquisa em uma área multidisciplinar, envolvendo tanto o Programa, como a Administração Pública. Ao longo dos anos em

Instituições públicas, percebi que muitas decisões de natureza acadêmica e ensino são tomadas tendo por base as inclinações na melhoria da sociedade brasileira. O objetivo de minha pesquisa no programa será desenvolver uma metodologia de tomada de decisões que uniformize o tratamento dos principais casos de perspectiva do egresso no Programa de Pós. Para isso, pretendo analisar todos os processos de avaliação pelo Programa nos últimos cinco anos, buscando classificá-los em categorias de análise e avaliando o impacto social e a base acadêmica das diferentes decisões do Programa em cada um desses casos. Além disso, pretendo realizar entrevistas com os discentes e docentes responsáveis por essas decisões, de forma a entender os principais elementos que motivaram a posição do Programa. Com isso, espero criar uma metodologia de tomada de decisões que confira maior uniformidade aos acadêmicos e maior previsibilidade a qualidade para os agentes envolvidos em cada um desses casos.

Referência

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade Líquida**. Rio de Janeiro: Editora Jorge Zahar, 2001.

HOFFMANN, Jussara. **Avaliação e educação infantil: Um olhar sensível e reflexivo sobre a criança** - Porto Alegre; Mediação, 2012.

EXPERIÊNCIA DE AVALIAÇÃO ESCOLAR

Um breve relato autobiográfico

Jucimar Souza Ribeiro

*Quando a situação for boa, desfrute-a.
Quando a situação for ruim, transforme-a.
Quando a situação não puder ser
transformada, transforme-se.”
– Viktor Emil Frankl*

Inicialmente, quero fazer uma pequena retrospectiva da trajetória dos meus pais. Meu pai, natural da cidade de Formosa-BA (in memoriam), e minha mãe, natural de Barreiras-PI, se conheceram em Ponte Alta-TO, e lá se casaram. Posteriormente, foram morar em Pindorama-TO, uma pequena cidade que fica a 203,7 km de Palmas, capital do Estado.

De acordo com minha mãe, nesse período, as condições financeiras eram difíceis e por isso ambos passaram a trabalhar. Ela trabalhava lavando roupas das famílias de classe média e meu pai na área da carpintaria, artesanato, música e era luthier. Trabalharam duro para sustentar as necessidades básicas de casa.

Experiência do ambiente escolar e de alguns modelos avaliativos

A minha trajetória em direção a escola se deu pela determinação de minha mãe e a coragem do meu pai, pois devido ao pouco recurso,

e vendo os filhos crescerem, decidiram buscar novas oportunidades, sobretudo a de colocar os filhos na escola. Por esta razão, mudaram-se para a cidade de Porto Nacional-TO, uma cidade com mais possibilidades e perspectivas de ensino, e com isso poderiam proporcionar uma formação melhor.

Com isso, vejo nessa atitude que a responsabilidade dos meus pais sobre nós, os filhos, foi levada a sério, no que diz respeito a educação, como afirma a Constituição de 1988 ao dizer que: A educação, direito de todos e dever do Estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho. (BRASIL, 1988).

Assim em 1981, nasci em Porto Nacional e mais tarde, no ano de 1987, fui inserido num pequeno centro comunitário de alfabetização, quando contava com 6 anos de idade. Me recordo, que nessa época as aulas eram ministradas para vários alunos ao mesmo tempo, e com isso, tive muita dificuldade de convivência.

Nesse centro, para a alfabetização, havia o método de “decorar” os conteúdos apresentados pelos educadores. E embora utilizassem dos recursos lúdicos, como: jogos, brinquedos e brincadeiras, havia muito rigor no controle da disciplina como: colocar o aluno de castigo perante a turma, atrás da porta, ou de joelhos, causando constrangimento, o que o Estatuto da Criança e do Adolescente proíbe, ao afirmar em seu Art. 5º que:

Nenhuma criança ou adolescente será objeto de qualquer forma de negligência, discriminação, exploração, violência, crueldade e opressão, punido na forma da lei qualquer atentado, por ação ou omissão, aos seus direitos fundamentais. (Brasil, 2024).

Recordo-me também, que o método avaliativo utilizado pelos professores nesta época, estava associado exatamente a um modelo semelhante ao que Paulo Freire chamou de educação bancária, em sua obra: *A Pedagogia do Oprimido*. Este pensador, nos mostra que tal modelo de educação apresenta o educador como o único detentor do conhecimento.

Nessa perspectiva de ensino, os alunos apenas recebiam o conhecimento, e no meu caso, sem poder questionar. Esse ponto de vista da educação, tinha como base um modelo avaliativo no âmbito hierárquico e unidirecional. Conforme a obra supracitada, acerca deste modelo de avaliação, o autor afirma que: “o educador é o que diz a palavra; os educandos, os que a escutam docilmente; o educador é o que disciplina; os educandos, os disciplinados” (Freire, 2005, p. 68).

Desse modo, não se visualiza as potencialidades do estudante, o que destoava da proposta: “educação libertadora”, que traz em sua essência, no espaço escolar, os aspectos dialógicos, participativos e colaborativos do estudante que está no processo de construção de conhecimento (Freire, 2005).

Já com 7 anos de idade, fui inserido no ensino fundamental, e estava ansioso por ter colegas e professores diferentes. Contudo, foi aí que o processo de avaliação começou a ficar exigente, pois a escola usava um modelo somatório de notas, que era constituído por pontuações resultantes das provas escritas, trabalhos e atividades. Nesse modelo, éramos avaliados ao final de cada semestre. Mas, como estudávamos para as provas?

Tínhamos que decorar tudo, a professora passava um questionário, o qual respondíamos, depois ela corrigia, e tinha que estar igual a sua resposta, caso contrário estava errado. Por essa razão, tínhamos que decorar para responder a prova, o que na atualidade, Luckesi faz uma crítica ao dizer que: “o nosso exercício pedagógico escolar é atravessado mais por uma pedagogia do

exame do que por uma pedagogia do ensino/aprendizagem (...)” (LUCKESI, p. 31, 2013).

Ademais, esses dias eram angustiantes, e em consequência ao método aplicado, haviam inúmeras reprovações, (recordo-me que repeti a 4ª série nessa época). E os boletins? Era um momento de muita aflição, pois estes eram de cor laranja, e as notas ali colocadas eram as seguintes cores: vermelha, abaixo da média e azul acima da média. Tal modelo avaliativo, fazia com que o aluno experimentasse um pânico, pois ao chegar em casa com o boletim todo colorido, poderia ser motivo de uma punição.

A avaliação no ensino fundamental, era também auxiliada por trabalhos realizados em grupo, e isso causava desconforto para alguns estudantes, pois os pais tinham que comprar cartolinas, lápis de cor, tinta e outros recursos que se tornaram caros, uma vez que as escolas, em grande parte, não disponibilizavam desses materiais. Nesse contexto, os filhos de pais de classe média sempre levavam vantagem, pois eram os que tinham mais recursos financeiros para deixar as atividades bem elaboradas e conseqüentemente, suas notas eram as melhores. Além disso, ainda sobre as provas no viés somativo, surgiam aqueles alunos que burlavam o professor com as chamadas “colas”.

Lembro-me de um colega, que escreveu num pequeno papel uma resposta e colocou dentro de sua caneta, e depois soprou em direção a outro colega, para que o mesmo pudesse pegar e responder de forma certa. Nessa época, havia grupos de alunos que criavam códigos de palavras, como é o caso da chamada a língua do “p”.

Essa invenção, consistia em colocar uma sílaba com essa letra, entre cada sílaba de uma palavra, com o intuito de não permitir que pessoas que não fizessem parte desse clã, pudessem entender o que estava sendo dito por eles nas rodas e grupos de conversas. Por exemplo, na frase: “hoje vamos colar na hora da prova”. Eles diziam: hoojeepe vaaamospos copolarpa napa hoporapa dapa

propovapa. Desse modo, com esses códigos construíam diálogos inteiros e falavam de tudo, de forma que nem mesmo os professores entendiam. Assim, ao passarem despercebidos, levavam mensagens das mais variadas.

No ensino médio, fui direcionado para outra escola. Nessa época, já com os meus 18 anos de idade no ano 2000, precisei ser transferido para o período noturno, devido ao alistamento no exército. A rotina da vida era a seguinte: durante o dia trabalhava, tocando em uma banda de música para ajudar nas despesas de casa, e a noite era na escola.

Foi aí, onde verifiquei que parte dos alunos não tinham tanta disposição para assistir às aulas, pois a maioria eram trabalhadores e pais de família. Mediante a este cenário, muitos não prestavam atenção, outros acabavam dormindo devido ao seu dia exaustivo, e eu ali no meio daqueles alunos tentando aprender e a lutar contra o cansaço e o desânimo, que por muitas vezes me abateu.

Na sexta-feira era pior, porque era um desafio permanecer nos últimos horários, pois a aula terminava tarde. Me recordo por exemplo, que numa dessas aulas de sexta-feira, no último horário, até a professora chamou todos os alunos para irem embora, de modo que pulamos o muro da escola, uma vez que não podíamos passar pelo portão principal, pois o mesmo encontrava-se fechado e tinha um guarda que não abria, enquanto a sirene não fosse tocada. Contudo, nessa etapa da minha formação no final do ensino médio, foi possível verificar um pouco mais de liberdade no que diz respeito às discussões em sala de aula e atividades avaliativas propostas, como era o caso das pesquisas com caráter exploratório. Nessa época, os professores estimulavam para que os alunos fizessem atividades com a finalidade de buscarem o conhecimento.

Neste sentido, vale ressaltar, que a depender do modelo avaliativo, isso pode proporcionar um melhor desempenho do estudante em seu processo de avaliação. Por exemplo: o modelo de avaliação qualitativa, apresentado por Pedro Demo, “pretende

ultrapassar a avaliação quantitativa, sem dispensar esta. Entende que, no espaço educativo, os processos são mais relevantes que os produtos (...)” (Demo, p.3, 2005).

Por fim, digo que: foi por ter tido esta oportunidade de conhecer professores que dialogam, que percebi a importância de estudar, e que hoje tenho formação em Filosofia, Teologia, Pedagogia e Psicologia. Além disso, fiz uma especialização em psicopedagogia clínica e institucional e pós-graduação em Recursos Humanos. Atualmente, sou mestrando no Programa de Pós Graduação em Ensino em Ciências e Saúde, porque acredito na educação.

Referências

BRASIL. Constituição (1988). **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília, DF: Senado Federal, 1988. Art. 205. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm. Acesso em: 07 de novembro de 2024.

BRASIL. Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990. **Estatuto da Criança e do Adolescente**. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 16 jul. 1990. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l8069.htm, Acesso em: 17 de outubro de 2024.

DEMO, Pedro. Teoria e Prática da Avaliação Qualitativa. **Perspectivas**, Campos dos Goytacazes, RJ, v. 4, n. 7, p. 106-115, jan./jul. 2005.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 50. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.

LUCKESI, Cipriano Carlos. **Avaliação da Aprendizagem Escolar: estudo e proposições**. 1. ed. São Paulo: Cortez, 2013.

CAMINHOS DA APRENDIZAGEM

Reflexões sobre avaliação e formação docente

Juliana Girardello Kern

*A avaliação deve ser detalhada como um processo contínuo,
que visa o desenvolvimento do aluno
e não apenas a mensuração do seu desempenho.
— Jussara Hoffman*

O processo avaliativo vivido ao longo da trajetória educacional de um indivíduo tem o poder de deixar marcas profundas, sejam elas positivas ou negativas. Refletindo sobre minha jornada acadêmica, busco compartilhar momentos significativos que moldaram minha visão sobre a educação e as diferentes formas de avaliação que experimentei. Ao longo desse percurso, algumas dessas experiências foram dolorosas, outras nostálgicas, mas todas contribuíram para a formação do ser humano e da professora que sou hoje. O propósito deste memorial é compreender como as avaliações, especialmente em momentos decisivos como os vestibulares, são fontes de ansiedade, mas também de aprendizado e crescimento.

A primeira infância: memórias do jardim de infância

Minha vivência escolar começou nos anos 80, quando tinha apenas cinco anos de idade, no jardim de infância. Embora não consiga recordar todos os detalhes dessa fase, há dois momentos que permanecem vivos em minha memória. O primeiro deles aconteceu durante a apresentação do Dia das Mães, onde, em uma atividade de música, fui designada a usar um simples chocalho feito de lata e arroz, enquanto colegas mais favorecidos receberam os melhores instrumentos. Naquele momento, senti uma tristeza profunda, porém, minha professora, perceptiva e atenta, notou meu desconforto e, na segunda apresentação, me colocou na frente da turma e me deu um sorriso acolhedor, proporcionando-me um novo olhar sobre aquele momento.

Este episódio, quando refletido à luz da teoria de Piaget (1977), remete à ideia de que a aprendizagem passa por desequilíbrios e conflitos, que, quando mediado de maneira cuidadosa, podem se transformar em um aprendizado significativo. A professora, com seu gesto, cumpriu a função de mediar essa experiência, proporcionando um novo significado para aquele evento.

Primeiros anos de escolarização: a luta com a matemática e a experiência do bullying

Ao ingressar no ensino fundamental, na escola pública da região central de Curitiba, aos sete anos, fui confrontada com um novo cenário. Embora eu tivesse uma base de ensino com bons professores, as dificuldades se tornaram evidentes. Nas primeiras séries, a pressão das avaliações de matemática, eram momentos angustiosos, a prática de “tomada da tabuada”, onde éramos chamados a responder rapidamente na frente da classe, causava grande ansiedade e humilhação. Lembro-me de colegas rindo quando alguém errava. Essa situação nos dias de hoje é reconhecida como bullying, um fenômeno que começou a ser

discutido no Brasil na década de 1990 e, mais recentemente, foi legalmente reconhecido como crime pela Lei 14.811 de 2024.

Transição para o ensino privado: desafios e diferentes formas de avaliação

No início dos anos 90, mudanças no cenário escolar marcaram minha trajetória educacional. Quando meus pais decidiram me transferir para uma escola privada, experimentei um novo sistema de avaliação. As provas de múltipla escolha e a cobrança por atividades obrigatórias tornaram-se um desafio, especialmente em disciplinas como língua inglesa, onde minha base era muito limitada. As aulas, ministradas exclusivamente em inglês, eram um campo de grande desconforto para mim, pois o meu inglês era básico e eu enfrentava dificuldades em entender as instruções e responder às questões.

Essa transição de uma escola pública para uma privada, somada às dificuldades que enfrentei nas avaliações, me levaram à reprovação. As provas, que na escola pública eram compostas basicamente por questões de memória, na escola privada foram seguidas por provas mais complexas, que exigiam um conhecimento mais abrangente. No entanto, apesar das dificuldades, após nova mudança de rede privada, consegui me adaptar e fui aprovada para a 1ª série do Ensino Médio, ainda que a sensação de inadequação me acompanhasse.

O Ensino médio e os desafios do vestibular

No ensino médio, especialmente na segunda série, a pressão das avaliações tornou-se mais intensa. O vestibular começava a se desenhar no horizonte, e a preparação para ele consumia uma grande parte da minha energia. Mesmo enfrentando dificuldades em matérias como matemática e ciências, fui motivada por professores que me incentivaram a buscar mais, oferecendo experiências de ensino diferenciadas, como a pesquisa sobre a Segunda Guerra

Mundial em aulas de história, que me permitiu conhecer mais sobre a história da minha família e do mundo. Este momento foi fundamental para despertar minha paixão pelo ensino e pela pesquisa, além de ser um ponto de virada na minha formação.

O ingresso em um curso pré-vestibular foi um marco na minha jornada, pois esse foi o momento em que realmente percebi a importância do estudo e da dedicação para alcançar meus objetivos acadêmicos. Ao final do ano de 1995, ao prestar vestibular para o curso de Ciências Biológicas, embora tenha ficado a um passo de entrar na Universidade Federal, fui aprovada em uma faculdade particular, que se tornou o palco para o desenvolvimento da minha carreira acadêmica.

A graduação: desafios e superações no ensino superior

A graduação em Ciências Biológicas, iniciada em 1996, foi marcada por uma série de desafios, especialmente nas avaliações que exigiam memorização intensiva e pressão no tempo. Lembro-me das provas de anatomia humana, onde tínhamos que identificar estruturas em peças de cadáveres humanos e responder a questões sob forte pressão. As avaliações em laboratório eram particularmente tensas, pois precisávamos realizar as provas em grupos e a cada 2 minutos, trocar de bancada para examinar novas peças. O cheiro de formol era avassalador, e a pressão para acertar cada questão era imensa.

Outro episódio marcante foi durante uma prova de matemática no primeiro ano da faculdade, quando, após fraturar o braço direito, fui desafiada por uma professora a responder a uma prova de cálculos, mesmo com o braço engessado. Essa experiência me fez sentir incapaz e desmotivada, mas também refletiu uma visão autoritária da universidade sobre a formação do estudante, conforme apontado por Pedro Demo (2017), que critica o ensino superior onde afirma que a graduação ocorre da maneira mais

medieval possível, como se vê na produção de licenciados extremamente carentes.

A experiência de docente e as práticas avaliativas

Após minha graduação, iniciei minha carreira como professora de ciências e biologia, sempre com o objetivo de proporcionar uma educação diferenciada e significativa para meus alunos. Comecei a implementar práticas avaliativas que mesclavam diferentes abordagens, como avaliações diagnósticas, formativas e somativas. A partir de uma visão mais humanizada, busquei compreender a subjetividade de cada aluno, para que o processo de aprendizagem fosse mais eficaz e menos traumático. A experiência de ensinar é marcada por diversas práticas pedagógicas que proporcionam ao estudante fazer parte do processo de construção do conhecimento, alinhando a teoria com a prática.

Reflexões sobre a avaliação e a minha formação docente

Minha trajetória acadêmica e profissional foi marcada por diferentes momentos avaliativos que contribuíram para minha formação como professora. A reflexão constante sobre a avaliação da aprendizagem, baseada em teorias como as de Luckesi (2003), e Ausubel (1980), me levou a adotar uma postura crítica em relação às práticas avaliativas tradicionais, que muitas vezes se limitam a exames. Em minha prática pedagógica, busquei integrar metodologias ativas e a teoria da aprendizagem significativa, para que meus alunos se tornassem protagonistas do processo de aprendizagem.

Atualmente, como mestrande no Programa de Pós-Graduação em Ensino em Ciências e Saúde na Universidade Federal, continuo aprimorando minhas práticas pedagógicas e refletindo sobre as experiências vividas. Tenho a convicção de que a avaliação deve ser um processo contínuo e transformador, que considere as

diferentes realidades dos estudantes e promova um aprendizado verdadeiramente significativo.

Referências

AUSUBEL, D.; NOVAK, J.D.; HANESIAN, H. **Psicologia educacional**. Rio de Janeiro: Interamericana; 1980.

DEMO, P. 2017. **Questionando a Graduação** - https://docs.google.com/document/d/1y-OhRkiYlb_Y2P-0eVntZZQBY79MbPY4fSdA8TSol4/pub.

HOFFMANN, Jussara. Avaliação formativa ou somativa? **Didática Geralúce**, 2011. Disponível em: <https://didaticageraluece.blogspot.com/2011/10/texto-09-avaliacao-formativa-ou.html>. Acesso em: 08 nov. 2024.

LUCKESI, Cipriano C. **Avaliação da aprendizagem na escola: reelaborando conceitos e recriando a prática**. Salvador: Malabares Comunicação e Eventos, 2003.

REFLEXÕES SOBRE A AVALIAÇÃO DA APRENDIZAGEM

Kátia Gonçalves Dias

Certa vez, quando tinha seis anos, vi um livro sobre a Floresta Virgem, Histórias Vividas, uma impressionante gravura. Ela representava uma jiboia engolindo um animal. Dizia o livro: "As jibóias engolem, sem mastigar, a presa inteira. Em seguida, dormem seis meses da digestão". Refleti muito sobre as aventuras na selva, e fiz, com lápis de cor, o meu primeiro desenho. [...]. Mostrei minha obra-prima às pessoas grandes e perguntei se o meu desenho lhes dava medo. Responderam-me: "por que é que um chapéu daria medo?" [...] As pessoas grandes não compreendem nada sozinhas e é cansativo, para as crianças estarem a toda hora explicando. – Antoine de Saint-Exupéry

A avaliação, enquanto prática educativa, suscita inquietações, especialmente no contexto escolar, onde sua eficácia na melhoria dos processos de ensino e aprendizagem é frequentemente questionada. Revivendo minha experiência com as avaliações, percebo que a avaliação é frequentemente abordada de forma superficial. Muitas vezes, essa prática é orientada para a aplicação de instrumentos de avaliação que visam unicamente a correção e a geração de notas ou conceitos a serem registrados em boletins. Essa

abordagem carece de uma atenção aprofundada às dificuldades de aprendizagem, comprometendo, a efetividade do processo avaliativo.

Nos últimos anos, a avaliação da aprendizagem escolar tornou-se um tema recorrente em debates e estudos na educação, despertando interesses que transcendem os limites pedagógicos. A avaliação da aprendizagem é um tema amplamente debatido no campo educacional, e sua importância se estende ao longo de toda a vida. Ao refletir sobre minha trajetória, é possível identificar tanto os aspectos positivos quanto as limitações desse processo, que influenciam diretamente no desenvolvimento pessoal e acadêmico. Ao longo da minha vida, as avaliações formais, como provas e trabalhos acadêmicos, foram instrumentos para mensurar o meu progresso. Essa abordagem tradicional muitas vezes se concentra excessivamente em resultados quantitativos, desconsiderando o contexto e a complexidade do aprendizado. Com o tempo, percebi que a aprendizagem não se limita à aquisição de conhecimento, mas envolve também o desenvolvimento de várias outras habilidades. Reflexões críticas sobre experiências cotidianas, interações sociais e atividades extracurriculares revelaram-se essenciais para uma compreensão abrangente do meu aprendizado. No entanto, a falta de reconhecimento formal dessas dimensões em muitos sistemas educacionais limita a capacidade dos estudantes se avaliarem.

A pressão por desempenhos acadêmicos e a cultura de resultados podem gerar ansiedade e desmotivação, tanto na educação básica quanto no ensino superior. Muitas vezes, a ênfase excessiva nas notas e nas avaliações formais obscurece o verdadeiro propósito da aprendizagem, que deveria ser a construção de conhecimento significativo e a formação integral do indivíduo. É necessário um equilíbrio entre avaliação quantitativa e qualitativa, bem como a importância de criar um ambiente educacional que valorize o aprendizado como um processo contínuo e dinâmico.

A Evolução da avaliação escolar: de jogos lúdicos a fontes de estresse

Durante os primeiros anos de escolarização, a avaliação da aprendizagem era caracterizada por uma abordagem simples e predominantemente lúdica. Recordo-me das aulas nas séries iniciais do ensino fundamental, nas quais os docentes utilizavam jogos e músicas como ferramentas pedagógicas para facilitar o processo de ensino. Nesse contexto, as avaliações eram informais e quase invisíveis, fundamentando-se principalmente em observações dos estudantes. Essa metodologia permitiu um aprendizado leve e divertido, criando um ambiente seguro para a expressão de dúvidas e curiosidades.

No que tange ao ensino fundamental I, minha experiência foi amplamente positiva e tranquila. No entanto, a transição para o ensino fundamental II marcou uma mudança significativa nas práticas avaliativas. As avaliações tornaram-se mais estruturadas, com a introdução de provas orais e escritas, que passaram a integrar a rotina escolar. Com essa mudança, percebi que as notas adquiriram um peso maior em minha trajetória acadêmica, trazendo novos desafios.

Particularmente em disciplinas como matemática, enfrentei dificuldades que resultaram em frustração. Recordo-me de momentos em que a professora nos chamava para resolver problemas na lousa. Sim, era aquela lousa verde, escrita com giz, e a professora utilizando uma régua para enfatizar suas explicações, o que, por vezes, gerava um certo temor.

Essa experiência ilustra a complexidade da avaliação na educação, onde a pressão por desempenho pode impactar negativamente a motivação e a autoconfiança dos estudantes. Descrevendo esse momento, me pergunto se alguns dos meus traumas, medos e inseguranças se iniciaram ali.

Reflexão sobre as avaliações

À medida que progredi nos anos finais do ensino fundamental e com a transição para o ensino médio, comecei a perceber que as avaliações não se limitavam a ser um mero instrumento que qualificava o que foi aprendido, ou não. A avaliação era vista como uma classificação onde tinham estudantes ótimos, bons e ruins, que eram apresentados por conceitos (A, B, C, D ou E). Esses conceitos representavam, de fato, um reflexo do progresso acadêmico e das áreas que demandam melhorias. No entanto, surgem questionamentos pertinentes: será que as provas realmente conseguem mensurar o conhecimento?

É importante considerar se as provas são capazes de evidenciar não apenas o que sei, mas também o que não aprendi. Em diversas ocasiões, ao obter um desempenho insatisfatório, percebi que os professores não faziam a retomada das avaliações, tampouco explicavam as respostas, o que comprometeu meu entendimento sobre os erros cometidos. A ausência dessa prática de revisão gera uma reflexão crítica: de que adianta identificar os erros se não há um trabalho subsequente para sanar as dificuldades?

Durante a educação básica, poucas vezes percebi a avaliação formativa e com conhecimento que tenho hoje, percebo que a avaliação formativa poderia ter me permitido identificar dificuldades antes das provas finais, promovendo uma compreensão do processo de aprendizagem, pois a abordagem formativa contribui para a percepção de que o aprendizado é um processo contínuo, no qual o erro é uma parte valiosa e não pode ser considerado punitivo. Essa reflexão destaca a importância de práticas avaliativas que não apenas aferem o conhecimento, mas também oferecem oportunidades para o crescimento e a superação das dificuldades.

Através do processo contínuo de avaliação, o professor obtém os conhecimentos necessários para se fundamentar teoricamente e refletir acerca de sua prática pedagógica diária no processo de ensino/ aprendizagem (Neto; Aquino, 2009).

Ainda de acordo com Neto e Aquino (2009), (...) a avaliação da aprendizagem pode ser definida como um meio de que o professor dispõe de obter informações a respeito dos avanços e das dificuldades dos alunos, constituindo-se como um procedimento permanente, capaz de dar suporte ao processo de ensino e aprendizagem (...). Além de diagnosticar, a avaliação tem a função de propiciar a autocompreensão do nível e das condições em que se encontram tanto o educando quanto o educador. (...) sendo a avaliação um meio imprescindível para a aprendizagem, o processo educativo deve apontar para a construção de uma prática avaliativa qualitativamente mais significativa, comprometida com a aprendizagem e, conseqüentemente, com o crescimento pessoal e intelectual do educando (p. 227-228)

Partindo para o ensino médio, a avaliação se tornou ainda mais intensa e diversificada. Além das provas, passei a participar de projetos e apresentações, o que ampliou minha forma de aprender e aumentar meus traumas.

Ao ingressar na universidade (curso superior de licenciatura plena em educação física), senti uma mistura de excitação e nervosismo. As avaliações eram muito diferentes do que eu estava acostumada no ensino médio, eram mais complexas. A primeira avaliação foi um grande desafio, percebi que o que funcionava antes não era suficiente. Essa realidade me forçou a repensar minha abordagem de estudo.

Durante os primeiros semestres, percebi que a universidade utiliza uma variedade de métodos de avaliação: provas, trabalhos, projetos e apresentações. Essa diversidade foi uma revelação. As avaliações não se limitavam a notas, mas eram oportunidades para explorar diferentes formas de expressão e entendimento.

Em um semestre, recebi uma nota baixa em um trabalho que considerava importante. Inicialmente, fiquei desanimada, mas essa experiência se tornou um ponto de virada. Conversei com meu professor e ele me ensinou que as avaliações são ferramentas para

identificar áreas de melhoria. Com isso, aprendi a ver os fracassos como oportunidades para crescer, em vez de derrotas.

Na faculdade, não dependia de uma única prova, como muitas vezes aconteceu na educação básica. As avaliações ao longo do semestre me permitiram acompanhar meu progresso de maneira mais efetiva. A sensação de que cada atividade contava para a nota final me motivou pois não dependeria de apenas uma prova quantitativa.

De acordo com Luckesi, citado por Neto e Aquino (2009) a avaliação deve ser vista como um ato de amor, de aceitação e de acolhimento. Aceitação de uma situação, seja ela qual for e, a partir daí, buscar uma situação melhor, mais favorável à construção do conhecimento; tal construção do conhecimento deve ser vista enquanto ação conjunta, participativa.

Assim como conheci professores que me ajudaram nas dificuldades, também passaram vários que a nota era o que contava. Mediano (1987) chama a atenção para a realidade, ainda presente em nosso contexto de século XXI, de que ainda existe uma parcela considerável de professores que ainda não possuem uma compreensão sobre o que seja avaliação. Tal ausência de compreensão acerca deste conceito é, certamente, refletida na prática.

É fundamental que essa percepção seja direcionada para um processo formativo que promova uma educação transformadora em todos os níveis, desde a educação infantil até a formação acadêmica. Apesar das frustrações e medos inerentes à nossa trajetória acadêmica, também experimentamos momentos de felicidade, estabelecemos amizades e tivemos aprendizados. Ao refletir sobre este percurso, reconheço que foi proveitoso, pois estou no caminho para concretizar o meu sonho de obter o título de mestra.

Alcançar esse título representa a culminação de anos de dedicação, esforço e sacrifício ao longo de toda a jornada acadêmica. Tal conquista evidencia a resiliência desenvolvida durante este

caminho árduo. É uma honra imensa chegar até aqui. Enfim, ao refletir criticamente sobre minha trajetória, percebo que a avaliação da aprendizagem, muitas vezes se mostrou uma ferramenta limitada. As avaliações formais (provas) frequentemente parecem mais um obstáculo do que uma parte integrante do processo de aprendizado. Reconsiderando a perspectiva sobre as avaliações, pode-se argumentar que, embora sejam vistas como ferramentas de desenvolvimento, nem sempre refletem o verdadeiro potencial do estudante.

Além disso, a pressão por notas pode levar à ansiedade. A ênfase excessiva em notas pode criar um ciclo de autocritica que não necessariamente resulta em crescimento pessoal ou acadêmico. Um ambiente educacional integral e menos centrado em avaliações pode promover uma resiliência verdadeira e uma abertura ao aprendizado que vai além da sala de aula, preparando os estudantes para os desafios reais da vida.

Referências

LUCKESI, Cipriano Carlos. **Avaliação da Aprendizagem Escolar**. 5 ed. São Paulo: Cortez Editora, 1997.

_____. **O que é mesmo o ato de avaliar a aprendizagem?** Disponível em: <http://www.faetec.rj.gov.br/eteot/textos/TD2_luckesi.pdf>. Acesso em: 30 out 2024.

MEDIANO, Zélia D. **Avaliação da Aprendizagem na Escola de 1o Grau**. 1987. Disponível em: <<http://www.fcc.org.br/pesquisa/publicacoes/es/artigos/136.pdf>>. Acesso em: 28 out. 2024.

NETO, Ana Lúcia Gomes Cavalcanti; AQUINO, Josefa de Lima Fernandes. **A Avaliação da Aprendizagem como um ato amoroso: o que o professor pratica?** 2009. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/edur/v25n2/10.pdf>>. Acesso em: 25 out. 2024.

SAINT- EXUPÉRY, Antoine de. **O pequeno príncipe**. Trad. Rafael Arrais. Agir: Rio de Janeiro, 2020.

RETROSPECTIVA E REFLEXÃO

Minha jornada com a avaliação

Klauren Mendonça Rezende Arantes

*Quem olha para fora, sonha;
quem olha para dentro, desperta!*
– Carl Jung

Rever a trajetória formativa e profissional, é sempre uma oportunidade para refletir o caminho que vimos trilhando na direção tanto da nossa realização profissional, quanto da contribuição para o desenvolvimento das instituições e da sociedade na qual estamos inseridos. A descrição deste memorial me oportunizou momentos de reflexão sobre os caminhos que percorri no processo de ensino-aprendizagem, e como foco trarei aqui um pouco das experiências relacionadas a avaliação.

Sou enfermeira de formação, e ao longo de 25 anos de trajetória profissional minha compreensão sobre o papel da avaliação tem se transformado significativamente. Como profissional de saúde, ensinamos e aprendemos o tempo todo, e analisando sobre a complexidade do ato de ensinar e aprender, observo o quanto a avaliação é um componente muito presente neste processo, bem como em nosso cotidiano.

Porém, olhando para minha trajetória de formação, reconheço que os caminhos foram diversos, venho de uma formação mais dura, tecnicista, na qual o processo de ensino quanto à forma de ensinar e avaliar, se mantiveram como campos separados. Um modelo tradicional, de transmissão de conhecimentos, memorização e repetição de conteúdos, no qual o professor é o detentor do conhecimento, e o aluno assiste uma aula expositiva, absorve as informações, depois estuda o conteúdo ou “decora” para a prova e recebe uma nota, cuja a referência não é o seu aprendizado, mas se acertou ou não a questão.

Foi esse o modelo educacional que vivenciei em grande parte da minha formação, e que de uma certa forma levou a avaliação de aprendizagens rígidas, normativas e desvinculadas de critérios que integrassem ao desenvolvimento curricular. Um olhar muitas vezes voltado para falhas, tendo o erro como componente para julgamento, no caso do aluno, a nota, que levaria ao sucesso – a aprovação, ou ao fracasso.

Vivenciei alguns movimentos negativos nesse percurso, e me recordo do momento durante minha formação na graduação, bem jovem ainda, um tanto imatura, e com todas as dificuldades dos números que sempre tive, detalhe, detesto matemática. Tive um momento em que fiquei de prova final em bioestatística, e como a regra da faculdade era zerar tudo, e ter que alcançar uma nota oito nessa fase de avaliação, sabe o que deu essa situação? Reprovei na bendita disciplina. Considero que um dos problemas era a forma de ensinar do professor, que tinha prazer em reprovar a “metade” da turma, e com uma postura impositiva e ditadora, pretendia descarregar seu conhecimento no velho modelo da transmissão. Para mim, que sempre fui dedicada aos estudos, foi uma grande decepção. Um erro que me marcou e me faz ainda recordar da expressão malvada daquele docente.

Sempre atuei na assistência, e como profissional de saúde o ato de educar é algo muito presente no nosso cotidiano, ensinamos e aprendemos o tempo todo, embora informalmente.

Na docência, comecei minha carreira passando pela experiência de ser professora no ensino técnico, e atualmente, atuo em cursos de pós-graduação. Nessas andanças pelos caminhos da educação em saúde, fui ressignificando minha compreensão sobre as formas de aprendizagem, e o quanto esse caminho tem idas e vindas, em via de mão dupla. Segundo Freire (1996) “não existe ensinar sem aprender e com isto eu quero dizer mais do que diria se dissesse, que o ato de ensinar exige a existência de quem ensina e de quem aprende”.

Nesse percurso aproximei-me das Metodologias Ativas de Ensino Aprendizagem, pautadas em uma concepção educacional Socioconstrutivista, e me arrisco a dizer que foi um momento de transformação. Essa experiência me trouxe a reflexão sobre a complexidade do ato de ensinar e aprender, e a dimensão da avaliação nesse processo. Etapas que não apenas remodelaram minha percepção, mas também me proporcionaram uma releitura constante sobre a importância da avaliação na formação de profissionais comprometidos e críticos, a partir de um modelo educacional significativo.

Com o tempo, fui percebendo que a avaliação poderia ter um papel muito mais significativo e transformador, e que isso dependia em grande parte da postura do avaliador. Luckesi defende a avaliação como um ato amoroso, uma forma de cuidado com o outro, na qual o objetivo é ajudar o aluno a crescer e a superar seus próprios limites (Luckesi, 2011).

Uma autora que também gostaria de destacar é Jussara Hoffmann, que trás a importância da avaliação, tendo em seu contexto, uma atividade que faz com que o aluno seja instigado a desenvolver seu processo cognitivo, que direciona o processo educacional (Hoffmann, 2003). A autora defende a avaliação

mediadora, que se constitui em três tempos: observar, analisar e promover melhores oportunidades de aprendizagem. Ela destaca que a avaliação mediadora deve dar aos alunos a oportunidade de expor as suas ideias, estabelecendo um diálogo constante com o professor (Hoffmann, 2005).

Estudar sobre a avaliação a partir de uma concepção dialógica, humanística e com bases construtivistas, me despertou para um processo completamente diferente do que já havia experienciado, e ressignificou muitos conceitos que carregava daquela formação dura que citei anteriormente. Olhar o erro como oportunidade de reorientar o aprendizado, foi significativo para curar a mágoa do professor de bioestatística. Ainda recordo dos fatos, mas sem a dor que carreguei por anos.

Nessa perspectiva de avaliação, “o erro não é fonte de castigo, mas suporte para o crescimento”, como afirma Luckesi (2011). Práticas avaliativas mediadoras constituem uma atividade reguladora do processo de ensino-aprendizagem, detectando possíveis dificuldades durante a aprendizagem, a fim de corrigi-las rapidamente mediante feedback oportuno, constante e de alta qualidade (Luckesi, 2011).

Rever conceitos, readequar modos de ser e aprender a aprender, foram movimentos que vivenciei nesse processo. Foram significativos, pois hoje compreendo que o processo educacional é uma sequência de atos que iniciam logo no nosso nascimento, e seguir nesse processo de forma prazerosa e potente fica a depender das oportunidades que iremos ter, ao longo de nossa jornada de vida. No entanto, fica que podemos ser diferentes daquilo que não aprovamos, ou não é bom aos nossos olhos. Aprender é um processo às vezes dolorido, porque requer transformação, mas não necessita ser amargo, cheio de frustrações. Como educadores podemos promover mudanças nessa caminhada.

Por fim, concluo que a oportunidade de refletir sobre esse assunto e revisitar minha trajetória, reforçou meu sentimento que é

possível se transformar, redimensionar nossos conceitos, e por conseguinte, contribuir para caminhos mais leves, propositivos e com novos sentidos para o processo de ensino aprendizagem.

Referências

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. 36. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996. Capítulo 1, p. 65-70.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 50. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005. Capítulo 2, p. 79-94.

LUCKESI, Cipriano Carlos. **Avaliação da aprendizagem escolar**: Estudos e Proposições. 21. Ed. São Paulo: Cortez, 2011. Capítulo 5, p. 112-126.

HOFFMANN, Jussara. **Pontos e contrapontos** : do pensar ao agir em avaliação. 3 ed. Porto Alegre: Mediação, 2005.

HOFFMANN, Jussara. **Avaliação Mediadora**: Uma Prática em Construção da Pré Escola a Universidade. 13. Ed. Porto Alegre: Mediação, 2003. Capítulo 3 p. 67-82.

HOFFMANN, Jussara. **Mito e Desafio** - Uma Perspectiva Construtivista. Porto Alegre: Mediação, 1998. Capítulo 4, p. 90-102.

LIBÂNEO, José Carlos. **Didática**. São Paulo: Cortez, 1994. Capítulo 2, p. 30-45.

UMA HISTÓRIA DE SUPERAÇÃO COM PROCESSOS AVALIATIVOS

Maria Dilce Wania Rodrigues de Almeida do Nascimento

*Sabemos que todas as coisas contribuem juntamente
para o bem de todos aqueles que amam a Deus, dos que
foram chamados de acordo com o seu propósito.
– Romanos 8:28*

Ao longo da vida, passamos por inúmeras avaliações, desde o jeito de vestir, a forma de se comportar e se expressar. Em tudo somos avaliados, muitas vezes sendo induzidos a adotar padrões. Na vida acadêmica não é diferente, e ao longo da jornada como aluna, graduanda e pós-graduanda, tive a oportunidade de vivenciar diversos métodos avaliativos, sejam eles elaborados por professores ou determinados por normas institucionais. Assim, o memorial aqui apresentado traz um recorte retrospectivo sobre minha trajetória educacional, desde a infância até o presente momento como mestrande.

Algumas experiências com métodos avaliativos durante essa trajetória foram dolorosas e traumáticas, trazendo implicações diretas no processo de ensino-aprendizagem e exigindo a

necessidade de ressignificação. Sendo assim, o objetivo deste relato é oferecer uma visão abrangente sobre o impacto dos métodos avaliativos na vida de uma criança, as implicações ao longo da vida e na minha formação. Descrevo os efeitos negativos, os desafios enfrentados para superá-los e a transformação da dor em oportunidade.

Convido você a embarcar nessa leitura comigo e a entender que todas as coisas cooperaram para o cumprimento de um propósito. Para tanto, é preciso transformar a dor em oportunidade.

Trajetória com métodos de avaliação

Meu primeiro contato com uma avaliação ocorreu no período de alfabetização. Morava em uma vila conhecida como “interior”, um vilarejo no estado do Maranhão. Estudava em uma escola rural onde, naquela época, as professoras não tinham o Ensino Médio completo. Duas das três docentes haviam cursado apenas a quarta série, o equivalente ao quinto ano atual.

Certo dia, minha mãe soube que eu estava com dificuldades na escola e decidiu me alfabetizar. Todas as noites, quando chegava da roça, me pedia para fazer lições, utilizando um método próprio para avaliar se eu sabia ler. A leitura de um livro chamado Maricotinha foi um marco: eu ainda não conhecia as letras, mas precisava ler textos completos. Para mim, era impossível e a cada erro, minha mãe me batia, chamando-me de burra. Não sei se aprendi a ler ou se as palavras surgiram do desespero. Essa vivência me gerou um profundo medo de avaliações, pois a crença na minha incapacidade cresceu dentro de mim e me acompanhou por anos. Admito que, ocasionalmente, essa sensação me bate à porta, mas hoje consigo enfrentá-la e deixá-la do lado de fora.

Segundo Vilas Boas (2000), as práticas avaliativas mais comuns nas escolas reforçam a discriminação e a seletividade impostas pelo contexto social mais amplo. Muitas vezes, a pressão, o medo e o controle presentes nessas práticas refletem os

mecanismos de uma sociedade excludente e desigual. A prática que me foi imposta poderia ter me afastado dos estudos, mas algo me fez transformar a dor e o trauma em oportunidade. Isso só foi possível porque encontrei professores que me acolheram e enxergaram potencial em mim. Uma professora de Português, em especial, foi fundamental: ela me incentivou, acolheu e me fez desejar ir além.

No trabalho *Uma Abordagem sobre o Papel do Professor no Processo Ensino-Aprendizagem*, Oliveira destaca que o papel do professor é crucial, pois ele atua como mediador do conhecimento, incentivando os alunos a pensar e criticar. Minha realidade foi além disso. Essa professora me ajudou a resgatar minha autoconfiança e a superar o medo, além de transformar dores em aprendizado. Confesso que avaliações ainda me causam desconforto, mas hoje as encaro de forma diferente.

Segundo Zanon e Freitas (2007), o termo "avaliação" vai muito além de aplicar provas. Trata-se de um processo para analisar e coletar evidências que promovam um melhor aprendizado, funcionando como ferramenta para avaliar a eficácia das ações dos professores e o engajamento dos alunos. Em contrapartida, Bloom (1973) examinou os objetivos de aprendizagem em três domínios: cognitivo, afetivo e psicomotor. A professora que me acolheu trouxe afetividade ao processo avaliativo, reduzindo aos poucos meu medo de errar e acabar recebendo uma punição pelo erro.

Outra experiência marcante foi no Instituto Sírio-Libanês, onde compreendi na prática a taxonomia de Bloom e vivenciei métodos como a avaliação formativa e somativa. Era um curso de Especialização para preceptor e o método de avaliação era formativo com aplicação de feedback. Essa vivência incluiu feedbacks construtivos e estudos sobre diferentes tipos de avaliação, como:

A avaliação diagnóstica constitui-se em uma avaliação inicial no começo do curso ou de uma unidade de ensino, com o fito de identificar como o aluno se encontra em relação ao assunto a ser

trabalhado, além de revelar variáveis que possam interferir na aprendizagem. A avaliação formativa, é utilizada no decurso do processo com o propósito de aperfeiçoá-lo, informando professores e alunos sobre a sua evolução e o nível com que estão sendo alcançados os objetivos preestabelecidos. A avaliação somativa, deverá ocorrer uma avaliação somativa cujo resultado é traduzido em notas ou conceitos, a fim de clarificar os alunos. Autoavaliação, o aluno é protagonista, é estimulado a se autoavaliar com verdade. Quem sabe você esteja se perguntando: A menina que começou os estudos na roça, já esteve no Sirio Libanês? Qual o segredo para chegar lá? Como disse no início, acredito que todas as coisas cooperam para o meu bem e tive a oportunidade de ter um excelente Mestre, que me impulsionou e me fez acreditar em mim e entender que sou maior que qualquer dor. Tornei-me professora e busco aplicar não um método avaliativo institucional, mas entender que cada ser humano é único e eu como professora preciso fazer uma avaliação diagnóstica para compreender melhor a realidade e faço por meio da escuta, dando abertura e espaço para o diálogo.

No decorrer do semestre dou feedback, assim trabalho a avaliação formativa, buscando desenvolver as suas aptidões no processo formativo e ainda vencer seu trauma, assim como eu estou vencendo os meus e juntos nos superarmos. No final do semestre o sistema exige uma nota. Sim existe a nota numérica que diz se este tá aprovado ou não na disciplina, mas confesso, a minha maior alegria não é aprovação na disciplina e sim o progresso da caminhada.

Durante estes setes anos na docência do ensino superior já formei aqueles que peguei no primeiro período e posso dizer como é gratificante receber “meninos e meninas” incautos, cheios de traumas, e transformá-los em enfermeiros e médicos profissionais de excelência que cuidarão bem das pessoas.

Por fim, posso dizer que todas as experiências que vivi durante a vida acadêmica com métodos avaliativos, apesar de

dolorosas e muitas vezes ineficazes no objetivo de avaliar o conhecimento dos alunos, foram essenciais para a construção do ser humano e da profissional que sou hoje e, principalmente, para me tornar uma docente com uma visão ampla das diversas possibilidades de acontecimentos no que se refere a métodos avaliativos no ensino, mas enxergar o SER HUMANO ALÉM DO QUE OS OLHOS PODEM MOSTRAR.

Referências

BLOOM, B.S. et al. **Taxionomia de objetivos educacionais**: domínio cognitivo. Tradução Flávia Maria Sant'Anna. Porto Alegre, Globo, 1973.

HAYDT, R. C. **Avaliação do processo Ensino-Aprendizagem**. São Paulo: Editora Ática: 6a ed., 2007.

OLIVEIRA, W. M. **Uma abordagem sobre o papel do professor no processo de ensino/aprendizagem**; Monografia; (Aperfeiçoamento/Especialização em Língua, linguagem e ensino) - Faculdades Integradas de Patos; 2006.

ROMÃO, José Eustáquio. **Avaliação Dialógica desafios e perspectivas**. São Paulo: Editora Cortez: 6 ed., 2005.

VILLAS BOAS, B.M.F. Avaliação no trabalho pedagógico universitário. In: CASTANHO, S.; CASTANHO, M.E.L.M. (orgs.). **O que há de novo na educação superior**: do projeto pedagógico à prática transformadora. Campinas/SP: 2000.

ZANON, Dulcimieri. Aparecida Volante.; FREITAS, Denise. **A aula de ciências nas séries iniciais do ensino fundamental**: ações que favorecem a sua aprendizagem. Ciências & Cognição, v.10, p.93-103, 2007.

VIVÊNCIAS NA EDUCAÇÃO

Uma jornada de aprendizado e transformação

Marilene da Silva Moura

*Lembro-me do meu primeiro dia de aula como professora.
Nervosa, entrei na sala e encarei os rostos curiosos dos alunos.
Naquele momento, percebi que estava prestes a embarcar
em uma jornada que mudaria não apenas a vida deles,
mas também a minha.*

Minha trajetória na educação começou de maneira inesperada. Como caçula de cinco irmãos, sempre estive cercada por exemplos de dedicação e perseverança. Aos 18 anos, tive a oportunidade de substituir minha irmã mais velha durante sua licença maternidade no 4º ano em uma escola particular. Essa experiência inicial me lançou em um mundo que, até então, eu apenas observava de longe, mas que rapidamente se transformou em uma paixão profunda. Após concluir esse período, continuei na instituição de ensino com uma turma de alfabetização, crianças de 6 anos, e ali permaneci por 2 anos. A partir desse momento, percebi que a educação não seria apenas uma profissão, mas uma verdadeira vocação que moldaria minha vida e a de muitos alunos.

Ao longo dos anos, tive a oportunidade de trabalhar em diferentes contextos educacionais, desde escolas particulares e em instituições rurais. Essas experiências enriqueceram minha compreensão das diversas realidades que os alunos enfrentam e reforçaram a ideia de que as práticas avaliativas precisam ser flexíveis e adaptadas ao contexto em que se inserem.

Com essa visão, passei a valorizar a individualidade de cada aluno, reconhecendo que a avaliação deve atender às suas necessidades específicas. Essa abordagem não apenas promove um ambiente de aprendizado mais justo, mas também facilita a construção de um espaço onde todos se sintam valorizados e motivados a alcançar seu potencial.

Minha experiência com avaliação na fase escolar

Recordo-me de um momento marcante em minha trajetória escolar com uma avaliação de produção textual que, ao invés de ser um passo em direção ao meu crescimento, quase me desmotivou. Ao receber a nota baixa, senti uma onda de frustração e insegurança. A redação, que eu havia dedicado tempo e esforço, não refletiu o que eu esperava, meu posicionamento não foi de acordo com o que a professora desejava. Essa experiência, embora dolorosa, se tornou uma oportunidade de reflexão sobre a importância de uma avaliação que não apenas classifica, mas também constrói.

Libâneo (1990) afirma que a avaliação deve ir além da simples classificação, servindo como um meio de desenvolver e apoiar o aprendizado dos alunos. Percebi, então, que para a avaliação ser eficaz, ela deve considerar as particularidades de cada educando e oferecer um retorno que realmente ajude a progredir. Avaliações que se limitam a números ou letras podem desestimular os alunos, especialmente se não forem acompanhadas de devolutivas que os ajude a entender seus erros e a desenvolver suas habilidades.

Assim como afirma Luckesi (2005), a avaliação da aprendizagem deve ser um processo afetivo e acolhedor, que busca

integrar e incluir todos os alunos. Lembro das vezes em que professores me ofereceram orientações construtivas, ajudando-me a identificar áreas que poderiam melhorar. Essas interações não apenas me mostraram o que precisava ser ajustado, mas também me motivaram a acreditar em meu potencial.

Reflexões sobre minha prática docente

Ao longo da minha trajetória como professora, a busca por um ambiente acolhedor tem sido o pilar da minha prática educativa. Sabemos que cada aluno é único e merece ser reconhecido em suas individualidades. Promover um espaço em que todos se sintam valorizados e apoiados não apenas enriquece o aprendizado, mas também fortalece a autoestima e o engajamento.

Durante um processo de avaliação, um aluno com TEA (Transtorno do Espectro Autista) me questionou sobre a diferença nas suas avaliações em comparação com seus colegas. Ele expressou sua curiosidade de forma direta, perguntando: "Por que minhas provas são diferentes das deles?" Esse momento foi significativo, pois me fez refletir sobre a importância da transparência e comunicação em relação ao processo avaliativo.

Expliquei ao aluno que as adaptações visam atender às suas necessidades específicas e garantir que ele tenha as mesmas oportunidades de demonstrar seu aprendizado, mesmo que em formatos diferentes. Enfatizei que cada aluno possui um estilo de aprendizado único, e as avaliações devem ser ajustadas para que todos possam expressar seu conhecimento de maneira eficaz. Essa interação me lembrou da importância de um processo de avaliação inclusivo, que respeite as particularidades de cada estudante e reconheça suas conquistas. Como ressalta Martins (2017), a prática pedagógica deve ser flexível e adaptável, permitindo que o educador se ajuste às necessidades dos alunos.

Essa experiência reforçou minha convicção de que a avaliação deve ser um reflexo da diversidade dos alunos. De acordo

com Martins (2017), a avaliação deve ser um processo que ocorre de maneira contínua e formativa, visando compreender o aluno como um todo, procurando sempre manter um diálogo aberto com os alunos sobre as práticas diárias, para que eles entendam os motivos das adaptações e se sintam parte do processo. Assim, a questão levantada pelo aluno, não apenas me apresentou um desafio, mas também uma oportunidade de reafirmar o compromisso com uma educação inclusiva e adaptada às necessidades de todos, promovendo um ambiente de aprendizado justo e acolhedor.

Atualmente, como coordenadora pedagógica, tenho a chance de impactar ainda mais a prática docente na escola que trabalho. Meu papel é apoiar e orientar os educadores, promovendo um ambiente colaborativo onde todos possam compartilhar experiências e estratégias de ensino. Juntos, buscamos criar um espaço de aprendizado que valorize tanto as conquistas individuais quanto coletivas.

As realidades enfrentadas pelas crianças de comunidades carentes também me motivam a ser uma defensora da equidade educacional. Muitas dessas crianças superam desafios significativos para chegar à escola, e é meu dever garantir que elas tenham acesso a uma educação de qualidade. Isso envolve não apenas adaptar as avaliações, mas também criar condições que favoreçam a inclusão e a permanência desses alunos na escola. Cada pequena conquista deve ser celebrada, pois reflete o esforço e a determinação tanto dos alunos quanto dos educadores.

Em suma, minha prática docente é uma jornada de aprendizado constante de transformação. Estou comprometida em continuar explorando novas abordagens que promovam uma educação inclusiva, reflexiva e adaptativa. Acredito firmemente que, ao trabalharmos juntos, educadores, alunos e comunidade, podemos construir um ambiente educacional que não só instrui, mas também transforma vidas. Estou animada para continuar essa

missão, sempre em busca de maneiras de inspirar e capacitar nossos futuros cidadãos críticos e conscientes.

Contribuição do mestrado

Minha experiência como mestranda tem sido extremamente enriquecedora e transformadora. Através dos estudos, tenho acesso a teorias e práticas inovadoras que podem ser aplicadas diretamente na sala de aula, especialmente no que diz respeito à avaliação. Esse aprofundamento teórico me capacita a analisar criticamente a realidade educacional, permitindo-me identificar e propor soluções para os desafios que enfrentamos no dia a dia.

Durante essa jornada, aprendi a importância da troca diária entre professores como uma parte essencial dos processos avaliativos, bem como o papel significativo da autoavaliação, que possibilita ajustes contínuos e reflexivos nas práticas pedagógicas. Acredito firmemente que, por meio da reflexão e da melhoria contínua, podemos construir um sistema educacional mais justo e equitativo, que atenda às necessidades de todos os alunos.

Conclusão

Em suma, minha jornada na educação tem sido uma experiência transformadora, tanto como professora quanto como aluna. Cada desafio enfrentado e cada aprendizado adquirido contribuíram para moldar minha abordagem pedagógica, valorizando a singularidade de cada aluno, colaborando com educadores, alunos e a comunidade. Com isso podemos criar um ambiente de aprendizado que não apenas instrui, mas também transforma vidas, preparando os estudantes para um futuro mais promissor.

Estou entusiasmada em continuar essa missão, sempre em busca de novas formas de inspirar e capacitar professores e alunos a se tornarem cidadãos críticos e conscientes. Através da reflexão e da troca de experiências, acredito que podemos construir um sistema

educacional mais justo, onde todos tenham a oportunidade de desenvolver seu potencial e contribuir ativamente para a sociedade.

Referências

LIBÂNEO, José Carlos. **Didática**. São Paulo: Cortez, 1990.

LUCKESI, Cipriano Carlos. **Avaliação da aprendizagem escolar: Estudos e proposições**. Cortez Editora, 2005.

MARTINS, José Lauro. **Enquanto uns ensinam, outros navegam: a gestão da aprendizagem em tempos digitais**. Porto Alegre, RS: Editora Fi. ISBN 978- 85-5696-136-5. 2017.

MINHAS HISTÓRIAS, MINHAS MEMÓRIAS

Algumas aprendizagens

Nailson Pereira Ribeiro

*Feliz aquele que transfere o que sabe e
aprende o que ensina.
– Cora Coralina*

"Vale nota, professor?", "Vai cair na prova?", "Precisa copiar?", "Pode fazer dupla de três?", "A prova é com consulta?" Quem nunca disse pelo menos uma dessas frases em algum momento? Enquanto digitava essas perguntas, passou um filme na minha mente, e pude me ver no meu primeiro contato com a escola, vi os meus professores, colegas e funcionários, principalmente as cozinheiras, preparando deliciosos lanches. No meu conceito e dos meus colegas, elas sempre tiravam nota máxima. Percebi que em todas essas situações eu estava sendo avaliado ou avaliando, afinal, as avaliações estão presentes em praticamente tudo que fazemos, quer seja em uma prova, em uma situação que precisamos emitir um parecer, uma conversa, uma reunião... Tanto é que enquanto você lê este memorial, está o avaliando, ainda que seja algo inconscientemente. A verdade é que nos esbarramos

constantemente nas formas avaliativas, sendo elas somativas, comparativas, formativas, diagnósticas, mediadoras, emancipatórias, de produto ou de processo.

Convido a você para fazer uma viagem nesse memorial, na qual farei uma retrospectiva das minhas experiências com avaliações, tanto como estudante, quanto professor. Faremos juntos uma releitura e análise desses acontecimentos, desde a organização da sala de aula, a postura dos docentes e discentes, bem como nos métodos avaliativos utilizados e os resultados, relacionando-os com alguns estudos.

Muito prazer, sou Nailson Pereira Ribeiro, nasci no dia 03 de junho de 1988, na zona rural de Conceição do Tocantins, cidade interiorana do nosso Estado, atualmente com 5 mil habitantes. Sou filho de lavrador e de doméstica, sendo o 6º de 7 irmãos. Ainda criança fui morar na zona urbana e desde cedo encontrei nos estudos a esperança de ter uma vida melhor, e mesmo me deparando com a triste realidade que me cercava, estabeleci na minha mente o objetivo de estudar em benefício próprio, e também com a finalidade de dar uma vida melhor para a minha família, tanto é que por diversas vezes fui premiado como aluno destaque, desde o Ensino Fundamental. Naquele contexto, as premiações aconteciam, para validar o desempenho dos estudantes com as maiores notas. As avaliações eram somativas, isto é, geralmente por meio de provas e trabalhos, e comparativas, voltadas para a comparação entre o desempenho de diferentes alunos ou grupos. Além desses critérios, levava-se em consideração a frequência e o comportamento, que por sinal era algo bem subjetivo.

Confesso que eu via nesses momentos a oportunidade para me destacar literalmente, já que no dia a dia me percebia tão invisível, principalmente por conta da condição financeira que tínhamos. Por causa disso, éramos privados de materiais melhores e de vestimentas. Eu e os alguns dos meus irmãos crescemos recebendo doações de roupas e até mesmo alimentos em

determinadas circunstâncias, e recebíamos de bom grado. Hoje percebo o quanto essas situações que aparentemente eram limitações, me lançaram na vida como um trampolim.

Como não me recordar das minhas queridas professoras dos anos iniciais? Como me esquecer das disputas entre meninos e meninas, especialmente as gincanas de matemática, na qual a tabuada era “tomada” de nós. O grupo perdedor ficava sem recreio, enquanto os ganhadores aproveitavam absurdamente cada minuto. Lembro dos detalhes, do cheiro do álcool por causa da elaboração das provas no mimeógrafo, da organização dos objetos na sala de aula, as cadeiras enfileiradas na maioria do tempo, e em outros fazíamos círculos. Posso ver perfeitamente a professora entrando pela porta e todos os alunos se colocando de pé, para recebê-la com um caloroso bom dia.

Recordo-me da euforia por causa dos testes que antecediavam as provas. Eram dias de empenho e de concentração, pois eu compreendia a dinâmica das avaliações cumulativas. Cada oportunidade de pontuar deveria ser aproveitada, ainda mais que existia uma disputa saudável entre todos. Havia um padrão para as provas dissertativas de Estudos Sociais, Ciências, Geografia e História: decorar os enormes questionários passados durante as aulas, que na maioria das vezes se repetiam no dia das avaliações. Geralmente eu sentava na frente para prestar mais atenção nas explicações e também para não ser incomodado nos dias das provas com pedidos de cola.

Os anos se passaram, e após concluir o Ensino Fundamental na minha cidade, fui para a Escola Agrícola David Aires França, situada em Arraias-TO. Lá estudei do 6º ao 8º ano. A princípio essa fase se apresentou com um grande desafio, pois tive que lidar com uma nova rotina: estar longe de casa, mudar drasticamente a minha rotina, conhecer novas pessoas... Quantas mudanças... E logo no primeiro dia, a equipe que eu fazia parte foi escalada para roçar da frente da escola. Essa literalmente foi uma prova de tirar o fôlego.

Quase que reprovei nela e voltei para casa, ainda mais quando fui tomar banho e vi minhas mãos cheia de calos de sangue. Graças a Deus que não desisti, pois certamente eu teria perdido anos incríveis de muito aprendizado.

Havia horário para acordar, estudar, trabalhar, cuidar, dos animais, das hortas, das plantações, e claro que tinha momentos para diversão. Nesse período eu era muito tímido e vergonhoso, e um professor de Língua Portuguesa foi essencial na minha caminhada e me desafiou a ser alguém que nem eu sabia que existia. As aulas dele eram fantásticas e envolventes. Isso acontecia principalmente porque o professor tinha como foco o desenvolvimento integral dos alunos. A avaliação Mediadora que ele utilizava nos considerava como um todo, levando em conta nossas dificuldades e potencialidades, o que promovia um desenvolvimento mais equilibrado e inclusivo (Hoffmann, 2012). Ele também trabalhava por meio da avaliação diagnóstica, que acontecia de forma contínua e nas diversas situações do dia-a-dia da sala de aula, tendo como resultado a nossa aprendizagem (Barbosa, 2008).

A experiência vivenciada no Ensino Médio também foi muito boa. Tive professores incríveis que inclusive gostavam demais da parte artística e criativa. Claro que eles usavam a avaliação somativa, porém entendiam que avaliar não é testar e medir ao final de um período apenas, mas principalmente avaliar para promover mais oportunidades para os estudantes (Hoffmann, 2012).

Verdade seja dita, avaliar é desafiador e complexo! Pois é uma tarefa que não se resume à realização de provas e atribuições de notas (Barbosa, 2008). É por isso que concordo com Luckesi (2011) quando ele elenca em seu livro, situações referentes a essa temática e nos faz um convite à aprendizagem da avaliação em diversos âmbitos, desde os seus significados no contexto escolar, até os cuidados que devemos ter ao coletarmos dados para esse fim, e conclui que precisamos aprender a avaliar, e só podemos fazer isso quando aprendemos os conceitos teóricos sobre avaliação, a medida

que aprendemos a colocá-los em ação, passando da compreensão para a prática.

Hoje sou professor universitário, e todos os mestres que lecionaram para mim com os seus mais diversos métodos avaliativos, de alguma forma contribuíram para isso. E mesmo buscando métodos que vão além da nota para avaliar os estudantes, tenho percebido o quanto precisamos investir na aprendizagem da avaliação.

Podemos saber examinar, já que herdamos isso do sistema de ensino estabelecido e praticado durante a nossa vida, e por meio das práticas examinativas que nos acompanharam em nossa trajetória de estudantes, mas isso não significa que fazemos isso adequadamente. Tanto é que hoje, no papel de professor, muitos acabam repetindo as experiências que viveram. Não param para refletir sobre essas práticas e automaticamente repetem esse modo de ser e de agir. Em um tempo de outrora, fomos examinados, e agora examinamos. E como quebrar esses padrões? Através dos experimentos, da investigação, da busca por novas possibilidades e novos significados, novos hábitos, e estes, por sua vez, exigem novas aprendizagens, como também novas condições para exercitá-las (Luckesi, 2011).

Referências

BARBOSA, Jane Rangel Alves. **A avaliação da aprendizagem como processo interativo**: um desafio para o educador. Rio de Janeiro: Faetec, 2008.

HOFFMANN, Jussara. **Avaliação Mediadora**: Uma Prática em Construção da Pré-escola à Universidade. 13. Ed. Porto Alegre: Mediação, 2003. Capítulo 3, p. 67-82.

LUCKESI, Cipriano Carlos. **Avaliação da Aprendizagem Escolar**: Estudos e Proposições. 21. ed. São Paulo: Cortez, 2011. Capítulo 5, p. 112-126.

DA REPROVAÇÃO À TRANSFORMAÇÃO

Minha trajetória de aprendizagem e reflexões sobre a avaliação escolar

Luciene Ferreira da Cunha

*A avaliação deve ser um ato de amor,
um momento de diálogo e reflexão, e
não apenas um instrumento de controle.*
– Paulo Freire

Minha experiência com a prática avaliativa começou na escola, no 6º ano (antiga 5ª série), quando fui reprovada em Matemática. Na época, não me importei muito, pois não entendia a importância disso em minha vida. Nasci em Novo Alegre Tocantins e logo após a reprovação, fui morar em Arraias com minha irmã, que precisava de ajuda com seu filho recém-nascido enquanto concluiu a faculdade de pedagogia. Ela é professora do Estado e lecionava para turmas de 4º ano. Três anos depois, no 7º ano, fui reprovada novamente em Matemática. Antes da reprovação, houve um momento destinado à recuperação, mas o professor não ensinava o conteúdo. Ele apenas marcava o dia, a hora e os objetos de conhecimento que cairiam na prova. Considerando que durante todo o ano eu não havia conseguido aprender Matemática, era

improvável que uma simples prova de recuperação pudesse me tirar daquela situação.

Com a reprovação anunciada, senti profundo impacto, pois, desta vez, eu estava mais madura. Enquanto meus amigos seguiram em frente, eu fiquei para trás. Esse episódio me marcou profundamente, primeiro porque eu tinha excelentes notas nos outros componentes curriculares e, segundo, porque me senti incapaz de aprender a temida Matemática.

Durante minha trajetória escolar, já no ensino médio, ocorreu um episódio inusitado na disciplina de Arte. O professor pediu que realizássemos uma redação sobre o que víamos no quadro negro, porém, não havia nada escrito. Entendi que deveríamos imaginar e, ao final, ler nossa redação para a turma.

Então, eu comecei a relatar em minha redação todos os acontecimentos, desde a entrada do professor até a proposta da atividade. Ao concluir e ler minha redação em voz alta, o professor me expulsou da sala de aula, alegando que eu havia sido desrespeitosa ao mencionar que o quadro negro estava vazio, afirmei ainda que eu precisava urgentemente de um oculista ou que ele, o professor, precisava de um psicólogo.

Fui expulsa porque o professor não aceitou minha liberdade de pensamento. Nesse momento, senti que não fui bem avaliada. Todos esses eventos me fizeram refletir, anos depois, sobre o verdadeiro papel da avaliação no ensino.

Terminei o ensino médio com mais de 17 anos devido às duas reprovações que enfrentei ao longo da vida escolar. Sou filha de pais com baixa escolaridade - meu pai tinha pouco estudo e minha mãe foi alfabetizada já adulta, após criar os filhos. Nesse contexto, éramos nós, os filhos, que auxiliávamos minha mãe nas tarefas escolares.

Apesar de sua condição, minha mãe nunca negligenciou o acompanhamento de nossas atividades escolares. À sua maneira, ela nos orientava a fazer as atividades e sempre cobrava um bom comportamento e respeito aos professores.

Concluí o ensino médio em 2001 e logo em seguida prestei vestibular, sendo aprovada para o curso de Pedagogia na Universidade Federal do Tocantins (UFT). Seguindo os passos da minha irmã mais velha, com quem fui morar, tornei-me professora em 2006.

Nessa época, ministrava aulas de diversas disciplinas, como Ciências, História, Filosofia, Sociologia, Ensino Religioso, Arte e Língua Portuguesa. Foi durante as aulas de Ciências que percebi minha paixão pela área e, então, retornei ao cenário acadêmico para obter uma nova formação, desta vez em Biologia.

Ao transitar de aluna para a posição de professora, trouxe em minha bagagem uma nova concepção de avaliação. Durante a minha vigência como professora, percebi que a dimensão da avaliação vai muito além de notas; ela se configura como um processo contínuo e primordial para o desenvolvimento dos estudantes. Como Perrenoud (2016) aponta, a avaliação deve ser um acompanhamento constante, e não apenas um veredito final. Inspirada por essa visão e pelas palavras de uma coordenadora que sempre dizia "temos que valorizar os pequenos nadas do nosso aluno", passei a valorizar cada pequeno progresso dos meus alunos. Ou seja, dei atenção aos "pequenos nadas" - aqueles detalhes que mostram o avanço diário e silencioso da aprendizagem, e não apenas aos grandes resultados. Para aprimorar minha performance como professora, tive ao meu lado excelentes professores e coordenadores pedagógicos que me auxiliaram e me ajudaram a ser quem sou hoje.

O pensamento de Saviani (2003) se reflete em minha prática, pois vejo o processo avaliativo como uma observação constante das estratégias de ensino e uma oportunidade de repensar e melhorar constantemente os métodos de ensino. Como dizia uma outra coordenadora que tive, "se o aluno não aprendeu, é porque eu não os ensinei adequadamente".

Essa visão me faz refletir constantemente minhas práticas pedagógicas, buscando formas mais efetivas de ensinar e

acompanhar a aprendizagem dos alunos. Dessa forma, acredito que a avaliação deve ser uma ferramenta para o aprimoramento do processo de ensino-aprendizagem, e não apenas um meio de atribuir notas.

Na sala de aula, acredito que a avaliação formativa é uma ferramenta poderosa capaz de transformar o processo de aprendizagem. Como afirma Luckesi (2011), é através dessa abordagem que conseguimos entender melhor as necessidades de cada aluno e ajustar nossas práticas para atendê-los de forma mais eficaz.

Sob essa perspectiva, busco aplicar esse entendimento ao meu trabalho, usando a avaliação como um diagnóstico contínuo para identificar onde cada aluno precisa de mais apoio e onde estão prosperando. Isso me permite refletir constantemente sobre minha prática e, ainda, criar um ambiente de ensino mais inclusivo e personalizado, no qual cada criança se sinta valorizada e acompanhada. Dessa forma, espero que situações como as que ocorreram comigo ao longo de minha trajetória escolar sejam cada vez menos frequentes. Meu objetivo é utilizar a avaliação como uma ferramenta para o aprimoramento do processo de ensino-aprendizagem, e não apenas como um meio de atribuir notas. Todos esses anseios e a busca pela equidade no ensino fazem parte constante da minha trajetória como docente na Educação Básica. Estou sempre em busca do melhor para meus alunos.

Para concluir este relato, trago o pensamento de Libâneo (1994), que nos alerta sobre o risco de se cair em práticas avaliativas que apenas controlam, em vez de emancipar. Assim, busco quebrar essa corrente, incentivando uma avaliação que promova a autonomia dos estudantes e os envolva em seu próprio processo de aprendizagem.

Minha experiência como aluna que enfrentou dificuldades foi a minha inspiração para criar uma sala de aula mais acolhedora, onde as falhas não são motivos para punição, mas uma oportunidade de

aprender. Converso sempre com meus alunos orientando-os a verem suas falhas como oportunidades de crescimento, frisando sempre que se não aprendeu, ainda vai aprender, se eu não ensinei, ainda vou ensinar e que se eles não aprenderam, é porque não os ensinei. Assim, a avaliação se torna um instrumento para ensinar não apenas conteúdos, mas também resiliência, reflexão e autoconhecimento, promovendo um ensino mais humano e atento às particularidades de cada aluno.

Referências

- PERRENOUD, Phillipe. **Avaliação:** da excelência à regularização das aprendizagens: entre duas lógicas. Porto Alegre, Artmed, 1998.
- LIBÂNEO, J. C. (1994). **Didática.** São Paulo: Cortez Editora.
- SAVIANI, Dermeval. **Pedagogia histórico-crítica:** primeiras aproximações. 11. ed. rev. Campinas: Autores Associados, 2011.
- LUCKESI, Cipriano Carlos. **Avaliação da aprendizagem escolar:** estudos e proposições. 12. ed. São Paulo: Cortez, 2011. 262 p. ISBN 85-249-0550-6.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia:** Saberes necessários à prática educativa. 25ª Ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

ENTRE DESAFIOS E CONQUISTAS

Uma jornada de transformação pela educação

Bianca Jenifer de Sá da Silva

Meu nome é Bianca Jenifer de Sá da Silva, nascida em 1998. Desde muito cedo, demonstrei um profundo interesse pela educação e pelo ambiente escolar. Minhas primeiras memórias estão ligadas ao desejo intenso de frequentar a escola, que surgia toda vez que minha mãe levava minha irmã para estudar, enquanto eu permanecia em casa. Esse desejo foi concretizado aos 4 anos de idade, quando ingressei no antigo jardim de infância do Colégio Adventista, na unidade da região Norte de Palmas.

Minha vivência nesta escola marcou os primeiros passos de uma jornada educacional que traria muitos aprendizados e descobertas. Permaneci na instituição até a 4ª série, um período que considero fundamental para a construção de minha base acadêmica e emocional. Após essa etapa, dei continuidade aos estudos no Colégio Adventista da região Sul de Palmas, onde ingressei no 5º ano. Essa mudança de unidade trouxe desafios

naturais de adaptação, mas também significou o início de alguns dos anos mais felizes de minha vida escolar.

No Colégio Adventista da região Sul, vivi experiências únicas que moldaram minha personalidade. Fiz amigos que marcaram profundamente minha trajetória, participei de atividades extracurriculares, eventos e projetos escolares que me ensinaram a importância da colaboração, do respeito e da criatividade. Esse período foi, sem dúvida, um alicerce para minha formação como aluna e, mais tarde, como professora. Permaneci na escola até a conclusão da 8ª série (atual 9º ano), levando comigo memórias valiosas e uma visão otimista sobre a educação.

Após concluir o ensino fundamental, ingressei no ensino médio com grandes expectativas e sonhos. Iniciei o 1º ano no Colégio Específico, uma instituição que já não existe mais. Entretanto, apesar das boas condições da escola, permaneci apenas um ano, pois sentia que aquele ambiente não correspondia às minhas necessidades acadêmicas e pessoais.

Em 2015, decidi mudar para o Colégio Dom Bosco para cursar o 2º ano do ensino médio. Esse foi um momento significativo na minha trajetória educacional, pois buscava me reestruturar academicamente. Contudo, enfrentei meu primeiro grande desafio: a reprovação no 2º ano. Esse acontecimento trouxe um impacto emocional forte, mas também me permitiu refletir sobre minha postura enquanto aluna e as mudanças necessárias para meu progresso.

Após a reprovação, optei por transferir para outra unidade do Colégio Dom Bosco, na tentativa de me sentir mais acolhida. Essa escolha foi motivada principalmente pelo desejo de estudar na mesma sala que minha prima, uma pessoa com quem sempre tive uma conexão especial e que representava um apoio emocional importante naquele momento de incertezas. Contudo, minha adaptação não foi como esperava, e, depois de dois semestres, decidi mudar novamente de escola.

O contexto financeiro da minha família também influenciou essa decisão. Enfrentávamos dificuldades que nos levaram a buscar alternativas mais acessíveis, o que me levou a ingressar em uma escola pública. Essa transição foi marcante, pois representou um verdadeiro choque cultural. O ambiente era completamente diferente do que eu estava acostumada. A dinâmica dos alunos, os recursos limitados e a realidade do ensino público ampliaram minha visão de mundo e me ensinaram lições valiosas sobre resiliência, empatia e diversidade social.

No ano seguinte, comecei a estudar no período noturno para conciliar os estudos com o trabalho. Essa nova rotina trouxe desafios ainda maiores. Conviver com alunos que, como eu, dividiam seu tempo entre trabalho e escola me proporcionou uma nova perspectiva sobre o esforço e a determinação necessários para alcançar objetivos. Terminei o ensino médio com a certeza de que todas essas experiências haviam moldado não apenas minha visão sobre a educação, mas também minha capacidade de superar adversidades.

Em 2018, iniciei a graduação em Farmácia, um curso que sempre despertou meu interesse pela possibilidade de contribuir para a saúde e o bem-estar das pessoas. A vivência na universidade foi repleta de aprendizado e desafios. Contudo, os últimos anos do curso foram marcados pela pandemia de COVID-19, que trouxe mudanças significativas para o ensino superior.

O ensino remoto representou um desafio único. A adaptação às novas tecnologias, a falta do convívio presencial e as incertezas do contexto global demandaram esforço e resiliência. No entanto, o maior desafio pessoal aconteceu em 2021, quando engravidei no último ano da graduação. Conciliar os estudos com a gravidez foi uma experiência intensa e transformadora. Cada etapa concluída simbolizava uma vitória pessoal, especialmente em meio às dificuldades impostas pela pandemia e pelas responsabilidades crescentes de preparar-me para a maternidade.

Após concluir a graduação, senti que minha jornada acadêmica ainda não estava completa. Decidi ingressar no mestrado como forma de me reencontrar enquanto mãe, mulher e profissional. Minha entrada no mestrado começou como aluna especial, cursando uma disciplina isolada que me ajudou a entender o nível de exigência do programa e a me preparar para os desafios. Posteriormente, participei do edital para me tornar aluna regular, um marco importante na minha trajetória.

O mestrado trouxe desafios inéditos, especialmente devido à necessidade de conciliar os estudos com os cuidados de um filho bebê. Enfrentei dificuldades relacionadas ao gerenciamento de horários, ao cansaço físico e à demanda constante de estar presente em múltiplas responsabilidades. Muitas vezes, meus estudos aconteciam durante as noites, após meu filho dormir. Esse esforço me fez perceber que o aprendizado é, de fato, um processo contínuo e adaptável, como preconiza Luckesi (1999), ao afirmar que a avaliação deve ser compreendida como um ato amoroso que promove crescimento.

As leituras e reflexões durante o mestrado aprofundaram minha visão sobre o papel da educação e da avaliação na formação humana. Inspirada pelas ideias de Luckesi, percebi que a avaliação não deve ser apenas um instrumento para medir desempenho, mas um recurso que favorece o desenvolvimento integral do indivíduo. Essa concepção ressoou profundamente em minha prática acadêmica e reforçou minha determinação em atuar de maneira transformadora no magistério.

O mestrado não foi e está sendo apenas uma etapa acadêmica, mas um símbolo de superação, resiliência e transformação pessoal. Ele reafirmou minha paixão pela educação e meu compromisso em contribuir para a formação de outros. Hoje, ao olhar para minha trajetória, reconheço que cada desafio, cada transição e cada conquista me prepararam para ser a profissional que sou e me inspiram a continuar aprendendo e ensinando, com a

certeza de que a educação é o mais poderoso agente de transformação social.

Referências

HAYDT, R. C. **Avaliação do processo Ensino-Aprendizagem**. São Paulo: Editora Ática: 6a ed., 2007.

LUCKESI, Cipriano Carlos. **Avaliação da aprendizagem escolar: estudos e proposições**. 12ª ed. São Paulo: Cortez, 1999.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

POLLARD, Elizabeth; DAVIDSON, Michele. **Foundations of Nursing in the Community: Community-Oriented Practice**. Elsevier Health Sciences, 2008.

Francisco Gilson Rebouças Porto Junior (Gilson Pôrto Jr.)

Doutor em Comunicação e Culturas Contemporâneas pela Universidade Federal da Bahia (UFBA). Mestre em Educação pela Universidade de Brasília (UnB). Bacharel em Comunicação Social/Jornalismo pelo Centro Universitário Luterano de Palmas (CEULP-ULBRA) e licenciado em Pedagogia pela UnB. Professor do Programa de Pós-Graduação em Ensino de Ciências e Saúde (PPGECS-UFT), do Programa de Pós-Graduação em Ciências, Tecnologia e Inclusão (PGCTIn-UFF), do Programa de Pós-Graduação em Museologia (PPGMuseu-UFBA) e do curso de Pedagogia da Universidade Federal do Tocantins (UFT). Coordenador do Núcleo de Pesquisa e Extensão Observatório de Pesquisas Aplicadas ao Jornalismo e ao Ensino (OPAJE-UFT).

José Lauro Martins

Formado em filosofia, doutor em Ciência da Educação. Professor associado na Universidade Federal do Tocantins.

<http://lattes.cnpq.br/7354216451141231>

<https://orcid.org/0000-0001-7817-8165>

Email: jlauro@mail.uft.edu.br

Amanda Carvalho Nogueira

Mestranda em Ensino em Ciências e Saúde pela Universidade Federal do Tocantins (UFT). Graduada em enfermagem pela Faculdade de Ensino Superior da Amazônia Reunida Afya (FESAR/Afya). Especialista em Gestão Pública na Educação Profissional e Tecnológica pelo Instituto Federal de Santa Catarina (IFSC). Especialista em Docência para a Educação Profissional e Tecnológica

pelo Instituto Federal do Espírito Santo (IFES). Vinculada ao Grupo de Estudos e Pesquisas em Ensino em Saúde na Amazônia Legal (GEPESAL-UFT).

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-8158-4911>

Link do Lattes: <http://lattes.cnpq.br/7152514223425386>

E-mail: amandacarvalhonogueira22@gmail.com

Amanda Cristina Gonçalves Dias

Psicóloga, CRP 23/1926, Mestranda em Ensino em Ciências e Saúde pela Universidade Federal do Tocantins, Especialista em Saúde da Família e Comunidade pela Fundação Escola de Saúde de Palmas e Especialista em Psicologia em Saúde Mental pela Universidade Cidade Verde.

ORCID: <https://orcid.org/0009-0001-5459-7821>

Link do Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0404024690631568>

E-mail: goncalves.dias@mail.uft.edu.br

Antonio Gibran de Almeida Cardoso

Mestrando em Ensino em Ciências e Saúde pela Universidade Federal do Tocantins (UFT). Profissional em Educação Física. Professor Universitário. Pesquisador do grupo Healthy-Bra.

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-6099-2908>

Link do Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4815308989327746>

E-mail: almeidagibran@gmail.com

Bianca Jenifer de Sá da Silva

Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Ensino em Ciências e Saúde da Universidade Federal do Tocantins. Bacharel em Farmácia. Farmacêutica da Universidade da Maturidade - UFT.

ORCID: [0000-0002-5962-7348](https://orcid.org/0000-0002-5962-7348)

Link do Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1874341968378232>

E-mail: bianca.jenifer@mail.uft.edu.br

Claudia Aparecida Godoy Rocha

Enfermeira, Mestranda pelo Programa de Pós-Graduação em Ensino em Ciências e Saúde (PPGECS)/UFT.

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-6069-4831>

Link do Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5168963699491604>

E-mail: claudia.godoy@mail.uft.edu.br

Clay Marinângelo Miranda Rios

Mestrando em Ensino em Ciências e Saúde. Licenciado em Educação Física pela ULBRA - Palmas. Servidor Público da Rede Estadual de Educação.

ORCID: <https://orcid.org/0009-0000-9244-7413>

Link do Lattes: <https://lattes.cnpq.br/7259913538872502>

E-mail: clay.rios@mail.uft.edu.br

Cleber Queiroz Leite

Mestrando em Ensino em Ciências e Saúde. Bacharel em Medicina, Farmácia e Biomedicina. Docente do Curso de Medicina na Faculdade de Ensino Superior da Amazônia Reunida – FESAR e na Faculdade Integrada Carajás – FIC.

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-7847-1166>

Link do Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2045463977123047>

E-mail: cleberqueiroz05@hotmail.com

Délcio Aparecido Durso

Mestrando em Ensino em Ciências e Saúde. Graduado em Medicina. bacharelado em Ciências Biológicas. Professor do curso de medicina UNIRG-campus Paraíso de TO.

ORCID: <https://orcid.org/0009-0001-7328-5532>

Link do Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2094290936123475>

E-mail: delciodurso@uft.edu.br

Diêgo Monteiro de Queiroz

Mestrando em Ensino em Ciências e Saúde (UFT), Especialização em Matemática Financeira e Estatística (FINOM), Bacharel em Administração de Empresas (INESC) e Licenciado em Matemática (UNINCOR). Sou professor da Educação Básica desde 2009 e atualmente sou técnico pedagógico na Secretaria de Educação do Estado do Tocantins (SEDUC-TO) e professor de Matemática no Colégio Uperimm, em Palmas-TO.

ORCID: <https://orcid.org/0009-0008-3327-7299>

Link do Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9886212791748268>

E-mail: monteiro.diego@mail.uft.edu.br

Dayana Sales Rodrigues

Mestranda em Ensino em Ciências e Saúde do PPGECS-UFT. Especialista em Urgência, Emergência e UTI, Especialista em Enfermagem em UTI Neonatal e Pediátrica, Graduação em Enfermagem (2014). Enfermeira assistencialista e Coordenadora da Unidade de Tratamento Intensivos Neonatal (UTIN) e Unidade de Cuidados Intermediários Neonatal (UCIN), do Hospital Regional de Conceição do Araguaia-Pará (2016 - atual). Professora Adjunta do Curso de Enfermagem da Universidade do Estado do Pará (UEPA).

ORCID: <https://orcid.org/0009-0000-7536-0084>

Link do Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2338308698242318>

E-mail: dayana.sales@mail.uft.edu.br

Douglas Alves da Silva Santos

Mestrando em Ensino em Ciências e Saúde. Bacharel em Fisioterapia. Funcionário Público.

ORCID: <https://orcid.org/0009-0005-0808-1997>

Link do Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9001634138672048>

E-mail: santos.douglas@mail.uft.edu.br

João Paulo Borges de Moraes

Mestrando em Ensino em Ciências e Saúde pela Universidade Federal do Tocantins (UFT).

João Pedro Sousa Lima

Mestrando em Ensino em Ciências e Saúde. Bacharel em Psicologia pela UNIFSA. Professor no curso de psicologia na FVC.

ORCID: <https://orcid.org/0009-0004-6613-6872>

Link do Lattes: <https://lattes.cnpq.br/9189756296653459>

E-mail: joaopedro1.886@gmail.com

Jorge Cardoso Dias

Cineasta, documentarista e fotógrafo, graduado em jornalismo pela Universidade Federal do Tocantins, pós-graduado em assessoria e gestão da comunicação pela UniBF. Mestrando em Ensino em Ciências pelo PPGCS – UFT.

ORCID: <https://orcid.org/0009-0001-7909-0621>

Link do Lattes: <https://lattes.cnpq.br/0491653834277827>

E-mail: jorgecardoso@uft.edu.br

Josimar Macedo Leal

Mestrando no Programa de Pós-graduação em Ensino em Ciências e Saúde da Universidade Federal do Tocantins. Possui Graduação em Gestão de Recursos Humanos pela Universidade Norte do Paraná (2010), Pós-graduação em Gestão Pública pela Faculdade Fortium (2011), Graduação em Educação Física pela Universidade Norte do Paraná (2017) e Graduação em Pedagogia pelo Centro de Ensino Superior de Maringá (2020). Atualmente é Técnico Administrativo em Educação. Tem experiência na área de Educação, com ênfase em Administração Educacional.

ORCID: <https://orcid.org/0009-0001-3996-9738>
Link do Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0559701019338894>
E-mail: josimar@uft.edu.br

Jucimar Souza Ribeiro

Mestrando em Ensino em Ciências e Saúde pela Universidade Federal do Tocantins. Bacharel em Psicologia pela ULBRA (Universidade Luterana no Brasil), Licenciado em Filosofia pela PUC (Pontifícia Universidade Católica de Goiás), Licenciado em Pedagogia pela UNITINS (Universidade Estadual do Tocantins- UaB), Graduado em Teologia pelo CES (Centro de Estudos Superiores Mater Dei em Palmas -TO). Pós- Graduado em MBA em Recursos Humanos pela UNINTER- FACINTER, e Especialização em Psicopedagogia Clínica e Institucional pela UNINTER- FACINTER. Atualmente trabalho como Psicólogo, na Gerência de Educação Inclusiva e Atenção Socioemocional na SEMED em Porto Nacional -TO.

Link do Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5791043660770821>
E-mail: jucimarsouzaribeiro@gmail.com

Juliana Girardello Kern

Mestranda em Ensino de Ciências e Saúde pela Universidade Federal do Tocantins (PPGECS-UFT), Especialista em Ecoturismo (IBPEX) e Licenciada em Biologia pelas Faculdades Integradas Espírita. Professora da Rede Estadual de Ensino.

ORCID: <https://orcid.org/0009-0004-3906-3057>
Link do Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9139564581700666>
E-mail: juliana.kern@mail.uft.edu.br

Kátia Gonçalves Dias

Mestranda no Programa de Mestrado em Ensino em Ciências e Saúde na Universidade Federal do Tocantins, vinculada ao Grupo de Pesquisa Gestão da Aprendizagem e Inovação (GAPI/CNPQ). Possui licenciatura e bacharelado em Educação Física (2007), graduação em

Pedagogia (2019), e Bacharelado em Nutrição (2021). Especialista em diversas áreas, como em Educação Física com ênfase em treinamento desportivo e Nutrição e Atividade Física na Saúde e Tratamento de Doenças. Tem 17 anos de experiência na docência, atualmente é professora da rede estadual de educação do Tocantins.

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-9283-0615>

Link do Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1525339744153149>

E-mail: katia.dias@mail.uft.edu.br

Klauren Mendonça Rezende Arantes

Mestranda do Programa de Pós-graduação em Ensino em Ciências e Saúde (PPGECS-UFT). Especialização em Educação na Saúde para Preceptores do SUS pelo Hospital Sírio-Libanês. Especialização em Gestão em Saúde pela UFT. Especialização em Enfermagem Obstétrica pelo CEULP-ULBRA. Especialização em Educação Profissional na Área da Saúde: Enfermagem pela ENSP-FIOCRUZ. Especialização em Saúde da Família pelo IBPEX. Bacharel em Enfermagem e Obstetrícia pela PUC-GO.

ORCID: <https://orcid.org/0009-0000-1134-0666>

Link do Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2874915673507286>

E-mail: klauren.mendonca@mail.uft.edu.br

Luciene Ferreira da Cunha

Mestranda em Ensino de Ciências e Saúde (UFT), especialista em Educação Ambiental e Sustentabilidade (Facuminas) e no Ensino de Ciências e Matemática (IF Goiano), sou professora da Educação Básica e ministro as disciplinas de Ciências e Biologia no Estado de Goiás e Tocantins.

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-9483-8351>

Link do Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1976554476938585>

E-mail: lucienecunha@mail.uft.edu.br

Maria Dilce Wania Rodrigues de Almeida do Nascimento

Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Ensino em Ciências e Saúde. Graduada em Enfermagem pela CEULP/ULBRA. Professora dos Cursos de Enfermagem e Medicina e Coordenadora Acadêmica da FAPAC ITPAC/PORTO.

ORCID: <https://orcid.org/0009-0000-6551-6970>

Link do Lattes: lattes.cnpq.br/5994971967698744

E-mail: dilcedonascimento@hotmail.com

Marilene da Silva Moura

Mestranda no programa de Mestrado em Ensino em Ciências e Saúde (PPGECS) da Universidade Federal do Tocantins - UFT. Vinculada ao Grupo de Pesquisa Gestão da Aprendizagem e Inovação (GAPI/CNPQ). Licenciada em História e Pedagogia e pós graduada em História e Cultura Afro-Brasileira e Psicopedagogia Educacional em Educação Especial Inclusiva. Professora na rede pública municipal de Araguaína/TO desde 2007, onde atualmente ocupa o cargo na coordenação pedagógica da Escola Municipal Gentil Ferreira Brito.

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-5457-6679>

Link do Lattes: <https://lattes.cnpq.br/0876039144363080>

Email: marilene.moura@mail.uft.edu.br

Marli da Silva Pimentel

Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Ensino em Ciências da Saúde da Universidade Federal do Tocantins (UFT). Bacharel em Enfermagem pela UGF. Professora da disciplina Epidemiologia, Estatística e Vigilância na ULBRA.

ORCID: <https://orcid.org/0009-0003-1407-844X>

Link do Lattes: <https://lattes.cnpq.br/0460889055377163>

E-mail: marli.pimentel@mail.uft.edu.br

Nailson Pereira Ribeiro

Casado com Natália Couto Fernandes e Pai do Lorenzo e da Aurora. Professor Universitário e Mestrando em Ensino em Ciências e Saúde (UFT). Especialista em Psicologia Clínica e Docência do Ensino Superior, Psicanalista e Terapeuta Familiar, Bacharel em Teologia, e Graduado e Especialista em História.

ORCID: <https://orcid.org/0009-0000-8160-8525>

Link do Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1239896910194154>

E-mail: nailson.ribeiro@mail.uft.edu.br

Wyttória Régia Neves da Conceição Duarte

Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Ensino em Ciências e Saúde (PPGECS) pela UFT. Bacharel em Enfermagem pela Universidade Estadual do Tocantins. Preceptora no Programa de Residência Multiprofissional de Saúde da Família e Comunidade - FESP. Especialista em Saúde da Família e Comunidade pela FESP/ULBRA modalidade Residência. Atuante nas causas femininas. Possui experiência na área de Enfermagem, com ênfase em ciências da saúde, atuando principalmente no seguinte tema: saúde pública, saúde mental, saúde da mulher e saúde da família.

ORCID: <https://orcid.org/0009-0003-3699-9450>

Link do Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8843724384989364>

E-mail: wyttoria.regia@mail.uft.edu.br

ESPAÇOS E MEMÓRIAS DAS APRENDIZAGENS

Organizadores:
Gilson Pôrto Jr.
José Lauro Martins



ISBN: 978-6-59844-997-1

